



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
(PPGCIInf)

**CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE OBRAS RARAS ADOTADOS EM
BIBLIOTECAS DO DISTRITO FEDERAL**

FERNANDO SILVA

BRASÍLIA
2011



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
(PPGCIInf)

**CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE OBRAS RARAS ADOTADOS EM
BIBLIOTECAS DO DISTRITO FEDERAL**

Fernando Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciência da Informação

Orientador: Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha

Brasília
2011

Dedico este trabalho à memória de minhas duas mães:
Isolda Maria da Silva e Luzia Maria de Jesus, que não me
ensinaram todas as coisas que sei, mas certamente ensinaram as
mais importantes.

AGRADECIMENTOS

Papai e Dadá, pelo apoio, sempre.

Marília, minha agora quase esposa, por estar ao meu lado e ter tornado minha vida muito mais feliz nesses últimos anos.

Professor Murilo Bastos da Cunha, pela orientação firme e segura, indispensável para o bom andamento deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, professora Dulce Maria Baptista e Miguel Ángel Márdero Arellano pelas valorosas contribuições e Miriam Manini, suplente da banca, pelo apoio.

Martha e Jucilene, da secretaria da FCI.

Edson Nery da Fonseca, Agenor Briquet de Lemos e Rízio Bruno Sant'ana, por terem respondido a entrevista que complementou o referencial teórico.

Aos bibliotecários que responderam a entrevista e puderam dispor de seu tempo para ajudar a minha pesquisa.

Attila Blacheyre, pela revisão do texto.

Aos meus amigos Gil Nunes e Fábio Farias Botelho, pelos incontáveis grandes momentos pelos quais passamos.

Aos colegas da BCE, que contribuíram para que este trabalho fosse concluído.

Anabell, por estar sempre comigo nos últimos 5 anos.

“It was the best of times, it was the worst of times, it was the age of wisdom, it was the age of foolishness, it was the epoch of belief, it was the epoch of incredulity, it was the season of Light, it was the season of Darkness, it was the spring of hope, it was the winter of despair, we had everything before us, we had nothing before us, we were all going direct to Heaven, we were all going direct the other way.”

Dickens

RESUMO

Definir o que pode ser considerado uma obra rara não é uma tarefa simples. Embora constantemente as obras raras estejam associadas unicamente à idade do material, em certas ocasiões aspectos mais sutis, como erros de impressão, ou aspectos de ornamentação do suporte, como a encadernação, podem tornar uma obra rara. Em bibliotecas, existe o valor institucional do material, em que se pesa o valor da obra em determinado contexto. Esta pesquisa buscou levantar conceitos que busquem a definição de critérios para caracterização de uma determinada obra como rara. Para tanto, em uma primeira etapa, foram pesquisadas as literaturas que forneciam dados para o estabelecimento de critérios de raridade, bem como especialistas no assunto, com o intuito de fornecer uma visão interdisciplinar da área. Em uma segunda etapa pretendeu-se realizar uma pesquisa entre bibliotecários responsáveis por coleções no Distrito Federal, com o intuito de verificar se os conceitos verificados na literatura são aplicados na prática de seleção nessas instituições. Foram pesquisadas ao todo oito instituições, sendo a pesquisa realizada in loco. Os resultados revelaram que, entre as bibliotecas pesquisadas, os critérios para a seleção de obras raras adotados variaram muito, o que chama a atenção principalmente para o fato de que em muitos casos existe o valor local, ou seja, aquelas obras que possuem valor somente na própria instituição. Outro fator relevante constatado foi a ausência de critérios de seleção em algumas bibliotecas, fato preocupante pois esse documento é a base para uma seleção de obras raras eficiente. Constatou-se também a ausência de cursos de formação em obras raras por parte dos bibliotecários responsáveis pelas coleções, fato que pode ser explicado pelo baixo número de cursos disponíveis sobre o assunto no Brasil.

Palavras-chave: Bibliofilia. Biblioteconomia de obras raras. Coleccionismo. Coleções de obras raras – Distrito Federal. Seleção de obras raras.

ABSTRACT

To define what can be considered a rare book is not a simple task. Although rare books are constantly related to the age of the material, sometimes more subtle aspects such as printing errors, or ornamental aspects of mediums, like binding, may be a rare work. In libraries, there is the institutional value of the material, which weighs the value of work in a given context. This research contains some concepts to define criteria to characterize a rare work. To do so, in a first phase, we surveyed the literature that provided data to establish criteria of rarity, as well some specialists. In a second step we intend to conduct a survey among librarians of rare book collections in Distrito Federal, Brazil, in order to verify if the concepts found in the literature are applied in those institutions. We surveyed eight institutions, and the research was made in loco. The results revealed that among the institutions the criteria for selection of rare books adopted varied greatly from institution to institution, which draws attention mainly to the fact that in many cases there is a local value, ie, those works that have value only in the institution itself. Another relevant factor noted was the absence of selection politics in some libraries, a worrisome because this document is the basis for an efficient selection of rare books. The survey revealed also a lack of training courses in rare books by the librarian responsible for collections, which may be explained by the low number of available courses on this subject in Brazil.

Keywords: Bibliophily. Collecting. Rare books collections – Distrito Federal. Rare books librarianship. Selection of rare books.

LISTA DE SIGLAS

BN – Biblioteca Nacional

BNB – Biblioteca Nacional de Brasília

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CD – Câmara dos Deputados

DF – Distrito Federal

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

LISA – Library Information Science Abstracts

MJ – Ministério da Justiça

PLANOR – Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras

SF - Senado Federal

SIBI - Sistema de Bibliotecas da Universidade de São Paulo

STF – Supremo Tribunal Federal

STJ – Superior Tribunal de Justiça

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

UNB – Universidade de Brasília

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 1.....	65
Quadro 2: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 2	66
Quadro 3: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 3	67
Quadro 4: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 4	70
Quadro 5: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 5	71
Quadro 6: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 6.....	73
Quadro 7: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 7	74
Quadro 8: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 8	76
Quadro 9: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 9	78
Quadro 10: Comparativo entre bibliofilia e biblioteconomia de obras raras.	81
Quadro 11 Desenho da pesquisa	85
Quadro 12: Bibliotecas selecionadas para a pesquisa	86
Quadro 13 Objetivos x variáveis	89
Quadro 14 – Quadro comparativo de respostas do Bloco A	103
Quadro 15 – Quadro comparativo de respostas do Bloco B	108
Quadro 16 – Quadro comparativo de respostas do Bloco C	116
Quadro 17 – Quadro comparativo de respostas do Bloco D	119
Quadro 18 – Quadro comparativo de respostas do Bloco E	127
Quadro 19 – Quadro comparativo de respostas do Bloco F	129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Xilogravura de Albrech Dürer	9
Figura 2 Monge copista no scriptorium, sala destinada à cópia de livros.....	15
Figura 3 Site Via Libri	22
Figura 4 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.....	28
Figura 5 Sala de obras raras	29
Figura 6 Laboratório de digitalização da Biblioteca Nacional.....	31
Figura 7 Laboratório de digitalização: Brasiliana Digital	32
Figura 8 Tradução de Baudelaire para a obra de Poe	44
Figura 8 Queima de livros na Alemanha, em 1933	45
Figura 9 Página do livro conhecido como The black hours	54
Figura 10 Capa da Action Comics #1	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 OBJETIVOS.....	3
1.3 JUSTIFICATIVA.....	3
2. REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DO COLECIONISMO E BIBLIOFILIA.....	5
2.1.1 COLECIONISMO.....	6
2.1.2 BIBLIOFILIA E BIBLIOMANIA.....	11
2.2 AS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS	19
2.2.1 AQUISIÇÃO	21
2.2.2 REUNIR OU DISPERSAR?	25
2.2.3 A COLEÇÃO DE OBRAS RARAS COMO FERRAMENTA DE <i>MARKETING</i>	27
2.2.4 IMPORTANTES COLEÇÕES DE OBRAS RARAS EM INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS.....	28
2.2.5 BIBLIOTECAS DIGITAIS DE OBRAS RARAS.....	29
2.2.6 Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR).....	33
2.3 A SELEÇÃO DE OBRAS RARAS.....	34
2.3.1 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE OBRAS RARAS	39
2.3.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	57
2.3.3 ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS.....	59
2.4 OPINIÃO DE ESPECIALISTAS	61
2.5 CONCLUSÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO	77
3. METODOLOGIA.....	82
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	82
3.2 REFERENCIAL TEÓRICO	82
3.3 DESENHO DA PESQUISA.....	84
3.4 UNIVERSO DA PESQUISA.....	84
3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	86
3.6 VARIÁVEIS.....	87
3.7 PRÉ-TESTE.....	89
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	90
5 CONCLUSÕES	132
6 SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS.....	135

7 RECOMENDAÇÕES	136
REFERÊNCIAS.....	138
ANEXO I – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	145
ANEXO II - CRITÉRIOS ADOTADOS NA BIBLIOTECA DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA	148
APÊNDICE I – ROTEIRO DA ENTREVISTA – ESPECIALISTAS.....	148
APÊNDICE II – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – BIBLIOTECÁRIOS DE COLEÇÕES DE OBRAS RARAS DO DF	149

1. INTRODUÇÃO

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A arte de colecionar livros é quase tão antiga quanto o próprio surgimento do livro.

Ao longo dos séculos, em várias épocas e culturas, o homem procurou acumular o patrimônio intelectual que era produzido, desde tábuas de argila até livros modernos em edições de luxo. Naturalmente, várias foram as perseguições impostas aos livros na história da humanidade, o que os tornou, ao mesmo tempo, objetos de ódio por parte daqueles que detinham o poder e de desejo para aqueles dispostos a arriscar a própria vida em prol do amor aos livros. Em outros casos, simples erros de impressão causaram constrangimentos sem precedentes, como o de uma bíblia inglesa do século XVI quando, na impressão dos Dez Mandamentos, por engano suprimiu-se o “Não” de “Não cometerás adultério”. De certa forma, essas desventuras pelas quais o livro passou agregaram a ele um determinado valor, transformando-o no que hoje chamamos de livro raro.

Mas afinal, o que é o livro raro? Definições de diversos autores são consideradas para uma resposta universal ao tema, sem no entanto, haver um consenso entre os teóricos. Com segurança, podemos afirmar apenas aquilo que o livro raro não é. O livro raro nem sempre é aquela típica edição francesa do século XIX, sobre um assunto desinteressante e de autoria inexpressiva, produzida aos milhares em tipografias oitocentistas parisienses e que permaneceram encalhadas por tanto tempo em alfarrábios europeus. É comum ao leigo referir-se ao livro raro como sendo meramente o livro antigo, ou mais pejorativamente, o livro velho. Naturalmente a idade do livro é um importante fator a se considerar, no entanto, não é o único a ser levado em conta quando tratamos do tema.

Muitas das vezes, o que torna a obra rara são aspectos mais sutis, como um erro de impressão (como o da bíblia inglesa citada), ou fatores mais subjetivos, como a primeira edição de autores renomados (existe sempre a discussão de que até que ponto significa esse renome possui significância).

Mesmo esses fatores não são totalmente fixos e isentos de mudança, como afirma Pinheiro, em sua obra *O que é livro raro*:

“A adoção desta metodologia de abordagem alternativa na determinação de critérios de raridade bibliográfica não vai, certamente, estabelecer princípios irremovíveis, porque parte-se da premissa de que não existe uma realidade objetiva empiricamente determinável; suas suposições adequam-se [sic] ao contexto, ao momento crítico, à situação particular.” (Pinheiro, 1989, p. 33)

O responsável pela guarda dessas preciosas coleções nas bibliotecas brasileiras é, muitas das vezes, um profissional que se vê obrigado a especializar-se no tema no dia-a-dia, não tendo, na maioria dos casos, um preparo formal ou adequado para o trabalho cotidiano com a coleção, visto que os currículos das universidades brasileiras não contemplam a preparação desse profissional. Essa ausência de preparo afeta diretamente a seleção do material bibliográfico que irá compor as coleções de obras raras das unidades de informação brasileiras, visto que, além de elaborar os critérios que irão nortear a formação e desenvolvimento do acervo raro, o bibliotecário deverá conhecer minuciosamente a sua coleção, bem como as fontes de informação especializadas da área, como catálogos e bibliografias de livros raros.

Diante do exposto, questiona-se: até que ponto pode-se objetivar os critérios para a definição de uma coleção de obras raras? Qual o conceito de obras raras por parte do bibliotecário, do colecionador e de outras áreas envolvidas na pesquisa e difusão das obras raras? Como são administradas as coleções de obras raras?

Este trabalho pretendeu buscar na literatura respostas às questões acima, por meio do estudo dos conceitos fundamentais relativos à livros raros. Também pretendeu-se estudar critérios adotados por bibliotecas localizadas no Distrito Federal (DF) que possuam coleções de obras raras e ouvir a opinião de especialistas.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

- O objetivo geral desta pesquisa foi identificar as práticas de seleção de obras raras adotados em bibliotecas do Distrito Federal.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos foram:

- Objetivo específico 1: Identificar nas literaturas especializadas os conceitos e históricos das práticas de colecionismo e bibliofilia;
- Objetivo específico 2: Identificar nas literaturas de ciência da informação, bibliofilia, artes, comércio livreiro e áreas correlatas conceitos e características dos critérios de seleção de obra raras;
- Objetivo específico 3: Coletar opiniões de especialistas, com o intuito de fornecer subsídios para complementar a pesquisa realizada nas bibliotecas;
- Objetivo específico 4: Identificar aspectos gerais da coleção e rotina de trabalho das instituições que possuem coleções de obras raras no DF;
- Objetivo específico 5: Identificar junto aos responsáveis pelo acervos de obras raras do DF os critérios adotados para a seleção dessas coleções.

1.3 JUSTIFICATIVA

As coleções de obras raras das unidades de informação brasileiras frequentemente têm seu potencial e importância menosprezado dentro das bibliotecas, o que as torna, não raramente, meros depósitos de livros valiosos, guardados a sete chaves por profissionais que nem sempre preocupam-se com sua disseminação e até mesmo a sua preservação.

As coleções de obras raras, além de seu papel tradicional de preservação da memória, precisam dar fomento à pesquisa e sempre trabalhar entre esses dois eixos, para que seu potencial seja verdadeiramente explorado.

Além disso, a coleção de obras raras pode constituir-se um importante instrumento de *marketing* institucional. É comum entre as bibliotecas que

oferecem serviços de visita orientada, ter em seu setor de obras raras o ponto principal da visita, onde se obtêm o maior grau de interesse dos visitantes.

Para que todo esse potencial seja concretizado, é importante que a coleção se constitua como um acervo bem selecionado, que possua obras notadamente consideradas parte do patrimônio histórico e cultural para o público que a frequenta.

É nesse sentido que esta pesquisa se justifica, para que se tente esclarecer ao profissional da informação as práticas de seleção adotados pelas diversas instituições que abrigam coleções de obras raras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta o referencial teórico utilizado na pesquisa. Foram utilizadas obras encontradas por meio de busca em bases de dados, particularmente bases disponíveis no Portal da CAPES, além de obras disponíveis em bibliotecas do Distrito Federal e artigos encontrados na Internet. Na base de dados LISA (*Library Information Science Abstracts*), especializada em ciência da informação, foram encontrados diversos artigos, o que facilitou a busca desse material em bases que disponibilizavam textos completos. Para a pesquisa na LISA, foi realizada uma busca por assunto, utilizando os termos autorizados *rare materials, antiquarian materials, incunabula, early printed books, illuminated manuscripts, papyri e book selection*. Os livros sobre o assunto foram encontrados em bibliotecas do Distrito Federal, sobretudo a Biblioteca Central da Universidade de Brasília e a biblioteca do IBICT. Foram pesquisados os termos livros raros, história do livro, rare books, entre outros. Além disso, fez-se na Biblioteca Central da UnB uma busca na classe 090.1, notação da Classificação Decimal Universal utilizada para classificar livros raros. As obras pesquisadas abrangem as datas de 1726 a 2009. Notou-se uma carência de material publicado por autores de ciência da informação, sendo a maioria das fontes disponíveis voltadas para a bibliofilia, bibliografia ou história do livro.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DO COLECIONISMO E BIBLIOFILIA

Um objeto, seja ele um livro, um selo, uma obra de arte ou qualquer outro, não é valioso por si só. Portanto, o conceito de objeto valioso depende de uma inspeção e validação preliminar por parte de um grupo. Em se tratando de livros, selos, moedas, obras de arte ou qualquer material, os colecionadores assumiram importantes papéis como validadores da raridade de um objeto. Ao longo deste capítulo, procurar-se-á elaborar uma conceituação e história da coleção de objetos e, mais particularmente, da bibliofilia.

2.1.1 COLECIONISMO

2.1.1.1 Conceito

A relação dos homens com os objetos pode ocorrer de várias formas. A maneira pela qual se dá essa relação será diferente conforme as motivações do próprio indivíduo. A classificação dos objetos segundo níveis foi abordada por Murguia:

“As pessoas se relacionam com os objetos e as coisas de formas de formas diferentes. Num primeiro nível, de forma direta, fazendo prevalecer o valor utilitário desses objetos. Num segundo nível, quando alguns objetos são feitos para agirem produzindo ou modificando outros objetos – como é o caso dos instrumentos e das ferramentas. Um terceiro nível é possível quando vínculos com objetos são estabelecidos por caminhos indiretos, por mediações simbólicas, seja pela linguagem ou por imagens. E, por último, num quarto nível, o caso da acumulação.” (MURGUIA, 2009, p. 89)

É nesse quarto nível, o da acumulação, onde nascem as coleções, às quais estão relacionados os colecionadores. O ato de colecionar objetos, atribuindo a eles ordem e conseqüente valor é denominado, segundo Houaiss (2009, p. 492) colecionamento, ou colecionação. Entre o meio especializado, é comum o uso do neologismo *coleccionismo* para denominar essa prática. Ao longo deste capítulo, utilizar-se-á o substantivo colecionismo, conforme adotado no meio especializado e na literatura da área.

Segundo Belk (1995, p. 52) colecionismo “é o processo de adquirir e possuir coisas de forma ativa, seletiva e apaixonada”. Esses produtos nem sempre são usados para a finalidade para a qual foram construídos. Um colecionador de marcadores de livros, por exemplo, nem sempre utiliza esses marcadores para marcar a sua leitura, assim como um colecionador de latas de cerveja pode nunca ter bebido uma gota da bebida. Os objetos não são usados em sua forma convencional e são tratados como partes de um conjunto. A definição de Belk difere o colecionador do consumidor habitual, visto que ele não consumirá efetivamente os objetos de sua coleção.

Baseado nessas considerações, Baudrillard já havia, em 1968, classificado os objetos em dois grupos, segundo suas funções:

Todo objeto tem duas funções: uma a de ser utilizado e a outra de ser possuído. (...) Essas duas funções estão em razão inversa uma da outra. No limite, o objeto estritamente prático cobra um status social: é a máquina. Ao contrário, o objeto puro, desprovido de função ou abstraído de seu uso, cobra um status estritamente subjetivo. Se converte em objeto de coleção (BAUDRILLARD, 2004, p. 98)

Essa transferência em que o objeto transforma-se em material colecionável modifica também a função primordial do objeto, transformando-o em uma ordem e função estabelecidos pelo colecionador que o possui:

A aquisição de um objeto de uma coleção acarreta a perda de sua funcionalidade, considerando que ele é portador de uma mensagem alheia à sua característica material, recebendo, portanto, uma assinatura do colecionador, não somente no seu sentido de posse, mas de valores, uma vez que remete às suas histórias. (RIBEIRO e COSTA, 2009)

Segundo Oliveira, Siegmann e Coelho (2005, p. 117), “a matéria do colecionismo distancia-se do que pode ser apreendido pela percepção e pelo olhar do colecionador”. Ou seja, no objeto colecionável, não só a sua função é modificada, mas também a maneira pela qual ele é visto pelo colecionador. Nesse caso, a percepção comum do objeto, tal qual ele é representado, assume para o colecionador um *status* único, em que há uma mistura de sensações que causam nele bem-estar.

As motivações para a acumulação de objetos são várias e geralmente surgem na infância, desaparecendo na puberdade e voltando logo depois. Os teóricos da área associam as motivações do colecionador à sua intenção de criação de um novo universo, ordenado segundo suas especificações. Isso acontece diante da impossibilidade de ordem existente em seu universo real. Já Baudrillard associa essa motivação ao campo das relações interpessoais, afirmando ser a relação homem-objeto menos conflituosa que a relação entre dois seres humanos:

“A relação humana, que é o campo do único e do conflitivo, nunca permite essa fusão da singularidade absoluta e da série indefinida: de onde advém ser ela fonte contínua de angústia. O campo dos objetos, ao contrário, que é o dos términos sucessivos e homólogos, nos tranquiliza. Claro está que a custa de uma astúcia irreal, abstração e regressão, mas não importa”. (BAUDRILLARD, 1968, p. 101)

Em geral, o ato de colecionar também se relaciona à nostalgia, a algum aspecto do passado do colecionador que está demonstrado em determinado objeto. Segundo Farina, Toledo e Corrêa (2006, p. 4), “o colecionador adquire e retém objetos do passado para relembrar os momentos agradáveis pelos quais passou; por exemplo, uma lembrança de viagem é uma forma tangível da experiência do turista”. Esse sentimento nostálgico geralmente se associa a uma fuga da realidade por parte do colecionador, que o remete ao passado.

2.1.1.2 História

Desde a pré-história já são encontrados indícios que apontam para a prática de acumulação de objetos, mas ela só passou a ser realizada de maneira consciente na Antiguidade Clássica, mais precisamente na Grécia. Após a unificação grega realizada por Alexandre, o Grande, no século IV a.C, colecionar algo se tornou um hábito comum por toda a Grécia. Segundo Belk (1995, p. 22, *apud* Rigby e Rigby, 1944), o entusiasmo dos gregos em colecionar objetos mudou a forma da arte grega: de grandes estátuas simbólicas de deuses, expostas em público, a pinturas seculares (em madeira) para serem guardadas em casa”. Outras peças importantes do colecionismo grego incluíam artigos importados do Oriente, especialmente da Pérsia, como tapeçarias e artigos religiosos.

Com o advento do Cristianismo, a acumulação de estátuas de deuses era considerada sinônimo de idolatria e associadas ao Paganismo.

Durante a Idade Média, na Europa, o ato de colecionar estava restrito à nobreza européia e igrejas. Não existiam motivações e nem dinheiro para que cidadãos comuns pudessem iniciar coleções de qualquer espécie. Segundo Belk (1995 *apud* Rigby e Rigby, 1944, p. 27), “um nobre que possuísse três roupas de couro era considerado rico. Uma cama era um luxo. Como alguém poderia se preocupar com divertimentos como livros ou antiguidades?”

De fato, a Idade Média Européia, tal como retratada no cinema, como uma época de *glamour* e riqueza, não aconteceu senão a uma pequena parcela da população dentro dos palácios reais ou entre o meio clerical. As cidades não possuíam um sistema de saneamento adequado e artigos para vestuário eram itens valiosos. Talvez o retrato mais fiel da Idade Média no cinema tenha sido os filmes de Pier Paolo Pasolini: uma população

extremamente pobre, que não tinha o que desejar além de artigos que fossem essenciais para sobreviver um dia a mais.

Consequentemente, o colecionismo medieval esteve restrito aos ambientes reais e clericais, que tinham acesso e recursos para acumular objetos. Predominavam no período coleções de vasos, jóias e até objetos supostamente oriundos de criaturas lendárias, como chifres de unicórnio, por exemplo.

Segundo Blom (2003, p. 33) um local para abrigar objetos antigos, pedras preciosas e esculturas surgiu a partir do século XIV, na Itália, e tornou-se muito popular nos palácios e entre as famílias abastadas. Era o *Studiolo* (ver figura 1), que em sua acepção original eram quartos privados servindo principalmente ao estudo e à pesquisa. O primeiro *studiolo* foi, segundo Blom (2003, p. 33) o de Oliviero Forza, em Treviso. O surgimento desses ambientes contribuiu para o aumento do hábito de colecionar objetos entre a população da época, pois neles os homens eruditos acumulavam suas relíquias. Além do conceito de *Studiolo*, as palavras *Museo* e *Galleria* também eram utilizadas para definir esses ambientes na Itália. Na Alemanha, adotou-se as palavras *Kammer* (que significa quarto), *Wunder* (maravilha), *Kunst* (arte) ou *Schatz* (tesouro).



Figura 1 Xilogravura de Albrecht Dürer representando um studiolo
Fonte: <http://www.wikipedia.org>

Mas é após o Renascimento que o ato de colecionar cresce por toda a Europa. O crescimento do colecionismo nessa época coincide com o espírito de valorização do “Eu” verificado no período. O tratamento da coleção individual como um ato de apropriar-se de um “pedaço do mundo”, atribuindo a ele ordem e completude, condiz com o espírito renascentista predominante na época. Se essa apropriação, durante a Idade Média, do ponto de vista religioso, devia ser exclusiva de Deus e dos reis (que, em regimes absolutistas, tinham o poder Divino, equivalente ao poder de Deus), no Renascimento, com a valorização de aspectos individuais, ela passou a não ser exclusividade dos ambientes sagrados ou reais, passando a tanger também ao cidadão comum.

Segundo Blom (2005, p. 37), a resposta para o crescimento do colecionismo no século XVI “está um pouco neste mundo e um pouco no outro”. A mundana é que, em paralelo com a expansão do conhecimento observada na época, inovações tecnológicas facilitaram o comércio em todo o mundo, trazendo artigos mais baratos para a Europa, um fator crucial para a formação da cultura do colecionismo. A outra estava na maneira como a humanidade percebia a morte e o mundo material. Enquanto na Idade Média os cristãos estariam condenados à eterna danação caso se rendessem ao mundo físico e seus prazeres, no Renascimento essa relação com a mortalidade e os bens mundanos mudou, sendo que uma visão racional do mundo pressupunha uma visão da morte como o fim inevitável e, portanto, as preocupações do homem renascentista voltavam-se essencialmente para o mundo e o que nele estava presente.

As acumulações, portanto, passaram a fazer parte da cultura européia, surgindo grandes coleções de diversas espécies de objetos. Também aspectos econômicos influenciaram esse crescimento, já que se podia verificar uma evidente melhora nas condições econômicas da maioria da população, comparado com o que era verificado durante a Idade Média, com surgimento de novas classes e fortalecimento da burguesia.

Nessa época, especialmente na Itália, berço renascentista na Europa, houve um crescimento exponencial das coleções mais variadas. Exemplos curiosos no período são as coleções de história natural de renomados cientistas do período. O cientista colecionador Ulisse Aldrovandi (1522-1605), por exemplo, possuía um museu com cerca de 20 mil itens no fim do século

XVI. O museu contava inclusive com um suposto dragão ressecado, morto por um pastor em 1572. Provavelmente confundido com algum lagarto de tamanho maior do que o visto na época, o suposto dragão atraiu diversos estudiosos ao museu de Aldrovandi, o que lhe rendeu fama como cientista e colecionador durante o período, conforme observa Blom. O museu de Aldrovandi teve alguns exemplares que sobreviveram ao tempo e estão hoje no Museo di Storia Nazionale, no Palazzo Poggia, em Bolonha. O suposto dragão, entretanto, desapareceu com o passar dos séculos.

Outras coleções que não tinham pretensões científicas, formadas por pessoas com menos recursos surgiram na época, surgiram sobretudo em camadas da população que tinham menos recursos para investir nesse hábito.

“Havia comerciantes especializados em artigos exóticos e boticários costumavam estocar coisas curiosas, como múmias egípcias e peixes estrangeiros secos, deixando o acaso decidir se deviam virar pó e serem utilizados como remédio ou se deveriam ser vendidos intactos, para fazer parte de uma “coleção. (BLOM, 2003, p. 40)

A partir do século XIX, verificou-se um aumento substancial no número de coleções, tanto as particulares quanto as institucionais, com o crescimento e diversificação de museus. Este crescimento teve como consequência a valorização dos itens considerados raros.

O fim do século XX contou com o advento do comércio eletrônico e a criação de sites como o *Ebay*¹, em 1995. O comércio eletrônico permitiu não só o aumento no número de colecionadores por todo o mundo, mas também a diversificação dos itens colecionáveis. Pode-se constatar que objetos desde fechaduras antigas até obras de arte são vendidas na Internet e seu valor, consequência da procura cada vez mais freqüente, tem tido aumentos substanciais nos últimos anos.

2.1.2 BIBLIOFILIA E BIBLIOMANIA

Existe uma confusão terminológica entre os conceitos de bibliofilia e bibliomania. Segundo Faria e Pericão (2008, p. 94), bibliofilia designa a paixão pelos livros, sobretudo raros e que contém alguma particularidade especial, enquanto a bibliomania, além de conter o mesmo significado de bibliofilia,

¹ <http://www.ebay.com>

estaria associada à bibliolatria, a mania de colecionar e possuir livros. A maioria dos dicionários não-especializados trata bibliomania e bibliofilia como sinônimos, não obstante a diferença etimológica entre os dois termos: bibliofilia (do grego *biblion* - livro + *philia* – amor), significaria amor pelos livros enquanto bibliomania (do grego *biblion* – livro + mania – loucura) significaria loucura pelos livros. O sufixo mania, em psiquiatria, é tratado como patologia, estando relacionado ao transtorno obsessivo compulsivo. Embora no passado o conceito de bibliomania também tenha sido considerado sinônimo de bibliofilia, atualmente os colecionadores procuram dividir o simples hábito de colecionar livros do estado patológico do colecionador. Ao longo deste capítulo, tratar-se-á o colecionismo de livros como bibliofilia (mesmo nos casos em que o termo, à sua época, tenha sido tratado como bibliomania) e somente o estado patológico, descrito no final do texto, como bibliomania.

Embora tanto a bibliofilia quanto a bibliomania possuam um grande número de significados, Houaiss relaciona a bibliofilia à atribuição de valor aos livros por parte do colecionador:

“Bibliofilia é a compreensiva atribuição de valor aos livros e às suas coleções, pelo que encerram suas mensagens, pelo que revelam de realização gráfica e pelo que significam dentro da biblio-historiografia.” (HOUAISS, 1967, p. 43)

Em um sentido mais estrito, pode-se dizer que a bibliofilia está relacionada diretamente com a prática de colecionar livros, adquirindo-os por um valor segundo os interesses pré-estabelecidos pelo colecionador.

2.1.2.1 História

Como prática, a bibliofilia constitui uma das mais ricas e diversificadas atividades do colecionismo, além de ser uma das mais antigas. Segundo Storm e Peckham (1947, p. 17), o colecionismo de livros, em seu sentido literal, é uma prática antiga. “Pouco se sabe sobre as coleções de papiros no antigo Egito, mas os templos foram centros de aprendizado e normalmente continham bibliotecas reunidas sob os auspícios reais”.

Já Araújo situa a origem da bibliofilia na Antiguidade, mais precisamente no século I d.C:

“A bibliofilia, com seus naturais aficionados-colecionadores de obras raras, surgiu nessa época, e com ela a falsificação: há testemunhos suficientes para culpar muitos librarii de terem os rolos de papiro em montes de trigo para que amarelassem; assim, parecendo mais antigos, eram vendidos por preços muito altos” (ARAÚJO, 2008, p. 40)

Um bibliófilo notório da Antiguidade foi Assurbanipal, rei assírio que viveu no século VII a.C. Seu reinado, marcado por episódios de intensa crueldade, deixou um legado para o Mundo Antigo: a construção da Biblioteca de Ninive, uma das principais bibliotecas da Antiguidade, e que, mesmo para aquela época, já abrigava uma enorme quantidade de tesouros. Isso incluía uma coleção de obras em escrita cuneiforme (a escrita criada pelos sumérios e o mais antigo tipo de escrita conhecido até os dias de hoje). Algumas peças da coleção sobreviveram à destruição da cidade em 612 a.C e hoje fazem parte da coleção do Museu Britânico.

É preciso situar o papel do colecionador da Antiguidade. Ao contrário do que viria a ser o colecionismo séculos depois, na Antiguidade essa prática era vista sob um prisma diferente. Segundo Storm e Peckham (1947, p. 20), “a atitude do que viria a ser um colecionador, que valoriza o livro enquanto objeto físico e como um variante bibliográfico, era desconhecida; o livro era apenas um veículo de conhecimento, um registro permanente e tangível do pensamento”. O colecionador da Antiguidade primava à informação que determinado livro pudesse conter e o conseqüente poder que ela pudesse trazer a um império. A máxima “informação é poder” pode ilustrar perfeitamente o modo como era tratado o livro no período. Tanto a coleta quanto os próprios casos de destruição de livros no período estiveram sempre relacionados à idéia de poderio de um povo. Vide Biblioteca de Alexandria, a mais famosa da Antiguidade, vítima de constantes saques de Roma e que finalmente pereceu após a invasão árabe no século VII. Sobre o fato inclusive surgiu uma lenda (que segundo indícios seria falsa) de que o califa Omar havia decretado, segundo a lenda, o seguinte: “Se a Biblioteca de Alexandria contiver a mesma doutrina que o Corão, ela é inútil, porque o Corão possui todas as verdades necessárias; Se ela contiver qualquer coisa contrária ao Corão, são mentiras e não devem sobreviver”. Pode-se assim afirmar que a bibliofilia da Antiguidade não estava vinculada à simples acumulação de livros enquanto objetos

colecionáveis, mas sim como fontes de informação capazes de promover o desenvolvimento e dar poder a um povo.

Já na Idade Média, no mundo cristão ocidental, as práticas da bibliofilia foram adotadas, sobretudo, nos mosteiros. Boa parte da mítica medieval relativa aos livros provém da vida monástica, da vida em clausura e consequente austeridade verificada nos mosteiros medievais. Cabe ressaltar que os livros, nessa época, eram totalmente manuscritos e a incumbência de produzi-los era dos escribas, que frequentemente demoravam meses ou até anos na produção de um texto, com árduas horas de trabalho no *scriptorium* (ver figura 2). Essa relação próxima entre os monges e os livros fez com que crescesse nos mosteiros a apreciação aos livros. Essa apreciação crescia à medida que, nos momentos em que os monges não estavam em suas obrigações sagradas, pouco restava para ocupar o tempo. Segundo Merryweather (1972, p. 28), as horas entre os sagrados exercícios eram tediosamente insuportáveis se não fossem ocupadas. Conversas proibidas, diversões e ócio reprovados, onde poderia o pobre monge buscar um alívio nesta aflição, senão no simpático livro - os dóceis e obedientes companheiros de cada um condenado às horas solitárias e à triste solidão?

Os livros não só eram apreciados, mas também cobiçados e constituam um dos maiores patrimônios de um mosteiro. Em muitos casos, a importância de um mosteiro era medida pelo tamanho de sua biblioteca. Daí provém a demasiada proteção aos livros encontrada nos mosteiros medievais, sendo que em muitos casos as encadernações eram feitas de modo a permitir o acorrentamento dos livros às estantes. Em outros casos, eram encontradas inscrições no interior das bibliotecas monásticas, com o intuito de desencorajar um eventual roubo:

Não roube este livro, meu digno amigo
Pelo temor da força que será o seu fim;
Acima a escada, e abaixo a corda,
Lá você será enforcado até sufocar;
Então eu chegarei e lhe direi -
"Onde está aquele livro que você roubou?"

Inscrição encontrada em mosteiros medievais
Fonte: (<http://www.litterascripta.com/bibliomania/curses.shtml>)



Figura 2 Monge copista no scriptorium, sala destinada à cópia de livros
Fonte: <http://www.wikipedia.org>

A partir do Renascimento, a prática da bibliofilia deixou de ser privilégio dos reis, conforme era verificado na Antiguidade, e do clero, conforme era verificado na Idade Média, para atingir o cidadão médio. A invenção dos tipos móveis, em 1455, por Gutemberg, tornou o livro mais acessível na Europa. Só entre 1455 e 1500, foram impressos, segundo o *Incunabula Short Title Catalogue*, publicado pela British Library em 1997, aproximadamente 26.000 títulos. A facilidade de se produzir um livro impresso popularizou o livro e, conseqüentemente, a bibliofilia. Coleções individuais surgiram no período e cresciam à medida que a produção bibliográfica era expandida pelos países europeus.

No entanto, o crescimento do colecionismo e a expansão das coleções particulares nem sempre foram vistos com bons olhos. Os iluministas franceses, no século XVIII, trataram a prática de colecionar livros com certo desdém e desconfiança. Segundo Desormeaux (1993, p. 8) no século dos iluministas, o bibliófilo se torna um homem que, por sua ambição estética anti-revolucionária (porque não esqueçamos que um bibliófilo é um amante de raridades) e por suas afinidades intelectuais, se opõe à vontade filosófica dos iluministas de transformar o livro em instrumento de combate e emancipação.

O próprio verbete sobre bibliomania da *L'Encyclopédie*, primeira enciclopédia publicada na Europa, escrita pelos filósofos iluministas Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot, deixava claro o preconceito relativo aos bibliófilos da época:

O amor pelos livros é válido em dois casos: 1- quando sabe-se apreciar os livros pelo que eles significam, quando os lemos como filósofos, apreciando o que eles tem de bom e rindo do que eles tem de mau; 2- quando os possuímos tanto para nós quanto para os outros, compartilhando-os com prazer e sem reservas. [...] A paixão pelos livros é às vezes associada a uma forte e sórdida avareza [...] Em geral, a bibliofilia, com raras exceções, é como a paixão por pinturas, curiosidades, casas, e aqueles que possuem não os desfrutam. (D'ALLEMBERT, 1726, v. 2, p. 228)

A mecanização dos processos de produção bibliográfica, sobretudo após a invenção do prelo metálico de Stanhope, em 1800, que era capaz de imprimir cerca de 250 folhas por hora, permitiu não só o aumento da produção de livros, mas também a valorização daqueles publicados nos séculos anteriores, de forma artesanal. Podia-se verificar um número crescente de colecionadores, muitos deles órfãos da antiga arte do livro, que passou a ser cada vez mais mecanicista, deixando de lado a produção artística e o acabamento primoroso dos itens.

No início do século XXI, a bibliofilia, tendo em vista os fenômenos de explosão informacional e o alto número de publicações, exige do colecionador a definição do seu foco de coleção, para não se perder no mar dos ditos livros raros existentes no mercado. Segundo Winterich e Randall (1966, p. 4) no colecionismo de livros a especialização é uma necessidade imediata e ela deve ser levada em detalhes para garantir a esperança de uma completude. Existem bibliófilos que se especializam em colecionar encadernações de época, outros primeiras edições, outros obras de um determinado século, dentro de uma determinada área do conhecimento, outros colecionam obras relativas a um determinado país. A maioria desses colecionadores não chega necessariamente a ler o material que possuem. O valor dos itens enquanto fontes de informação, embora obviamente também possa fazer parte das motivações do colecionador, não é o principal interesse de muitos colecionadores. Entre aqueles que colecionam encadernações, por exemplo, o

principal interesse é a contemplação do belo formado pelo agrupamento de seus itens.

2.1.2.2 Os bibliômanos

Os séculos passaram e o hábito de se colecionar livros entrou em voga. Especialmente nos últimos tempos, a variante patológica da bibliofilia, aqui denominada bibliomania, atingiu vários colecionadores em diferentes épocas. O bibliômano se torna tão obcecado pela coleção a ponto de cometer loucuras e destruir a sua própria vida por conta dela.

Segundo Blom (2003, p. 230), “a vida dos bibliomaníacos quase nunca é muito atraente e pode, ser, *in extremis*, absolutamente aterradora”. Exemplo de obsessão patológica pelos livros pode ser verificado na história do inglês Sir Thomas Philips (1792-1872), relatado também por Blom, cuja pretensão era ter um exemplar de todos os livros publicados no mundo. Acumulando milhares de livros em sua propriedade em Cheltenham, Sir Philips possuía um estilo de vida que não era aprovado por todos. Sir Frederick Madden, descreve a coleção de Philips de maneira incrédula:

“Nunca vi nada parecido! Todos os cômodos atulhados de pilhas de papéis, manuscritos, livros, documentos, pacotes e outras coisas, espalhados debaixo de nossos pés, empilhados em cima de mesas, camas, cadeiras escadas, etc. E em todos os quartos pilhas de caixas enormes, até o teto, contendo os volumes mais valiosos! Causava mal-estar!” (BLOM, 2003, p. 232)

Desnecessário dizer que Sir Thomas Philips nunca conseguiu alcançar o seu objetivo: embora tenha acumulado dezenas de milhares de volumes até sua morte, ele não conseguiu obter um exemplar de tudo que havia sido publicado até ali, embora tenha sido, até os dias de hoje, uma das maiores coleções já acumuladas por uma única pessoa, com cerca de 100.000 itens. Durante o fim de sua vida, Sir Phillips se correspondeu com o então Ministro da Fazenda Benjamin Disraeli, em busca de uma oferta razoável para sua coleção, para ser incorporada ao acervo da British Library. Como não houve um acordo, Phillips estipulou que, “após a sua morte, os livros deviam permanecer intactos em sua casa, que nenhum livreiro ou estranho devia rearranjá-los e que nenhum Católico Romano teria permissão para vê-los”.

Sendo assim, a coleção de Phillips permaneceu sem catalogação e sem destino até 1885 (13 anos após a morte de Phillips), quando a justiça inglesa decidiu colocar em leilão a coleção, sob a responsabilidade de Thomas Fitzroy Fenwick, neto de Phillips. Partes da coleção foram vendidas a bibliotecas e particulares até 1977, quando a última fatia da Phillipianna foi vendida ao antiquário norte-americano H. P. Kraus.

“A Biblioteca Phillipianna já não existe, e de certa maneira nunca existiu. A pura acumulação de livros não forma uma biblioteca. Ela também é a organização deles, a mente ordeira que os habita e governa. Muitos livros e manuscritos de Phillips nunca saíram das caixas em que foram entregues e a maioria dos outros estava empilhada e era quase inacessível. O que resta dessa grande coleção são catálogos, histórias de ouvir dizer, notas de rodapé e preços de leilão.” (BLOM, 2003, p. 233)

Outro caso de obsessão patológica pelo ato de colecionar livros pode ser verificado na história de Don Vincente, bibliotecário de um mosteiro espanhol no século XIX. Na década de 1830, após abandonar o mosteiro, Don Vincente passou a exercer as atividades de vendedor de livros na Espanha. Segundo Blom (2003, p. 233), Don Vincente tornou-se conhecido pela relutância em vender qualquer coisa de valor e pelo fato de que comprava mais do que permitia sair de sua loja”. No ano de 1836, entrou em leilão o único exemplar conhecido de um livro publicado pelo primeiro impressor da Espanha, Lambert Palmart: era o *Furs e Ordinations de Valencia*. Obcecado pelo tesouro bibliográfico, Don Vincente sustentou seus lances e estava certo de que levaria a obra, no entanto Augustino Patxot, outro livreiro, ultrapassou o lance e conseguiu levar a raridade. O desfecho da história foi trágico: Patxot foi encontrado morto e uma série de assassinatos aconteceram na região. As vítimas todas eram, de alguma forma, ligadas a livros. Principal suspeito das mortes, Don Vincente teve seu apartamento revistado. Lá foram encontrados o *Furs e Ordinations de Valencia* e diversos livros que pertenciam às vítimas. A história de Don Vincente foi a principal inspiração para o conto de Gustave Flaubert intitulado *Bibliomanie*, publicado na revista *Colibri*, em 1836. Um trecho do conto de

Flaubert ilustra a obsessão que geralmente o colecionador demonstra para com seus objetos:

“Não! Não era a ciência que ele amava, era a sua forma e expressão. Amava um livro porque era um livro; amava o seu cheiro, a sua forma, o seu título. O que ele amava num manuscrito era a sua velha data ilegível, as letras góticas, bizarras e estranhas, os pesados dourados que carregavam seus desenhos; eram as suas páginas cobertas de pó, pó cujo aroma suave e doce aspirava com delícia. Era aquela linda palavra *finis*, cercada por dois amores, inscrita numa fita, apoiada numa fonte, gravada num túmulo ou repousando numa corbelha entre as rosas, as maçãs douradas e os buquês azuis.” (FLAUBERT, 1836)

2.2 AS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS

Formar e desenvolver uma coleção de livros raros é o grande desafio do profissional da informação responsável por esse tipo de material. A formação de uma coleção deve, obviamente, passar por um processo de seleção que justifique cada item a partir de seu valor histórico, cultural ou institucional. O estabelecimento desses critérios será discutido mais detalhadamente no próximo capítulo.

Também é importante ressaltar que uma coleção de obras raras deve ser formada de modo a atender as necessidades informacionais do pesquisador de obras raras que a freqüentar. A noção de coleção, nesse caso, formará uma determinada unidade, e essa unidade servirá ao público específico que a Unidade de Informação atende. Os propósitos de uma coleção de obras raras irão variar conforme a missão da própria instituição. Em uma coleção de obras raras inserida em uma biblioteca universitária, por exemplo, o propósito primordial da coleção é fomentar a pesquisa de obras raras, aliando a isso um programa de preservação da história e memória institucional da universidade.

O raro possui um caráter variável, podendo assumir diferentes níveis em diferentes lugares, épocas e contextos. Em uma biblioteca, esse caráter variável do raro, caso não seja trabalhado em cima de critérios bem definidos, podem interferir diretamente na qualidade da informação disponibilizada. Afinal, deve-se sempre ter em mente que, para além da preservação dos suportes, o papel de uma coleção de obras raras inserida em determinada Unidade de Informação é o de tornar disponível a informação ao pesquisador de obras raras.

Isso quer dizer que, o raro em coleções de obras raras inseridas em unidades de informação, podem assumir aspectos diferentes, de acordo com

valores locais ou institucionais. O que é considerado raro em determinada biblioteca poderá não ser necessariamente raro em outra, e assim por diante.

A constituição de uma coleção de obras raras merece um cuidado especial. Um acervo mal constituído corre o risco de virar um mero depósito de livros sem serventia, de custo muitas das vezes oneroso, devido ao grande cuidado que um acervo de obras raras exige, quer seja com segurança, climatização ou armazenamento especiais. De nada adianta milhares e milhares de livros “velhos” em uma seção especial de obras raras.

“O leigo julga uma biblioteca pelo número de livros que contém. É ingenuidade. Só o Neófito impressiona-se com o número de livros de uma biblioteca. O que vale é a qualidade. Uma biblioteca “non refert quam multos sed quam bonos habeat”², e os bons são poucos.” (MORAES, 2005, p. 67)

A formação de uma coleção de obras raras relevante depende, e muito, do bibliotecário que a forma e desenvolve. Segundo Carter (1948, p. 68) a figura do bibliotecário de obras raras foi se definindo, desde o século passado, por meio de sua verdadeira ambição: ele estaria interessado na custódia e no acesso às obras, enquanto o colecionador seria aquele que gosta de livros e preocupa-se com seu estado físico e apresentação.

Isso implica uma diferença substancial na maneira como o bibliotecário vê a coleção. Para o bibliotecário de obras raras, a informação deve ser preservada, mas também deve estar acessível. Segundo Feather (1982, p. 39), o livro raro, em uma biblioteca, pode precisar de proteção física e acesso restrito e supervisionado, mas ele está ali para ser usado. O bibliotecário de obras raras deve ter isso em mente, antes de qualquer outra coisa. Ainda segundo Feather (1982, p. 39), ver os livros raros meramente como objetos é transformar a coleção de obras raras em um museu, o que é apenas uma parte de sua função.

Daí a importância que possui o bibliotecário de obras raras. Embora seja descrito por diversos autores como curador de obras raras, que pressupõe o zelo e cuidado com a coleção (o que ele não deixa de assumir), o seu papel principal é o de ser um profissional da informação e para isso deve trabalhar entre a preservação e o acesso, fornecendo ao pesquisador as informações

² Não importam quantos e sim o quanto são bons

contidas nos suportes raros, ao mesmo tempo em que trabalha para preservar a coleção.

“Livros raros são, em última análise, meramente armazéns de informação de qualidade variável, como quaisquer outros livros. Eles são, como todos os livros, parte do herança cultural da humanidade, mas eles só conseguem transmitir essa herança quando estão efetivamente acessíveis.” (FEATHER, 1982, p. 39)

A afirmação de Feather ilustra perfeitamente o papel de uma coleção de obras raras como um todo. Se as obras não estiverem acessíveis, a biblioteca de obras raras não cumprirá o seu papel fundamental: transmitir às próximas gerações o conhecimento gerado no passado.

2.2.1 AQUISIÇÃO

A formação de uma coleção de livros raros apresenta particularidades que vão desde o seu processo de aquisição, catalogação até o seu acesso pelo pesquisador. No tocante à aquisição de livros, Cave (1976, p. 17) observa que lida-se essencialmente com livros usados, e como acontece com outros objetos usados, as regras do jogo são diferentes daquelas seguidas para aquisição de livros novos. Naturalmente, não se encontrará para aquisição o material raro nas livrarias tradicionais. A aquisição do material é uma etapa importantíssima e deve ser observada com extrema atenção pelo profissional da informação. Afinal, ele não deve saber apenas o que comprar. Deve saber também onde, quando e como comprar. Uma das formas utilizadas pode ser a aquisição através de leilão. Introduzida pelos holandeses na Inglaterra, no século XVII. A primeira venda desse tipo aconteceu com o leilão da biblioteca de Lazarus Seaman, em 1676, segundo Cave (1976, p. 34). Mas passou-se muito tempo até que leilões especializados em livros pudessem acontecer e isso só foi consolidado séculos depois, por volta do século XIX.

Os leilões podem ser de obras isoladas e, nesse caso, as obras tendem a ser altamente valorizadas e igualmente concorridas, ou de coleções como um todo.

Além dos preços exorbitantes encontrados nos leilões, Moraes, atenta para outro fato. Ao tratar da chamada bibliofilia de novo rico, classe formada,

segundo o autor, por novos milionários a procura de um novo hobby, observou o seguinte:

“Nos leilões há sempre comparsas para forçar altos lances. São quase sempre os mesmos que compram e vendem e procuram enganar-se. Mas basta meia dúzia de novos ricos entrar em crise e deixar de comprar para o brinquedinho ter um fim. Alguém fica com o mico (tal é o nome dado à coisa) e perde a partida”. (MORAES, 2005, p. 55)

Nos dias de hoje, a aquisição de obras tornou-se mais fácil devido às fontes que a Internet dispõe. Livreiros antiquários disponibilizam seus catálogos e ainda realizam leilões online. O site Via Libri³ (Fig. 1), é um diretório de pesquisa de livreiros antiquários de todo o mundo e é excelente fonte de pesquisa para o bibliotecário de obras raras.

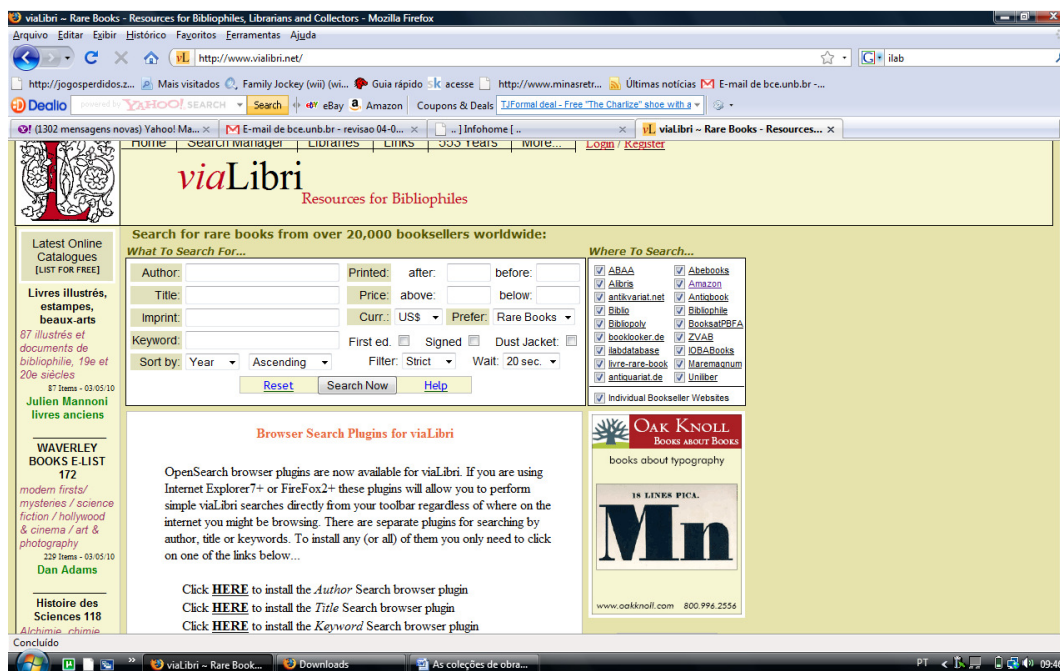


Figura 3 Site Via Libri

No entanto, tanto o bibliotecário de obras raras interessado na compra de obras raras quanto aquela instituição interessada na venda de determinada obra devem ser cautelosos. Os preços praticados online nem sempre condizem com o seu real valor de mercado. Muitas vezes algum “modismo” eleva os preços das obras exorbitantemente e, além de tudo, há um golpe muito comum

³ <http://www.vialibri.com>

praticado por antiquários de má fé: ao saber que determinada obra raríssima está a venda por determinada instituição ou colecionador, o livreiro antiquário coloca à venda online um exemplar idêntico. Na verdade ele não possui esse exemplar, simplesmente criou um item fantasma, que cadastra com um preço bem abaixo do que ele vale realmente. Se algum interessado na obra aparecer, sempre há a desculpa de que ele já foi negociado. O colecionador ou instituição que, nos dias de hoje, prefere a consulta *online* às tradicionais bibliografias ou catálogos de obras raras, vê a obra depreciada e pode entrar em contato com aquele livreiro, que resolve pagar até mais do que aquele preço irrisório de seu exemplar fantasma cadastrado no *site*.

É essencial que o bibliotecário de obras raras possua um certo conhecimento sobre os valores de mercado praticados e tenha em mãos bons guias de preço, fornecidos por catálogos de livreiros mais tradicionais, cuja reputação seja notória.

O bibliotecário de obras raras deve, sobretudo, saber o que adquirir. Segundo Peckham (1965, p. 27) uma das primeiras considerações para determinar quais raridades serão adquiridas é verificar se elas serão usadas como fontes primárias. Especificamente nesse caso, o fontes primárias (*source materials*), diverge do significado comumente adotado em Ciência da Informação, significando aqui, segundo Peckham, relatos de pessoas ou eventos escritos logo após o evento acontecer ou o assunto morrer. Em literatura, por exemplo, esses materiais são primeiras edições, principalmente as primeiras obras de um determinado autor. Em filosofia e ciência são os primeiros enunciados de uma teoria ou os primeiros relatórios de um experimento ou descoberta. “Fontes primárias não mudam, nossa interpretação é que muda” (PECKHAM, 1965, p. 26).

“A segunda consideração para selecionar as obras a serem adquiridas é determinar a prioridade” (PECKHAM, 1965, p. 27). Isso é natural e a essa regra pode-se aplicar a conceitos fundamentais da biblioteconomia, como a primeira lei de Ranganathan “Os livros são para serem usados”. Obviamente, guardados os devidos cuidados para a preservação do suporte, bem como uma eventual política de segurança e acesso da coleção, as obras raras devem, acima de tudo, serem usadas, quer seja por meio da consulta ao original ou quer seja pela disponibilização do suporte em meio digital ou microfilme. E,

para isso, um processo de seleção de prioridades das obras a serem adquiridas torna-se essencial. Uma biblioteca especializada em literatura terá como prioridade a aquisição de primeiras edições, a especializada em medicina, de coleções Hipocrateanas, de obras de anatomia antigas, etc., e assim por diante.

“O próximo passo é encontrar o que se quer” (PECKHAM, 1965, p. 27). Para isso, o bibliotecário de obras raras de hoje dispõem de milhares de opções e teve seu trabalho facilitado. O advento de novas tecnologias, sobretudo a Internet, proporciona ao bibliotecário uma ampla fonte de pesquisa que permite que se encontre determinada obra com uma facilidade muito maior do que há algum tempo atrás. No entanto, deve-se tomar cuidado com essa modalidade de aquisição, de modo a não cair nas armadilhas já citadas neste trabalho. E, talvez por isso, os tradicionais catálogos de obras raras não foram abandonados por completo.

Dentro da realidade das unidades de informação brasileiras, no entanto, leilões de obras raras e aquisições de obras de antiquários, que muitas das vezes custam milhares de dólares, parecem realidades distantes. Claro que a maioria absoluta das obras raras presentes nas instituições brasileiras provêm de compra de bibliotecas inteiras, ou doação de bibliotecas particulares. “Muitas das coleções de obras raras são formadas a partir de uma doação inicial de centenas ou milhares de raridades de um colecionador (PECKHAM, 1965, p. 26)”. Isso pode ser comprovado ao analisar-se a maioria das coleções de obras raras de bibliotecas brasileiras. A Coleção de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, por exemplo, foi formada, quase em sua totalidade, por compra ou doação de bibliotecas particulares, sobretudo durante a década de 1970. Bibliotecas de Pedro Nava, Carlos Lacerda, Agripino Grieco e Homero Pires são responsáveis por grande parte do acervo de obras raras dessa biblioteca.

As doações podem representar grande parte do acervo de uma coleção de obras raras. Portanto, as unidades de informação devem possuir políticas de incentivo de doações que encorajem o bibliófilo a deixar a biblioteca como herdeira de sua coleção.

2.2.2 REUNIR OU DISPERSAR?

É muito comum a exigência de que, quando do recebimento de determinada biblioteca particular, a mesma não seja dispersa no acervo e constitua uma unidade independente, formando cada uma delas uma nova coleção especial. Sobretudo quando da doação de uma coleção particular, o assunto suscita discussões e resulta em opiniões das mais diversas. No tocante a aquisições parciais ou integrais adquiridas principalmente por doação, Pinheiro (2009, p. 13), destaca que nessa circunstância, vez por outra, existem exigências incompatíveis com a missão da biblioteca que acabam por condicionar a negociação. A autora, implicitamente, se refere aos casos de separação das coleções, por exemplo. Há que se pesar, nesse caso, o quanto da missão da biblioteca é prejudicada com a reunião de uma coleção específica, bem como a relevância e importância histórica da coleção adquirida.

Segundo Cave (1976, p. 57), os processos de solicitar e organizar o fluxo de doações são bem menos favoráveis para o desenvolvimento de um método sistemático que se dá pela aquisição por compra. A estratégia e a tática a serem empregadas devem ser alteradas a cada caso. Ou seja, a cada eventual doação da biblioteca que pertenceu a algum colecionador devem ser aplicadas normas distintas, sem que para essa modalidade de doação existam regras padronizadas, como são as regras de doação direcionadas a itens não raros. Um exemplo dessa flexibilidade por parte de uma biblioteca foi o caso da Universidade de São Paulo, que angariou fundos para a construção de um prédio que abrigaria exclusivamente a coleção do bibliófilo recentemente falecido José Mindlin, uma das bibliotecas particulares mais valiosas do mundo. A flexibilidade na política de obras raras, nesse caso, possibilitou que uma biblioteca de valor imensurável permanecesse no país. Tal iniciativa mostrou um avanço e um incentivo para que outros colecionadores doem suas coleções às unidades de informação. Infelizmente, na maioria dos casos, não é o que acontece no Brasil. Os colecionadores deixam de doar seus acervos para as instituições brasileiras por causa da falta da estrutura necessária para receber as coleções. Assim, boa parte do patrimônio bibliográfico nacional vai parar em bibliotecas européias ou norte-americanas.

Casos como os de Mindlin, constituem exemplo de uma coleção em que a exigência da separação da coleção fosse justificada, devido ao alto valor da coleção adquirida.

Na maioria dos casos, entretanto, não se pode pensar em separação e os itens necessitam ser dispersos no acervo, de modo a formar uma unidade dentro da coleção de obras raras. Sobre o assunto, Fonseca observa:

“O ideal é que as bibliotecas adquiridas ou ofertadas sejam dispersas de acordo com as matérias do livro. Os possuidores das coleções vendidas ou ofertadas podem exigir a identificação por meio de *ex-libris*. Seria absurda a superposição de coleções, com evidente prejuízo para os usuários.” (FONSECA, 2010)

A afirmação de Fonseca está em consonância com a quarta lei de Ranganathan: Poupe o tempo do leitor. Afinal, o usuário perderia boa parte de seu precioso tempo pesquisando os itens, caso estes estivessem separados no acervo. Entretanto, de modo a não perder uma determinada coleção, constantemente o bibliotecário deve encontrar um meio termo para a questão. O *exlibris*, solução proposta por Fonseca, é uma forma rápida e relativamente barata que pode servir aos dois lados, podendo ser confeccionado pela própria biblioteca e servindo como marca de propriedade, vinculando a obra ao seu antigo proprietário.

Fonseca, também observa as exceções à regra:

“Só em casos excepcionais uma biblioteca particular pode ser localizada na seção de Coleções Especiais, como ocorreu com a biblioteca de Cassiano Nunes, grande poeta e escritor que foi professor da UnB.” (FONSECA, 2010)

Especificamente no caso da Universidade de Brasília, a proposta era que a coleção que pertenceu ao ex-professor fosse reunida, para que funcionasse não só como uma sala com livros, mas também como um espaço cultural ativo, que inclusive promove periodicamente diversas atividades relativas à literatura.

Deve-se levar em conta que nessas exceções em que a coleção é separada, todo tipo de material é posto em conjunto, implicando em geral em uma determinada restrição de acesso, por se tratar de uma coleção especial.

Deve-se tomar decisões como essa com muita cautela e, via de regra, optar pela dispersão dos itens, assim “poupando o tempo do leitor”.

2.2.3 A COLEÇÃO DE OBRAS RARAS COMO FERRAMENTA DE *MARKETING*

Cabe ressaltar que um dos grandes obstáculos para o sucesso de uma coleção de obras raras é a maneira como ela é encarada dentro de uma unidade de informação. Segundo Traister (1993, p. 115) o diretor da biblioteca vê a coleção de obras raras como uma luxúria cara, um brinquedo para os visitantes. Já os colegas bibliotecários vêem o bibliotecário de obras raras, a coleção e seu grupo de trabalho como “um fraco, mas perceptível sopro de esnobismo”.

Esses pontos de vista observados por Traister geralmente dificultam o crescimento e visibilidade da coleção, que constantemente é esquecida pelos superiores e está fadada a transformar-se em um local hermético, que só ocasionalmente recebe o olhar curioso de um visitante mais audacioso.

No entanto, a direção das unidades deve levar em conta não só o potencial informacional das obras raras, mas também a sua importância enquanto ferramentas de *marketing* institucional. O incentivo às visitas orientadas, por exemplo, pode contribuir para a divulgação não só do acervo de obras raras, mas também para a divulgação da instituição como um todo. Geralmente, é a seção de obras raras o ponto alto de uma visita orientada, onde os usuários demonstram um maior grau de interesse. Esse potencial deve ser explorado pela direção das bibliotecas, observando é claro, as medidas de segurança a serem adotadas nas visitas.

2.2.4 IMPORTANTES COLEÇÕES DE OBRAS RARAS EM INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

2.2.4.1 Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro (RJ)

Criada em 24 de janeiro de 1946, a Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (ver figura 4), então criada como Seção de Obras Raras possui inúmeros tesouros bibliográficos, contendo inclusive a Biblioteca Real de D. João VI, que continha, entre outras preciosidades, 2 exemplares da *Bíblia de Mogúncia*, incunábulo impresso em 1462. É a maior e mais valiosa coleção em território nacional, com aproximadamente 50.000 volumes. Possui acesso restrito a pesquisadores e, antes da consulta ao original, a alternativa da microfilmagem é oferecida.



Figura 4 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
Fonte: Agência Estado

2.2.4.2 Universidade de São Paulo – São Paulo (SP)

Formada por coleções de obras raras e especiais do Sistema de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBI), trata-se de um modelo descentralizado. Possui diversas obras desde incunábulos até obras raras modernas, sendo que a instituição publicou um catálogo em dois volumes, abrangendo obras do século XV ao XVIII. Recentemente a Universidade recebeu parte da Biblioteca Brasileira de José Mindlin, maior bibliófilo brasileiro. Um prédio está sendo construído especialmente para abrigar a coleção, provavelmente o maior acervo de obras raras sobre o Brasil existentes em todo o Mundo.

2.2.4.3 Biblioteca Mário de Andrade – São Paulo (SP)

A Sala Paulo Prado da Biblioteca Mário de Andrade (ver figura 5), abriga a coleção de obras raras da biblioteca, que conta com aproximadamente 40.000 livros em seu acervo. Entre os destaques da coleção, pode-se citar 9 incunábulos, entre eles a *Suma Teológica* (1477), de Santo Antonino, e a famosa e preciosa *Crônicas de Nuremberg* (1493), o maior livro ilustrado de sua época. Destaca-se ainda vários livros ilustrados com relatos de viajantes, como Debret e Rugendas.



Figura 5 Sala de obras raras. Foto: Fernando Moraes

2.2.5 BIBLIOTECAS DIGITAIS DE OBRAS RARAS

A digitalização de obras raras contribui para dois aspectos primordiais da biblioteconomia de obras raras. A primeira é o acesso. Naturalmente, a digitalização das coleções otimiza e facilita o acesso ao pesquisador, sendo que nessa modalidade mesmo o pesquisador remoto pode ter acesso a obras na íntegra, não sendo necessário o deslocamento até a coleção de obras raras. A segunda é a preservação. Oferecendo ao pesquisador a alternativa da consulta em um suporte digital, a consulta ao original é reduzida, minimizando danos mecânicos ao material. O livro, como toda matéria orgânica, tem um período de vida e, conseqüentemente, um dia morrerá. As ações de preservação devem estar voltadas para que se retarde ao máximo a morte do

livro. As bibliotecas digitais de obras raras assumem um importante papel nessa preservação e possuem vantagens também sobre outros meios de conversão de suporte de obras raras, conforme aponta Márdero Arellano:

“A maior vantagem que a biblioteca digital trouxe sobre as outras formas de conversão dos textos antigos é pelo fato dela prover um novo tipo de preservação dos materiais raros e frágeis, além do uso simultâneo de vários usuários e a economia no espaço físico.” (MÁRDERO ARELLANO, 1998, p. 28)

Um ponto importante a ser destacado é que, a partir do momento que uma obra é digitalizada, aquele suporte original, com sua “aura” de objeto valioso, transforma-se em material informacional e perde sua característica de raridade. Esse fato é observado por Márdero Arellano:

“Na biblioteca digital a obra deixa de ser considerada como rara. A obra passa a ser mais um objeto digital, plausível de ser modificado e sem nenhum valor maior do que o fato de ser uma cópia a mais do original.” (MÁRDERO ARELLANO, 1998, p. 30)

A questão da digitalização gera certa discussão entre os profissionais da informação responsáveis pela guarda dos acervos raros. Alguns puristas afirmam que os custos envolvidos na digitalização poderiam ser investidos em políticas de conservação dos originais. O custo de digitalização de obras raras é bem maior do que uma obra tradicional. *Scanners* específicos devem ser utilizados, devendo ser máquinas que preservem as características físicas do original. Todos esses procedimentos possuem um custo e, segundo alguns profissionais, a digitalização e todos os seus custos tem de ser bem planejados, de forma a alocar da melhor maneira possível os recursos investidos.

Talvez a alternativa mais viável para a digitalização de obras raras seja a formação de consórcios ou catálogos coletivos de obras raras. Essa alternativa minimizaria os custos de digitalização, evitaria a duplicação de registros e promoveria o acesso centralizado às coleções, facilitando a pesquisa por parte do usuário e ainda contribuiria para o inventário das obras raras em instituições brasileiras de maneira simples e rápida. Mas infelizmente, as iniciativas de catálogos coletivos no Brasil são inexistentes. As instituições não possuem políticas voltadas à cooperação entre as coleções que estão inseridas no

mesmo universo geográfico e isolam-se em iniciativas de digitalização, não sendo raros os casos de duplicação de registros digitalizados.

Mesmo com toda a discussão acerca do tema, para as bibliotecas, no atual cenário da ciência da informação, em que as coleções digitais vem ganhando cada dia mais espaço, a criação de bibliotecas digitais de obras raras é uma necessidade. Mas no Brasil, infelizmente, ainda são poucas as iniciativas de sucesso, sendo poucas são as instituições que investem na digitalização de obras raras. Entre as grandes coleções digitais brasileiras, pode-se destacar:

Biblioteca Nacional ⁴

O portal BN Digital apresenta diversas obras raras para consulta em texto completo, sendo que importantes itens da coleção, como a *Bíblia da Mogúncia*, a primeira edição de *Os Lusíadas*, de 1572, e diversos manuscritos encontram-se digitalizados e disponíveis para consulta. Conta com uma equipe de funcionários dedicada exclusivamente à digitalização das obras e possui em seu laboratório (ver figura 6) scanners especiais para digitalização de obras raras.



Figura 6 Laboratório de digitalização da Biblioteca Nacional
Fonte: <http://www.bn.br>

⁴ Endereço eletrônico: <http://bndigital.bn.br>

Universidade de São Paulo⁵

Conta com aproximadamente 2000 livros digitalizados, entre eles o incunábulo *Liber Chronicarum*, conhecido como *Crônicas de Nuremberg*, bem como a obra de Hans Staden *Warhaftig und beschreibung eyner Landschafft der Wilden*. A Universidade de São Paulo ainda é responsável pela digitalização e disponibilização de obras da coleção Brasileira da Biblioteca de José Mindlin, coleção que foi recebida recentemente pela Universidade. O projeto, denominado Brasileira Digital⁶, já conta com várias obras digitalizadas, entre elas o primeiro livro publicado no Brasil, o folheto *Relação Da entrada que fez o excellentíssimo e reverendíssimo D. F. Antonio do Desterro Malheuro*, impresso por Isidoro da Fonseca, em 1747, antes da instalação oficial da imprensa no Brasil. Também foram digitalizadas as imagens da obra de Jean-Baptiste Debret, contendo imagens um tanto quanto fantasiosas sobre o Brasil. A coleção Brasileira de José Mindlin é riquíssima e a disponibilização digital de obras será importantíssima para o acesso a preciosidades da bibliografia Brasileira. Os cuidados com a digitalização do material são também aqui observados, com a utilização de scanners especiais (planetários) para a digitalização do material (ver figura 7).



Figura 7 Laboratório de digitalização: Brasileira Digital

⁵ Endereço eletrônico: <http://www.obrasraras.usp.br>

⁶ Endereço eletrônico: <http://www.brasiliana.usp.br>

2.2.6 Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR)

O Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR), criado pela portaria número 19 da Secretaria de Cultura, de 31 de outubro de 1983, é a única iniciativa pública que visa regulamentar questões relativas a obras raras no Brasil. São objetivos principais do PLANOR:

- Identificar e cadastrar em base de dados bibliográfica, acervos de memória existentes em bibliotecas e outras instituições culturais
- Orientar sobre os procedimentos técnicos a serem utilizados na organização e conservação desses acervos, conforme as normas adotadas pela Biblioteca Nacional;
- Manter intercâmbio com o Catálogos Internacional de *ABINIA* (Asociación de Bibliotecas Nacionales de Iberoamérica) de obras editadas dos século XV ao XVIII;
- Divulgar esses acervos através de catálogo on-line e impressos.
- Prestar assistência técnica para a organização e preservação de obras raras existentes no país e desenvolver programas de formação e aperfeiçoamento de mão-de-obra especializada;
- Reunir na Biblioteca Nacional informações sobre o acervo raro existente no país.

Na prática, o PLANOR sofre para cumprir seus objetivos principais. A identificação das obras e acervos de obras raras no Brasil ainda é precária, por falta de algo que regule e obrigue as instituições a inventariarem seus acervos raros. Assim, existem muitos acervos de obras raras espalhados pelo país sem que estejam cadastrados no PLANOR. A publicação de catálogos impressos também é praticamente inexistente, devido à falta de recursos enfrentada pelo Plano, que está inserido dentro da estrutura da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O PLANOR também promove eventos que reúnem profissionais da informação responsáveis pela guarda de acervos raros. Entre esses eventos encontram-se o ENAR (Encontro Nacional do Livro Raro) e cursos direcionados a profissionais da área.

Na página da internet do PLANOR ⁷também se acham formulários para cadastro de instituições mantenedoras de acervos raros, disponibilizando-se também a consulta às instituições já cadastradas. No entanto, o link de consulta encontra-se quebrado e não foi possível obter dados sobre instituições participantes do PLANOR.

O PLANOR também alimenta o catálogo coletivo de obras raras da ABINIA. Essa Associação, fundada em 1989 e com sede no México, reúne 22 Bibliotecas Nacionais. Falta ao PLANOR a iniciativa de um catálogo coletivo que abranja a pesquisa de obras raras em bibliotecas brasileiras. Tal catálogo poderia facilitar o inventário do patrimônio bibliográfico nacional e o acesso por parte dos pesquisadores, que teriam uma fonte de pesquisa centralizada. Iniciativas desse tipo já são encontradas em diversos lugares do mundo.

2.3 A SELEÇÃO DE OBRAS RARAS

A incorporação de um item a uma coleção de obras raras necessita ser fundamentada em critérios pré-estabelecidos, que justificarão a presença da obra na coleção a partir de seu valor histórico, material ou institucional. Porém, esses critérios são objetos de eterna discussão entre os profissionais da informação responsáveis pela guarda de acervos raros. Enquanto na bibliofilia esses critérios de atribuição de valor do "raro" dependem da validação por um determinado grupo de colecionadores, a biblioteconomia de obras raras, embora se sirva de teorias oriundas da bibliofilia, deve ter critérios fundamentados no usuário que será o público-alvo da coleção. Em outras palavras, embora existam certos critérios fundamentais que são indispensáveis, é impossível o estabelecimento de critérios universais para a seleção de obras raras, porque estes estarão sempre atrelados ao público-alvo da Unidade de Informação à qual a coleção está subordinada.

A tentativa de definir o que vem a ser a obra rara continua sendo um

⁷ <http://www.bn.br/planor/>

tema recorrente entre os pesquisadores tanto da área de bibliofilia quanto da área de biblioteconomia de obras raras. A seguir, encontram-se algumas tentativas de definição pelos autores da área:

Segundo Winterich (1966, p. 83), os livros são raros por uma série de razões. Um livro pode tornar-se raro desde sua fabricação se apenas poucas cópias forem impressas. No entanto, essa escassez por si só não faz um livro raro.

Segundo Moraes (2005, p. 67), a procura é que torna o livro valioso. O que o torna procurado é ser desejado por muita gente, e o que o faz desejado é um conjunto de fatores, de particularidades inerentes a cada obra.

Cunha (2008, p. 234), define o livro raro como o livro que, pelas características da edição, existência de autógrafo do autor ou alguma razão especial, é considerado valioso. O autor ainda afirma que no comércio antiquário existe uma classificação informal para os diversos níveis de raridade de uma obra, a saber:

- Escasso: quando a obra aparece no mercado livreiro uma vez por ano;
- Raro: quando é ofertado no comércio a cada dez anos;
- Muito raro: quando chama a atenção do especialista durante poucas vezes em sua vida;
- Único: quando não se sabe da existência de outro exemplar.

Alves (1999, p. 32), trabalha com a hipótese de que parece não existir um conceito que fundamente a definição de obras raras. A noção do que é antigo ou raro implica, entre outras considerações, a historicidade do lugar e do momento em que se verificou o achado.

Segundo Mindlin (1997, p. 29), as razões para determinar a raridade de uma obra são muitas e, além de algumas específicas, cada colecionador tem suas próprias motivações. Basicamente, todo livro que se procura, e não consegue encontrar, é raro – essa poderia ser a mais fácil das definições.

Sant’anna (2001, p. 2), afirma que existe uma quase total divergência entre os pontos de vista dos colecionadores e dos responsáveis por bibliotecas públicas especializadas na guarda de livros raros, quanto à definição do que seja uma raridade bibliográfica.

Pinheiro (2009, p. 3) divide as obras em três níveis:

- Raro é aquilo que é tratado sob esta acepção em qualquer lugar. segundo esse conceito, o raro seria universalmente raro. A Bíblia de Gutemberg, primeiro livro impresso em tipos móveis, seria um exemplo de um livro raro, segundo o conceito de Pinheiro, já que o valor da bíblia tem caráter universal, sendo de indiscutível valor histórico em qualquer lugar do mundo.
- Único remete à idéia de único exemplar conhecido, relevando-se a existência de acervos bibliográficos potencialmente raros e não identificados, em bibliotecas, arquivos e museus. Ou seja, o fato de um exemplar ser considerado único conhecido não exclui a possibilidade de existir outro, não inventariado e perdido nas estantes de alguma biblioteca ou museu.
- Precioso abrange as noções de posse e identidade. Cada curador de acervo deve encarregar-se de acumular aquelas coleções que, em princípio, seriam da sua exclusiva competência, em função de depositária da pessoa (física ou jurídica) que representa. A noção de precioso de Pinheiro acentua o valor institucional da obra, assim, uma Universidade, por exemplo, pode considerar como raras as primeiras teses defendidas, uma cidade provinciana poderá considerar raros os primeiros livros impressos na cidade, e assim por diante.

Já para Winterich e Randall (1966, p. 98), são fatores que tornam um livro raro:

- Primeiro e mais importante: demanda maior que o estoque: quando a procura por um livro é alta a ponto de não existir o número de cópias suficiente que atende a essa demanda;
- O fato de poucas cópias terem sido impressas: nesse caso deve haver é claro, uma demanda pelo livro;
- Supressão por qualquer motivo: é o caso, por exemplo, de obras censuradas, repudiadas pelo autor, entre outros motivos;
- Absorção por bibliotecas e instituições: acontece quando os exemplares disponíveis encontram-se em bibliotecas, havendo uma escassez de exemplares disponíveis no mercado (esse fato se aplica essencialmente à bibliofilia);
- Fragilidade do suporte: acontece quando o suporte no qual o livro

originalmente foi construído não resiste a ação do tempo, tornando os exemplares remanescentes escassos. Um exemplo disso são os papiros.

- Destruição acidental ou proposital: é o caso de obras perseguidas por regimes extremistas ou que sofreram a ação de desastres naturais, como incêndios, inundações, entre outros. Os exemplares remanescentes dessas obras podem ser considerados raros, caso haja a demanda pelo material.

Carter (1966, p. 163), classifica as obras raras por níveis de raridade:

- Raridade absoluta: Propriedade apresentada por um livro impresso em uma edição limitada, do qual se sabe que o número de cópias que sobreviveram é igualmente muito pequeno. Exemplo: Cópias de livros de circulação proibida pelo autor após a publicação, como *A Infanta Capellista*, romance escrito por Camillo Castello Branco.
- Raridade relativa: Propriedade que só indiretamente diz respeito ao total de cópias impressas. Embora também seja baseada no número de cópias sobreviventes, sua raridade é medida pela frequência com que aparecem no mercado e aqui interessa a relação dessa frequência com a demanda do público.
- Raridade temporária: Relaciona-se ou a um número inadequado de um determinado título só recentemente descoberto no colecionismo ou a uma temporária escassez de cópias de determinado título. Esse item refere-se principalmente aos modismos verificados na bibliofilia. Algumas obras tendem a se tornar escassas por conta de algum acontecimento, por exemplo, a morte do autor de uma determinada obra. Esse interesse, no entanto, tende a diminuir com o tempo.
- Raridade local: Aplicada a livros que interessam a determinado número de colecionadores inseridos em determinado ambiente. Os primeiros livros publicadas em determinada cidade constituem esse critério, que é o equivalente de Carter ao livro precioso, de Pinheiro.

Por meio dos diversos especialistas que escreveram sobre o tema, é possível visualizar a impossibilidade de se estabelecer conceitos universais, embora alguns autores pareçam concordar em certos pontos. Qualquer

afirmação que ouse a generalização de critérios de obras raras é perigosa e pode ser objeto de controvérsia. O lugar comum que o bibliotecário de obras raras mais encontra em seu dia-a-dia é a afirmação “Todo livro velho é raro”, ou a recíproca disso, que é igualmente falsa. Segundo Pinheiro (1989, p. 21), rara pode ser uma publicação da década de 1980. Primeiras edições de autores contemporâneos consagrados podem alcançar alto valor de mercado. A primeira edição do livro *Carrie*, do escritor norte-americano Stephen King, por exemplo, possui data de publicação recente (1974), mas alcança no mercado o valor de 5.000 dólares, aproximadamente.

É interessante verificar que um livro não é raro por si só. A noção de raridade está sempre relacionada a um determinado valor, seja ele histórico, monetário, cultural ou institucional, atribuído ao livro por algum evento, que o torna especial perante a um grupo de pessoas. Esse valor raramente é percebido no momento de publicação do material, embora em alguns casos, sobretudo no passado, considerando-se a notoriedade de certos impressores, a raridade de determinada edição era quase certa. Sobre o assunto, Alves (1999, p. 32), afirma que os livros não nascem raros, tornam-se raros, pelas características que lhe são peculiares.

Outra característica a ser notada é que as noções de raridade variam conforme a época e o contexto nos quais as obras estão inseridas. Segundo Rouveyre (1878, p. 88), os níveis de raridade crescem e decrescem em igual proporção, variando de acordo com a época, lugares e pessoas [...] Tal livro que hoje é muito comum, pode ser, dentro de dez ou vinte anos, ser muito raro.

Uma unidade de informação, ao estabelecer os seus critérios de raridade, deve levar em conta não só a inclusão de obras notadamente reconhecidas como raras, mas também aquelas de interesse institucional, o equivalente ao precioso de Pinheiro ou raridade local de Carter. Assim sendo, as cartas ou os manuscritos originais de determinada pessoa, notória em sua instituição (como o fundador, por exemplo), podem ser consideradas raras naquele contexto e necessitam de armazenamento e condições de acesso especiais.

2.3.1 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE OBRAS RARAS

Muito embora o estabelecimento desses critérios sejam absolutamente contextuais e devam ser elaborados a partir de necessidades específicas dentro de uma biblioteca, existem algumas características que convém observar no momento da elaboração desses critérios. São características essenciais que valorizam uma obra e, conseqüentemente, a tornam rara. São elas:

2.3.1.1 Limite histórico

Definir o limite histórico, isto é, decidir a data limite de publicação para o material que será incorporado a uma seção de obras raras, deve ser um dos primeiros critérios que uma unidade da informação precisa decidir quando da construção de critérios para uma coleção de obras raras. Para Pinheiro (2009, p. 4), “a avaliação de um livro pela data de publicação tem sido considerada como um dos métodos mais seguros para sua qualificação como raro.” O limite histórico mostra-se um critério mais objetivo, sendo a visualização da data de fácil percepção. No entanto, o profissional de obras raras deve atentar para o fato de existirem muitas falsificações no mercado, além de datas que na verdade podem ser falsas, levando o profissional da informação a tomar decisões precipitadas.

A definição do limite histórico para determinada instituição é um assunto a ser discutido. A definição do que será considerado antigo varia de pessoa para pessoa. É comum encontrar afirmações efusivas e precipitadas, como “Esse livro tem 100 anos, logo, ele é raro!” Na verdade, a definição do limite histórico tende a considerar não a idade do livro, mas sim as características relacionadas ao contexto da época no qual foi fabricado. Na afirmação acima, 100 anos (a não ser que a característica estivesse em um ambiente local ou institucional) poderiam não significar muito, já que há 100 anos o livro já era produzido em escala industrial. Mesmo quando tratamos de datas anteriores, a afirmação é controversa. O livro não será considerado raro por ter 400 anos de idade, mas sim porque há 400 anos atrás o seu fabrico era realizado de forma artesanal, em edições escassas que passaram a ser consideradas raras. Em outras palavras, a tradução de um *best-seller* com tiragem de centenas de milhares de exemplares, só será considerada rara daqui a 400 anos se houver

uma procura associada a uma escassez futura, em que os estoques disponíveis não atendam a uma determinada demanda.

Entre os colecionadores e pesquisadores de obras raras, o limite histórico que mais prevalece para a caracterização da obra como rara é o ano de 1800. Ou seja, obras publicadas até 1800 seriam consideradas raras, independente de qualquer outro fator. Isso porque o documento até esse ano ainda era produzido de forma artesanal, bem como ainda guardava características peculiares de apresentação, como o uso de elementos tipográficos específicos, folhas de rosto diferentes das vistas hoje, entre outros. Segundo as diretrizes propostas pelo documento *Guidelines on the selection of general collection materials for transfer to special collections*, “há um consenso no que diz respeito à proteção, nas mesmas condições, de todos os materiais publicados antes de 1801, não importando sua forma ou estado de conservação.” Esse consenso não exclui o fato de que unidades de informação possam estabelecer um limite histórico posterior, pois os critérios serão baseados nos interesses da própria instituição.

A definição do limite histórico universal aplica-se a obras publicadas em qualquer lugar do mundo. Na definição do limite histórico para uma coleção de obras raras, deve-se também levar em conta fatores locais para o estabelecimento de datas limite de materiais publicados no local em que a coleção está inserida.

No Brasil, por exemplo, a imprensa só chegou oficialmente em 1808, com a vinda da família real e conseqüente instalação da Imprensa Régia, por meio de um decreto do então príncipe regente D. João VI, para servir como impressora oficial dos atos e despachos reais. No entanto, devido à ausência, na época, de outra tipografia no Brasil, a Imprensa Régia acabou servindo para outros propósitos, tendo sido responsável inclusive pelo primeiro jornal de livre circulação impresso em solo brasileiro, o *Gazeta do Rio de Janeiro*. A regulamentação da liberdade de imprensa, decretada por Dom Pedro em 28 de agosto de 1821, favoreceu o aparecimento de novos impressores em solo brasileiro. Segundo Moraes (2006, p. 113), em 1821 apareceram duas tipografias no Rio de Janeiro: a Tipografia de Moreira & Garcez e a Nova Oficina Tipográfica. Em 1822 apareceram mais quatro: a tipografia do Diário, a Oficina de Silva Porto e Companhia, a tipografia dos Annaes Fluminenses e a

Tipografia de Torres & Costa. Todas as publicações dessas tipografias são hoje consideradas raras, por representarem a gênese da imprensa brasileira.

Em geral, obras publicadas no Brasil durante o século XIX tendem a ser escassas, embora nem todas instituições estabeleçam o ano de 1899 como limite histórico para obras publicadas no Brasil.

Ainda sobre o limite histórico local, a Biblioteca Municipal de determinado município, por exemplo, pode também estabelecer um limite histórico próprio para obras publicadas no próprio município. O estabelecimento da data limite levará em conta a chegada da imprensa àquele município, as primeiras edições dos primeiros impressores, entre outros fatores.

Um ponto crucial a ser observado é que o limite histórico é apenas um dos critérios que necessariamente devem ser observados na seleção de obras raras. O fato de um livro ter sido publicado após as datas propostas como limite histórico, de forma alguma exclui a possibilidade da inclusão da obra em determinada coleção de obras raras. Segundo Pinheiro (2009, p. 5), “de todos os critérios para o estabelecimento de raridade bibliográfica propostos (...) o limite histórico e os aspectos bibliológicos são supervalorizados em detrimento dos demais, em face da tradição (tradição?) de lidar com o livro materialmente, como se a condição de objeto antigo fosse suficiente para dizê-lo: raro!”

2.3.1.2 Edições

A identificação de primeiras edições, edições limitadas, censuradas, etc. e a justificativa da necessidade de incorporação destas a uma coleção de obras raras é uma das características que mais apresentam dificuldades para o profissional da informação responsável pela seleção de obras raras.

Em primeiro lugar, é necessário entender o que de fato se constitui como edição. Segundo Belanger (1977, p. 97), “editores tender a usar a palavra de maneira precipitada, mas edição tem um preciso significado bibliográfico. Uma edição de um livro são todas as cópias impressas de uma vez só ou em ocasiões posteriores, de um mesmo conjunto de tipos”. A mesma definição é compartilhada por Carter (1966, p. 80), quando afirma que “uma edição diz respeito a todas as cópias de um livro impressas em uma ou várias vezes, de um mesmo conjunto de tipos sem mudança substancial”.

Já a tiragem ou sua correspondente impressão, segundo Araújo (2008, p. 249), a rigor, devia caracterizar apenas o trabalho do impressor, vale dizer, um novo número de cópias, com as mesmas formas, as quais em nada alterariam o texto.”

No entanto, um grande número de editores tendem a confundir as impressões posteriores com edição.

De fato, até o século XVIII, os dois termos basicamente eram tidos como sinônimos, pois os impressores sempre usavam novos tipos a cada impressão. No entanto, após o século XIX, surgiu a necessidade cada vez mais evidente de um elevado número de cópias de determinada publicação e passou a existir uma distinção entre impressão e edição, sendo hoje muito comum a confusão entre essas duas características.

Segundo Carter (1966, p. 80), “impressão refere-se ao número de cópias de uma edição impressas de uma só vez, sem que os tipos ou pranchas sejam removidos da máquina impressora”. É muito comum encontrar livros no Brasil, principalmente edições *Best-sellers*, identificados na capa como 100. Edição. É claro nesses casos o uso precipitado do termo edição, já que geralmente se trata de novas impressões, sem grandes alterações no formato da publicação ou no arranjo dos tipos.

O profissional de obras raras, no exercício de sua profissão, também irá se deparar com os termos com as chamadas variantes de uma mesma edição. Em português, usa-se o termo variante. Em língua inglesa essas variantes são divididas em *issue e state*.

Issue diz respeito a pequenas alterações dentro de uma mesma edição, sem que haja necessariamente uma alteração no texto do documento. Segundo Belanger (1977, p. 99), “*issues* diferentes dentro de uma edição serão basicamente iguais, mas podem, por exemplo, ter diferentes folhas de rosto”. Já o *state*, segundo Carter (1966, p. 99), “ocorre quando alterações, correções, adições ou exceções são inseridas em um livro durante seu processo de fabricação, então as cópias que possuem tais variações vão para venda de forma indiscriminada.” É correto afirmar que o *issue* tem mais a ver com a apresentação da obra, com novos *issues* sendo lançados devido a um erro na paginação da obra, por exemplo, enquanto *state* tem a ver com o conteúdo da publicação, ou seja, novos *states* serão lançados devido a um erro na

ortografia de uma palavra, por exemplo. Essas diferenças de significado devem estar muito claras para o bibliotecário responsável pela seleção de obras raras.

2.3.1.2.1 Primeiras edições

Segundo Winterich e Randall (1966, p. 5) “entende-se por primeira edição a primeira aparição de um trabalho escrito, sob forma de livro”. Há casos em que o trabalho é originalmente publicado em revistas, jornais, entre outros, e só posteriormente é publicado sob a forma de livro. Exemplos notórios são os trabalhos do escritor inglês Charles Dickens (publicados inicialmente de forma seriada) e alguns trabalhos de Machado de Assis.

Para a identificação de primeiras edições, deve-se verificar, em primeiro lugar, se a obra encontra-se arrolada em alguma bibliografia de obras raras. Em caso negativo, convém buscar alguma fonte de pesquisa que forneça os dados necessários à identificação da publicação original, como aspectos tipográficos que identifiquem a primeira edição (ou suas variantes, se for o caso). Cabe ao bibliotecário de obras raras uma pesquisa minuciosa com o intuito de verificar a autenticidade de uma primeira edição, pois falsificações de primeiras edições, bem como edições fac-similares, podem confundir o profissional da informação menos experiente.

Em muitos casos a verificação da autenticidade de uma primeira edição é de difícil identificação. Essa verificação costuma variar conforme o editor e há casos em que os indicativos de edição são registrados no colofão, de forma codificada na página de copyright ou mesmo casos em que o indicativo de edição sequer é mencionado. Deve-se levar em conta também que, embora algumas obras sejam identificadas como primeiras edições, podem ser na verdade edições de clubes do livro, ou primeiras edições posteriores publicadas na verdade por outra editora que não aquela que publicou a obra originalmente. Embora não se possa generalizar, na maioria desses casos a edição por si só não assume o valor que justifica a sua incorporação a uma coleção de obras raras.

E quando decidir se uma determinada obra, comprovadamente identificada como primeira edição, deve ser movida à uma seção de obras raras? Na verdade, o fato de uma determinada obra ser uma primeira edição não implica necessariamente em sua inclusão automática à coleção. É preciso

que a essa obra esteja atrelado um determinado valor, seja ele histórico, material, cultural ou institucional. Para o site *empty mirrors*, “nem todas as primeiras edições são valiosas e, para uma edição ter valor, precisa existir uma demanda.” Acontece nos dias de hoje que as primeiras edições de autores consagrados já são impressas em quantidades expressivas e a demanda por essas edições é suprida pela alta quantidade de exemplares disponíveis. Se essas edições se tornarem raras um dia, só o tempo dirá.

Geralmente, os critérios de seleção de primeiras edições estão atrelados ao renome do autor e, em alguns casos, ao renome do editor. Os critérios para seleção de primeiras edições da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, por exemplo, afirmam que serão selecionadas e incorporadas à coleção de obras raras as primeiras edições de autores consagrados brasileiros e estrangeiros. É por meio da pesquisa, tanto em bibliografias quanto no mercado livreiro, que o profissional da informação que o profissional da informação constatará a dita consagração do autor e conseqüentemente, a demanda por suas primeiras edições, que justificarão a sua presença em uma coleção de obras raras.

2.3.1.2.2 Outras edições, traduções, etc.

Existem casos em que, embora a obra não seja uma primeira edição, possui valor agregado que justifica a sua incorporação a uma coleção. Por vezes essas edições são consideradas ainda mais raras do que a primeira, como ocorre numa edição de *Os Lusíadas*, de 1584. Segundo Herkenhoff (1996, p. 51), “no mar oceano das centenas de edições de *Os Lusíadas*, esta é considerada ainda mais rara do que a primeira, sendo dita Edição dos Piscos, por conter explicação sobre a expressão “piscosa Cizimbra” ocorrente no Canto III.” Em outros casos, traduções podem ser consideradas extremamente raras, como é o caso da obra *Nouvelles histoires extraordinaires*, de Edgar Allan Poe. A edição francesa, traduzida por Charles Baudelaire e publicada por Michel Lévy Frères em 1857, é uma obra rara bastante procurada (ver figura 8). Outro caso de tradução rara é a feita por Machado de Assis para a obra *Les Travailleurs de la Mer*, de Victor Hugo.

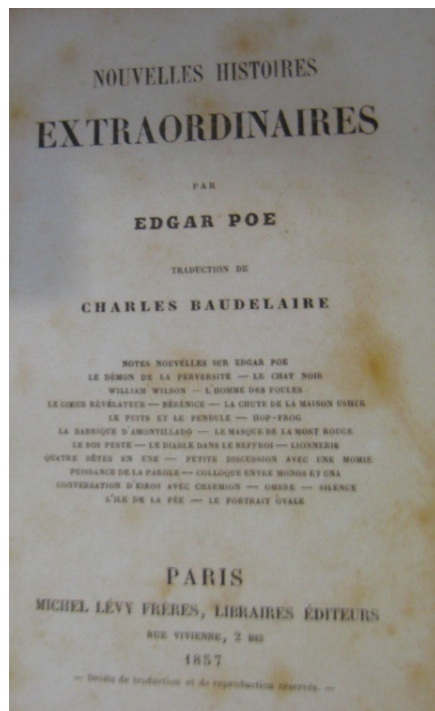


Figura 8 Tradução de Baudelaire para a obra de Poe

2.3.1.2.3 Edições perseguidas, desaparecidas, destruídas, proibidas ou repudiadas pelo autor

Em alguns casos, uma obra torna-se rara após um incidente posterior à sua publicação. Ao longo da história, sobretudo em regimes extremistas de esquerda ou direita, uma grande quantidade de obras foram proibidas pelos governantes, e houve casos em que livros foram deliberadamente queimados em praça pública, como no caso da Grande Queima de livros ocorrida na Alemanha, em 10 de maio de 1933 (ver figura 9). Durante guerras, sobretudo em territórios ocupados, uma grande quantidade de material é destruída pois, de certa forma, ao destruir o patrimônio bibliográfico da nação ocupada, isso constitui uma maneira de afetar a auto-estima da população e diminuir a possibilidade das resistências armadas. A destruição de um livro não representa na verdade a destruição do objeto físico, mas sim a destruição das ideias que ele representa.

“Um livro é destruído com a intenção de aniquilar a memória que encerra, isto é, o patrimônio de ideias de uma cultura inteira. Faz-se a destruição contra tudo o que se considera ameaça direta ou indireta a um valor considerado superior.” (BAEZ, 2006, p. 24)



Figura 9 Queima de livros na Alemanha, em 1933
Fonte: <http://www.washingtontimes.com>

A destruição proposital de livros marcou a história desde a Antiguidade, em Alexandria, até a Guerra do Iraque, com o ataque à Biblioteca Nacional, em 2003. Esses fatos podem determinar a raridade de uma edição. Obras perseguidas ou que tiveram exemplares destruídos durante guerras podem escassear, criando uma demanda posterior que as torna raras. Curiosamente, há casos em que as obras escritas pelos próprios perseguidores de livros acabaram perseguidas, tornando-se raras. É o caso das primeiras edições alemãs de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. Após o fim da guerra, a publicação da obra foi proibida na Alemanha, o que tornou raras essas edições.

Mas a proibição não necessariamente parte de uma instância superior. Existem casos em que, após a publicação, o autor ou editor podem decidir pela retirada da edição, por motivos diversos. Um exemplo é a obra “Porão e sobrado”, publicado por Lygia Fagundes Telles em 1938, quando tinha 15 anos. A autora posteriormente mandou recolher os exemplares do livro e

proibiu qualquer nova edição do material.

Outro caso notório é o do romance *A infanta capellista*, de Camilo Castelo Branco, publicado em 1872 e posteriormente repudiado pelo próprio autor.

Casos de livros proibidos e repudiados são comuns na conturbada história do livro. Cabe ao profissional da informação identificar essas raridades e decidir por sua incorporação a uma seção de obras raras.

2.3.1.2.4 Edições clandestinas

Acontece de determinada edição, publicada sem a autorização de órgãos superiores em determinada época, sobretudo em períodos de instabilidade social e política, como guerras e revoluções, circular clandestinamente e após esse período tornar-se uma edição rara e procurada.

É o caso, por exemplo, do jornal *Correio Braziliense*, ou Armazém Literário, considerado o primeiro jornal brasileiro, mas que era impresso em Londres por Hipolito da Costa e entrava clandestinamente em território brasileiro.

Outros exemplos são folhetos judaicos que circularam em territórios ocupados pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e obras que faziam apologia ao socialismo, que circularam no Brasil no período de Ditadura Militar.

2.3.1.2.5 Edições limitadas

Determinadas edições, em muitos casos já nascem como obras raras em potencial. Impressas em tiragens reduzidas, geralmente em papel de alta qualidade e com exemplares numerados e às vezes personalizados para o comprador, essas edições muitas vezes já são construídas com a finalidade de atender a uma demanda de bibliófilos e em alguns casos essas obras são editadas por associações coordenadas por próprios colecionadores. É o caso, por exemplo, das edições da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, que publicou 23 volumes entre as décadas de 1940 e 1960. Cada obra possuía uma tiragem de 114 exemplares, numerados e personalizados em nome de cada um dos 114 sócios. Hoje em dia, essas edições são valiosíssimas e muito

procuradas.

2.3.1.3 Erros de impressão

Os erros de impressão, de forma isolada, não constituem critérios para que uma obra seja avaliada como rara. Os erros de impressão foram muito comuns e às vezes até constituem critérios para se verificar variantes de uma mesma edição. O que faz com que um erro de impressão torne uma edição rara é uma determinada particularidade que o torne interessante e conseqüentemente atraia uma procura acentuada pela obra. Um exemplo famoso de erro de impressão que fez com que a obra se tornasse rara é citado por MORAES (2005, p. 70):

“Há uma bíblia que vale muito dinheiro, simplesmente por causa da piada que fez o tipógrafo que a imprimiu. É uma edição inglesa de 1631. Imprimindo o sétimo mandamento, “não cometerás adultério”, o tipógrafo esqueceu o não e saiu impresso: “Thou shalt commit adultery”. A brincadeira custou trezentas libras de multa ao gaiato e toda a edição foi queimada, com receio de que os leitores não percebessem o engano e seguissem o mandamento, tal qual tinha sido impresso. Mas escaparam quatro exemplares”

Outro exemplo conhecido por todos colecionadores e profissionais de obras raras é o famoso erro de impressão da Edição da editora Garnier da obra *Poesias Completas*, de Machado de Assis. No prefácio da edição, havia a palavra cegara, mas o tipógrafo trocou o e pelo a na hora da impressão, sendo impressa a palavra *cagara*. Segundo Mindlin (1997, p. 29), “o erro foi detectado logo, Machado corrigiu à mão os exemplares que já tinham sido impressos e, daí por diante, a impressão já saiu corrigida”. Ambas as variantes (aquela com a correção de Machado e a sem correção) tornaram-se raras e bastante procuradas.

Existem casos em que um erro de impressão é notado e é incluída uma errata, e alguma particularidade dessa errata chama a atenção e a obra se torna colecionável. É o caso de *Flor de sangue*, do escritor Valentim Magalhães, publicado por Laemmer, em 1897. Conforme afirma Moraes (2006, p. 71), “esse romance é de fato raro e tornou-se procurado por bibliófilos por causa da errata do volume. Diz ela: “à página 285, quarta linha, em vez de - estourar os miolos - leia-se cortar o pescoço”.

Os erros de impressão, ao serem considerados como critério para incorporação à coleção de obras raras, devem ser observados com cautela pelo profissional da informação. Casos em que um erro de impressão faz da obra uma obra rara são incomuns. Cabe ao profissional da informação buscar referências sobre a obra, seja no mercado livreiro ou em bibliografias, de modo a verificar a raridade da edição.

2.3.1.4 Obras ilustradas

Edições ilustradas por ilustradores de renome ou pelos próprios autores, podem se tornar raras. Sobretudo quando o original é destruído após a publicação de uma obra. É o caso, por exemplo, das gravuras feitas por Cândido Portinari para ilustrar *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, da Sociedade dos Cem bibliófilos.

2.3.1.5 Teses

A inclusão de uma tese a uma seção de obras raras deve levar em conta, além de um limite histórico pré-estabelecido, as definições de precioso, de Pinheiro, e raridade local, de Carter. Em casos de coleções de obras raras de bibliotecas universitárias, as primeiras teses defendidas na instituição podem ser incorporadas à seção de obras raras, por exemplo.

A tese de determinado autor importante na história da instituição na qual a coleção está inserida, também pode ser incorporada a uma coleção de obras raras, se esse for o interesse da instituição.

Teses antigas que tenham apresentado uma nova e revolucionária visão para alguma área do conhecimento também podem ser incorporadas.

As bibliotecas universitárias, onde pode ser encontrado um grande número de teses, costumam ter coleções específicas dentro de suas coleções especiais. Nesses casos, o profissional da informação deve ter bom senso na incorporação de determinado trabalho a uma seção de obras raras.

2.3.1.6 Encadernações

A encadernação, segundo Faria e Pericão (2008, p. 280), “é a operação de juntar as folhas de um livro, costurando os cadernos e cobrindo o corpo do volume com uma capa mais grossa e sólida que a folha vulgar”. A prática

originalmente se apresenta como uma forma de proteger o livro, no entanto, ao longo da história do livro, ganhou o status de arte, sendo que alguns encadernadores imortalizaram seu nome na história devido ao seu trabalho.

O aparecimento da encadernação é anterior ao livro impresso, sendo comum a encadernação de manuscritos. Moraes fornece um relato da encadernação em seus primórdios:

“Usavam couros sólidos, a vaqueta, o couro de porco. Quando o livro era muito grande e pesado, colocavam em cada espelho quatro ou cinco cabochons bem salientes, de maneira a proteger a encadernação, pois os livros eram guardados deitados nas estantes e não de pé, como usamos hoje em dia. Na falta de papelão (só inventado muito mais tarde), os espelhos eram cobertos com pranchetas de madeira. A decoração era feita com ferros a frio. Mais tarde inventou-se a roda, ou virador, que permitia um trabalho mais rápido. A douração é uma técnica árabe que se espalhou pela Europa somente no século XVI, assim como o uso do marroquim.” (MORAES, 2005, p. 73)

A história da encadernação é marcada por estilos de época que identificam a escola à qual determinada encadernação pertenceu. As obras encadernadas nesses estilos, mesmo que não se encaixem em outros critérios que determinam uma raridade bibliográfica, já são motivos para serem incorporadas a uma coleção de obras raras, por constituírem importante papel na história do livro. Dentre os inúmeros estilos existentes, podem-se destacar:

- Encadernação à catedral – estilo surgido no século XIX, sobretudo na França e Inglaterra. Representavam elementos típicos da arquitetura gótica encontradas nas igrejas, por isso o nome.
- Encadernação bizantina – Encadernação com ornamentos de marfim e figuras que apresenta imagens de santos e outros motivos religiosos.
- Encadernação à la fanfare - Encadernação surgida a partir do século XVI, possui motivos gravados a ouro e formas geométricas que formam espaços que às vezes estão vazios, ou estão preenchidos com motivos florais que cobrem toda a capa.
- Encadernação Aldina – Encadernações em marroquim executadas a partir do fim do século XV por Aldo Manuzio. Segundo Faria e Pericão (2008, p. 281), “este tipo de encadernação caracteriza-se pelo emprego

na sua decoração de folhas estilizadas terminando em espiral, filetes a seco, retos e curvos, entrelaçando-se florões no centro e nos cantos e guardas de marroquim com impressão a ouro”.

- Encadernação Bodoniana – Encadernações feitas por Gian Battista Bodoni, considerado o príncipe dos tipógrafos italianos do século XVIII.
- Encadernação copta – uma das encadernações mais antigas, utilizadas nos mosteiros coptas do Egito, do século IV ao IX. Essas encadernações são muito raras. Segundo Faria e Pericão (2008, p. 282), “em 1910 foram descobertas nas ruínas do mosteiro copta de São Miguel do Deserto em Fayoum 55 delas, conservadas hoje na Pierpoint Morgan Library, nos Estados Unidos”.
- Encadernação em pergaminho – Tipo de encadernação que utiliza o pergaminho para revestimento da obra, mais particularmente a flor do pergaminho, que é a face mais lisa desse suporte. Segundo Faria e Pericão (2008, p. 284), “muitas vezes utilizavam-se velhos pergaminhos manuscritos para revestir os planos da encadernação”.
- Encadernação Grolier – Encadernação atribuída ao francês Jean Grolier (1479-1565). Era um admirador do trabalho de Aldo Manuzio e, segundo Mársico (2006), “começou utilizando os próprios ferros aldinós, mas soube a partir deles chegar a uma infinidade de modelos em forma de folha, que vazou e listrou (fundo raiado), criando belíssimo efeito”.
- Encadernação Maioli – Encadernação atribuída ao italiano Thomas Maioli (1549-1565). Embora tenha sido muito influenciado, em seu estilo, por encadernações anteriores, segundo Mársico (200-?), “ao lado de Grolier, o estilo Maioli passou a constituir um dos estilos universais da encadernação”.
- Estilo à Dentelle – Tipo de encadernação no qual os motivos ornamentais imitam rendas. O estilo foi amplamente utilizado por Nicolas Derôme, que tinha como característica, segundo Mársico (2006), utilizar na decoração pequenos pássaros com as asas abertas.
- Encadernação Imperial – Encadernação muito utilizada no Brasil, durante o século XIX, confeccionadas geralmente em veludo, contendo as armas do império no centro da capa. Rubens Borba de Moraes foi um

entusiasta desse tipo de encadernação, sendo um dos focos de sua coleção. Sobre esse tipo de encadernação, ele mesmo observa que:

Muita gente pensa que o fato de um livro estar encadernado com as armas do Império significa que o exemplar pertenceu ao imperador. Ao contrário, indica em geral que pertenceu a alguma repartição pública, ao Império, à Fazenda Pública. Era uma encadernação oficial” (MORAES, 2005, p. 76).

A unidade de informação, ao decidir pela incorporação de um material à coleção de obras por causa de sua encadernação, deve levar em conta as encadernações atribuídas às escolas tradicionais de encadernação, de modo que o bibliotecário não deve optar pela inclusão de uma encadernação somente porque ela lhe parece bonita. Essa inclusão deve ser fundamentada na pesquisa, tanto em bibliografias quanto em obras específicas sobre encadernação, de modo a identificar o estilo e justificar a sua presença em uma coleção de obras raras.

2.3.1.7 Exemplares valiosos

Há casos em que uma determinada obra pode pertencer a uma edição comum, no entanto determinado exemplar, por apresentar uma particularidade que o diferencie dos demais, pode tornar-se raro. É o caso, por exemplo, de exemplares com a presença de assinatura ou anotações do autor ou de pessoas de renome. O profissional há de pesar, nesses casos, o quanto a presença de uma determinada assinatura valoriza o exemplar a ponto de justificar a sua presença em uma coleção de obras raras. A seleção desses itens deve passar por uma criteriosa pesquisa bibliográfica e bibliológica. Mesmo nos casos mais óbvios, como exemplares assinados por nomes clássicos da literatura brasileira e universal, a pesquisa deve ser realizada, a fim de se verificar a autenticidade de uma determinada assinatura.

Existem outros casos em que um exemplar pode tornar-se raro. Não é uma regra universal, mas pode acontecer de um livro que pertenceu a alguma personalidade se tornar raro, mesmo que não esteja anotado. É o caso, por exemplo, dos livros que pertenceram à biblioteca de Adolf Hitler. Nesse caso, o fato curioso de que alguém que tenha ordenado a destruição de tantos livros tenha tido uma biblioteca valorizou esse material.

2.3.1.8 Manuscritos

Segundo Faria e Pericão (2008, p. 478), o termo manuscrito designa tanto o escrito antes da introdução da imprensa ou nessa época, quanto a obra original escrita à mão, ou ainda a cópia manuscrita da obra de um autor anterior à sua impressão (original ou cópia de um livro destinado a ser impresso. Carter (1966, p. 130) define manuscrito em seu sentido literal, ou seja, escrito à mão.

Para o estudo da inclusão desses materiais a uma coleção de obras raras, pode-se propor a divisão dos manuscritos em três grupos:

a) Manuscritos iluminados são aqueles produzidos sobretudo antes da descoberta dos tipos móveis, tem como característica a presença de iluminuras, que são imagens pintadas sobre o documento. Faria e Pericão define o manuscrito iluminado da seguinte forma:

“De modo estrito, um manuscrito iluminado é aquele que apresenta desenhos com ouro ou prata que refletem a luz. Um manuscrito com muita decoração em cores, mas em que aqueles dois elementos estão ausentes não é um manuscrito iluminado.” (FARIA E PERICÃO, 2008, p. 478)

Não obstante o fato de que a prática da ornamentação em ouro tenha sido condenada em vários mosteiros, por não ser considerada apropriada para a austeridade que a vida monástica impunha, os manuscritos iluminados foram muito comuns, sobretudo nos fins da Idade Média (ver figura 10). A maioria dos Livros de Horas medievais são ornamentados em ouro.

Embora as autoras definam o sentido estrito de manuscrito iluminado, esses tem sido definidos, em sentido genérico, a manuscritos com qualquer tipo de gravura, produzidos antes da invenção dos tipos móveis.

A inclusão de todos os manuscritos iluminados a uma coleção de obras raras não só é obrigatória, tendo em vista a sua raridade e valor material e histórico, como é recomendável que sejam armazenados em condições ainda mais restritas que as demais obras de uma seção de obras raras, como o armazenamento em cofres.



Figura 10 Página do livro conhecido como *The black hours*, um exemplo de manuscrito iluminado
Fonte: <http://www.wikipedia.org>

b) Manuscrito caligrafado – segundo Faria e Pericão (2008, p. 478), o manuscrito caligrafado apresenta um texto cuidadosamente escrito e desenhado, segundo o uso da época em que foi produzido. É o caso, por exemplo, de cartas antigas com caligrafia de época, manuscritos com os originais de obras literárias, documentos oficiais caligrafados, ou mesmo manuscritos medievais sem a presença de iluminuras. A inclusão desses materiais à coleção de obras raras deve levar em conta alguns fatores associados ao conteúdo do documento, às suas características específicas, à sua idade, entre outros. Os casos de manuscritos caligrafados medievais, por exemplo, são óbvios e as recomendações são as mesmas adotadas para os manuscritos iluminados. Em originais de obras literárias ou científicas, deve-se levar em conta a importância do autor, seja ele um autor de interesse universal, ou interesse institucional (as anotações do fundador de uma instituição, por exemplo). A inclusão de manuscritos caligrafados às obras raras é complexa e exige estudo e bom senso por parte do profissional. Tendo em vista as características dos manuscritos de serem itens únicos, talvez seja melhor pecar

pelo excesso do que pela falta.

c) Manuscrito datilografado – segundo Faria e Pericão (2008, p. 478), o manuscrito datilografado é uma obra ditada ou escrita à máquina e corrigida pelo autor anteriormente à sua impressão. Talvez esses manuscritos sejam os que mais apresentam dificuldade para o bibliotecário, no momento da seleção. A verificação da autenticidade de um manuscrito datilografado, caso ele não tenha alterações com a caligrafia do autor, exige a comparação dos tipos com aqueles utilizados pela máquina de escrever do autor, entre outros. Um exemplo curioso pode ser verificado na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Existe ali, no arquivo Carlos Lacerda, um manuscrito de um romance completo, intitulado *O provinciano*, sem qualquer identificação de autoria. Não se sabe se foi obra do próprio Lacerda ou de algum aspirante a escritor, visto que Carlos Lacerda foi também editor. A obra permanece inédita até hoje, pela impossibilidade de se verificar a autoria do romance. Os manuscritos datilografados também exigem do bibliotecário ampla pesquisa e sua inclusão deve ser criteriosa.

2.3.1.9 Histórias em quadrinhos

Embora as revistas em quadrinhos ainda sofram preconceito por parte de algumas bibliotecas, estando elas disponíveis muito mais em gibitecas do que bibliotecas, seu valor informacional é evidente, e não se trata apenas de incentivo à leitura. Após o surgimento dos chamados quadrinhos adultos, que marcaram o gênero sobretudo a partir da década de 1980 do século XX, as histórias em quadrinhos alcançaram o status de literaturas de vanguarda, com obras como *Sandman*, *Maus* e os quadrinhos jornalísticos do escritor Joe Sacco. No caso dos quadrinhos raros, muitos ficariam surpresos ao saber que itens como a *Action Comics #1*, publicada em junho de 1938 (ver figura 11), pode alcançar a incrível cifra de US\$ 470.000. Por isso, a eventual incorporação de quadrinhos à seção de obras raras é mais do que justificada.

Os critérios para determinar a raridade de uma história em quadrinhos, embora esta publicação apresente características próprias, não diferem muito dos adotados para livros. Fatores como o fato da procura ser maior que a disponibilidade de um determinado título, sobretudo de títulos mais antigos,

bem como primeiras aparições de personagens famosos, as primeiras obras de artistas consagrados, entre outras, fazem uma determinada história em quadrinhos rara.

O profissional da informação deverá, sobretudo, efetuar a pesquisa bibliográfica dos itens para decidir quanto à sua incorporação a um acervo de obras raras.



Figura 11 Capa da Action Comics #1
Fonte: <http://www.oregonlive.com>

2.3.1.10 Outros materiais

Uma unidade de informação poderá receber outros materiais, como mapas, selos, medalhas e moedas, que podem ser raros. Embora alguns desses materiais sejam de discutível valor informacional, o profissional da informação responsável pela guarda de acervos raros deverá pesquisar a raridade desses materiais, para decidir pela incorporação destes a um acervo de obras raras.

A inclusão desses materiais deve levar em conta a capacidade desses itens se converterem em fontes de informação. Segundo Carter (p. 64), é difícil construir uma regra rígida e rápida para esses casos. Alguns itens de museu, sem dúvida, agregam valor de pesquisa à coleção.

2.3.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica é uma etapa essencial a ser cumprida pelo profissional responsável pela seleção de obras raras. É por meio dela que pode-se descobrir aspectos relevantes da obra para a sua consolidação como item raro.

“Na pesquisa bibliográfica, mais propriamente, através do conhecimento do autor e da obra, é possível verificar a importância e contribuição do autor, assim como informações sobre a obra, sua história, estrutura, edição, tiragem, conteúdo, ocorrência e localização de exemplares catalogados, conceitos de raridade e valor e, eventualmente, desaparecimento – o que configura o exemplar em mãos como um cimélio, uma jóia rara”. PINHEIRO (2009, p. 10)

Para efetuar a pesquisa bibliográfica, o profissional deverá consultar as diversas fontes disponíveis a fim de verificar as características do item que se tem em mãos. O advento das novas tecnologias da informação facilitou essa pesquisa, visto que na Web pode-se encontrar um grande número de referências úteis ao bibliotecário de obras raras.

Para a pesquisa bibliográfica, as fontes mais confiáveis são as chamadas bibliografias descritivas, que descrevem um item detalhadamente, apresentando características que valorizam não só o conteúdo, mas também aspectos materiais da obra. Segundo Belanger (1977, p. 100), bibliografias descritivas são livros que fornecem descrições físicas completas dos livros listados, permitindo-se identificar uma edição de outra e identificar variações significativas dentro de uma única edição.

Existem bibliografias descritivas clássicas que são de consulta obrigatória. Abaixo serão comentadas algumas delas:

2.3.2.1 Bibliografias gerais

Obras que arrolam obras publicadas em qualquer lugar do mundo:

- BRUNET, Jacques Charles. **Manuel du libraire et de l'amateur de livres**. 5. ed. Paris: F. Didot, 1860. 12 v.

Bibliografia geral de livros até o século XIX, editados pelo famoso impressor Firmin Didot.

- DEBURE, Guillaume François. **Bibliographie instructive**; ou, traite de la connaissance des livres rares et singuliers. Paris: G. F. de Bure, 1763. 7 v.
Um dos primeiros trabalhos a arrolar livros raros, publicado no século XVIII.
- Kommission Fur Den Gesamtkatalog Der Wiegendrucke. **Gesamtkatalog der Wiegendrucke**. Leipzig: K W Hiersamann, 1925. 7 v.
Catálogo que arrola incunábulos, sendo uma das mais completas bibliografias existentes. É conhecido também por GW e foi o responsável por um sistema de descrição muito usado hoje no mercado de obras raras.

2.3.2.2 Brasil

Bibliografias que arrolam obras brasileiras ou publicadas por autores brasileiros:

- MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasiliana**: Rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by brazilian authors of the colonial period. Rio de Janeiro: Kosmos. 2 v.
Bibliografia de livros brasileiros, escrita pelo bibliotecário e colecionador Rubens Borba de Moraes, com abrangência do século XVI ao XIX.
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento; FISCHER, Jango. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. 7 v.
Bibliografia de livros brasileiros até o século XIX.

2.3.2.3 Portugal

Bibliografias que arrolam obras portuguesas ou publicadas por autores portugueses:

- SILVA, Innocencio Francisco da, et al. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Impr Nacional, 1858 1923. 22 v.
Notória bibliografia de livros portugueses, publicados até o século XIX.

Outras fontes podem ser consultadas de acordo com a natureza e característica do item. Para casos específicos, deverão ser consultadas bibliografias específicas.

2.3.3 ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

O estudo dos aspectos bibliológicos de um item muitas das vezes pode determinar sua raridade ou remeter a algum dos critérios mencionados no capítulo anterior, que visam determinar a raridade de uma determinada obra.

O conceito de bibliologia é amplo e foi assim definido por Antonio Houaiss:

“Bibliologia é a disciplina do livro que o examina do ponto de vista de sua sistematização orgânica, como um todo de elementos materiais de suporte (folhas, cartões, peles, linhas, cola), de elementos materiais de representação simbólica (tintas, furos – nos livros de Braille -, cores, de elementos de eficaz disposição dos símbolos (tipos, letras, imagens, objetos visuais e tácteis), a fim de que a mensagem se possa consumir em sua finalidade de comunicação e expressão, com a completez possível. (HOUAISS, 1967, p. 41)

Paul Otlet vai ainda mais além e utiliza um conceito de bibliologia que muito se assemelha ao próprio conceito de biblioteconomia:

Bibliologia é a ciência que abarca o conjunto sistemático classificado dos dados relativos à produção, difusão, conservação, circulação e utilização dos escritos e dos documentos sob todas as suas formas, incluindo a investigação dos fatores e explicação dos fenômenos – tanto nos planos e técnico como nos planos político, social e cultural – para determinar as perspectivas de evolução, tanto qualitativas quanto quantitativas (OTLET, 1934)

À biblioteconomia de obras raras interessa a análise material do item, levando em conta fatores como apresentação tipográfica, paginação, tipo de suporte utilizado, encadernação, entre outros. Essa análise levará à qualificação do item, determinando a sua raridade.

Pinheiro (2009, p. 7) definiu essa etapa como análise bibliológica, conceituando-a como a etapa que “envolve a inventariação do livro, dando prova de sua existência, se está absolutamente completo e conforme seu arranjo original, apontando as diferenças entre exemplares – fundamentalmente, constitui a descrição materialística e iconográfica do item”.

Essa técnica exige do bibliotecário de obras raras o exame de todos os detalhes do livro raro. Uma das etapas essenciais da análise bibliológica de um item é chamada de colacionamento. O colacionamento, em bibliologia, pode ter significados distintos, por ser aplicado à editoração, encadernação e outras áreas.

No entanto, para fins da análise bibliológica de obras raras, a descrição mais fiel é a de Haugh (1965, p. 55), que afirma que o colacionismo consiste em folhear o livro página a página, assinatura por assinatura, checando a sua completude, erros de paginação, imperfeições e as inclusões de pranchas e mapas, normalmente em comparação com outra cópia. O colacionamento é essencial não só para a verificação das condições do item, (como falta de páginas), como para verificar eventuais aspectos que podem tornar uma obra rara, como um erro de impressão, por exemplo.

Segundo Pinheiro (2009, p. 7), os seguintes elementos devem ser observados no colacionamento de um item:

- Suporte: devem ser observada a natureza do suporte, ou seja, se ele é papel, pergaminho, couro tecido, papiro, entre outros, bem como a linha e marca d'água, variantes morfológicos (cicatrices e defeitos do pergaminho, dimensões, textura, cor e espessura do papel);
- Capa: observar a cobertura (material, decoração), capa original, pasta, estojo, lombada, miolo e cortes, seixas, contraguarda, guarda volante, estilo, artista.
- Iconografia da mancha do texto: observar o arranjo, os caracteres empregados, os signos tipográfico-bibliológicos, títulos, páginas e folhas.
- Ornamentação: observar a presença de gravuras originais, aquarelas, assinaturas e marcas dos artistas; elementos decorativos, modos de encarte (em bloco, intercalando, em páginas não numeradas, com carcela).
- Apresentação física do item em mãos: observar marcas de proveniência e iter, selos, marcas de propriedade, marcas de leitura, marcas de preparo biblioteconômico, imperfeições.

Cabe ressaltar que a etapa de análise bibliológica, em especial o colacionamento de itens, exige tempo e esforço por parte do profissional. É

necessário que os itens que serão objeto de análise bibliológica já estejam pré-selecionados como obra rara, sendo que esta etapa servindo principalmente para classificar o nível de raridade de uma obra e prepará-la para descrição no catálogo da unidade de informação.

2.4 OPINIÃO DE ESPECIALISTAS

Como um elemento adicional aos conceitos encontrados na literatura especializada, foram entrevistados alguns especialistas, que responderam questões relativas à obras raras, a fim de obter uma visão da área em diversos segmentos, como o meio editorial, o mercado livreiro, a área de docência em ciência da informação e a prática bibliotecária das obras raras. Não existe aqui a pretensão de analisar as respostas obtidas e sim utilizá-las como subsídios para a construção do instrumento de coleta de dados e análise dos dados da pesquisa que foi realizada junto às bibliotecas. Para tanto, foram entrevistados:

- Agenor Briquet de Lemos – um dos principais editores brasileiros de livros na área de ciência da informação, ex-professor da Universidade de Brasília;
- Edson Nery da Fonseca – importante figura da biblioteconomia brasileira, ex-professor e fundador do curso de biblioteconomia da Universidade de Brasília;
- Rízio Bruno Sant’anna – conceituado bibliotecário de obras raras, curador de obras raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo.

Pergunta 1:

Em sua visão pessoal, o que é o livro raro? O que o difere das demais coleções?

Para Briquet de Lemos: “não existe o livro raro. Existem categorias de livros raros. A primeira ideia que nos vem à mente, quando pensamos em livro raro, é a sua raridade, a sua ocorrência escassa. Mas esse é apenas um aspecto. É possível existirem de um livro pouquíssimos exemplares e eles não serem raros, obviamente. De qualquer modo, aí poderíamos ter uma primeira categoria: o livro raro escasso. Uma segunda categoria está na sua

antiguidade. Quanto mais perto houver sido publicado do nascimento da imprensa, maior a chance de ser raro. Mas essa antiguidade é variável conforme o local. Na Alemanha, e em vários outros países europeus, essa antiguidade remonta ao século XV. No Brasil, começa com a chegada da imprensa em 1808. Outra categoria é a do livro que tem a aura de ter sido possuído por alguém, ou de ter recebido um autógrafo de alguém importante, de preferência o autor. E há o livro que é fabricado para ser raro, como os que são editados em tiragens limitadas, que atendem ao requisito da escassez, mas não ao da antiguidade, nem ao da aura deixada por quem o tocou. Não acredito que se possa fornecer ao administrador uma receita de fácil aviamento que o ajude a prever categoricamente o que é um livro raro. Pode-se até falar de uma dinâmica do livro raro. Um livro que é comum hoje pode amanhã virar um livro raro.”

Segundo Edson Nery da Fonseca, “em seu livro *Sociologia, introdução ao estudo de seus princípios*, Gilberto Freire conta a história de um teólogo que, depois de ouvir o sermão de outro teólogo, comentou: A teologia deste homem é a minha demonologia. O que ele entende por Deus eu entendo por Demônio. Eu não sei responder à sua pergunta porque o conceito de livro raro é quase tão amplo quanto o de teologia para aquele teólogo. Veja o que diz o excelente *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia* de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, editado por Briquet de Lemos em 2008, página 234. “Livro raro, *fine book, rare book, rarity*, arte bib. “Livro que, pelas características da edição, existência de autógrafo do autor ou alguma razão especial, é considerado valioso”. No comércio antiquário existe uma classificação informal para os diversos níveis de raridade de uma obra, a saber: A) escasso: quando a obra aparece no mercado livreiro uma vez por ano; b) raro: quando é ofertado no comércio a cada dez anos; c) muito raro: quando chama a atenção dos especialistas durante poucas vezes em sua vida; d) único: quando não se sabe da existência de outro exemplar”.

Para Rízio Bruno Sant’ana: “o livro raro é aquele difícil de ser encontrado, ou porque existe em pequeno número ou por ser procurado por muitos interessados. Uma obra rara (considerando-se aqui como obra qualquer tipo de impresso – livro, periódico, folha volante, gravura, etc. – e não incluindo os manuscritos e as fotografias, que são material de arquivo, embora possam

estar guardados/conservados com as obras raras, pelo seu valor ou mesmo fragilidade) é assim uma publicação incomum, invulgar, diferente, difícil de achar e com um valor maior do que os livros disponíveis no mercado.

Existe uma relação entre a raridade de um livro e seu valor comercial ou histórico. Em geral, em qualquer relação de oferta e procura, quanto menor a oferta, maior a procura, e quanto maior a procura, maior o valor. Desta forma, se não houver procura ele provavelmente não vai se tornar “raro” no sentido de valioso. O livro raro sempre é considerado também do ponto de vista de objeto físico, ou seja, não interessa apenas o conteúdo, mas também (e principalmente) a condição de conservação, encadernação, ilustrações, marcas associativas, etc. Da mesma forma, se a obra não estiver em bom estado ou completa, ela perde muito de seu valor monetário, embora ainda possa conservar valor para pesquisa. Dentre os motivos de interesse maior por um livro raro, destacam-se sua importância histórica (primeiras edições de obras com uma contribuição importante ao conhecimento humano, seja literária ou científica), marcas de associação entre o autor, o antigo possuidor e a atual biblioteca (*ex-libris*, dedicatórias, notas marginais, etc.) e a data ou local de publicação. O assunto da obra em si, embora sirva para indicar interesse na busca, não é um bom motivo para transformar um livro em “raro”, pois não existe um tópico mais valioso que outro. Os modismos, com o tempo, também mudam, o que faz mudar o tipo de livro procurado. Por outro lado, uma coleção de livros “comuns”, numa grande biblioteca, principalmente se antiga ou com partes da coleção ainda não catalogadas, pode conter diversos volumes de livros que, melhor analisados, podem vir a ser considerados “raros”. Como já disse num texto, “uma boa regra geral é usar de cautela: se um livro é suspeito de ser raro, trate-o como tal, até prova em contrário”.

Verifica-se nas respostas dos três entrevistados à primeira questão diversos conceitos relatados na literatura da área. A resposta de Briquet de Lemos categoriza os livros raros, seja por sua antiguidade, pelo fato de terem sido impressos poucos exemplares, ou ter uma característica que torne o exemplar raro. Essa categorização foi amplamente discutida ao longo desta pesquisa. O autor também ressalta a dificuldade de se estabelecer com clareza o que vem a ser um livro raro: “Não acredito que se possa fornecer ao administrador uma receita de fácil aviamento que o ajude a prever

categoricamente o que é um livro raro”. Chama também atenção a frase com que Briquet de Lemos encerra sua resposta: “Um livro que é comum hoje pode amanhã virar um livro raro”. A afirmação o caráter mutável do livro raro e as circunstâncias que o tornam especial são circunstâncias variáveis de acordo com o tempo e o espaço em que ele é introduzido.

A resposta de Edson Nery da Fonseca ressalta outro ponto importante na literatura de obras raras: a dificuldade de se estabelecer com clareza o que vem a ser uma obra rara. Segundo o entrevistado, a dificuldade de se estabelecer uma resposta clara à essa pergunta está na amplitude dos conceitos encontrados. O entrevistado ainda cita definições de livro raro, tanto aquela encontrada em um dicionário especializado quanto as definições do comércio livreiro, nessas definições formadas já pensando em uma avaliação comercial da obra.

Já Rízio Sant’anna inicia sua resposta definindo o livro raro por sua escassez/procura. Essa é a definição que condiz com o conceito de Moraes: “A procura é que torna o livro valioso”. Outro ponto que chama a atenção na resposta do entrevistado é a relação entre raridade e valor comercial/histórico, seguindo a lei da oferta e procura. O entrevistado também categoriza os livros raros, destacando critérios consolidados na literatura como fatores que podem tornar um livro raro e também atribua um valor circunstancial da obra, citando os modismos que fazem com que o livro se torne mais ou menos procurado. O entrevistado termina citando que em uma biblioteca pode conter diversos livros que podem ser considerados raros em seu acervo geral ou em suas obras não catalogadas. Esse conceito, em certo sentido, ressalta a importância do bibliotecário de obras raras. Sendo a biblioteca um organismo em crescimento (Ranganathan, p.), a coleção de obras raras também é, e o bibliotecário por elas responsável deve estar atento tanto às mudanças circunstanciais que pode fazer da obra um livro raro, quanto às possíveis falhas na coleção geral da biblioteca, que pode encontrar ainda tesouros a serem descobertos.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados encontra-se no quadro 1.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'anna
Categorização dos critérios	X	X	X
Dificuldade de definição do livro raro	X	X	
Modismos/Raridade circunstancial	X		X
Relação entre a raridade e a escassez/procura		X	X

Quadro 1: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 1

Pergunta 2:

O livro raro tem de ser universalmente raro? Ou seja, o que é raro no Brasil tem de ser raro em qualquer parte do mundo?

Para Briquet de Lemos, “a minha resposta anterior, mostra que há, em muitos casos, uma raridade por assim dizer tópica, ou seja, determinada pelo lugar, pelo tópicos. Assim, podemos falar de uma categoria universal de obras raras, mas também há categorias de obras raras que o são exclusivamente em nível local, mas nem por isso são menos importantes. Pode-se ver isso na cotação de livros raros nos antiquários que publicam catálogos na internet. Aliás, há colecionadores brasileiros que compram nas livrarias virtuais estrangeiras obras que aqui se consideram raras, mas que lá fora não têm grande valor”.

Segundo Edson Nery da Fonseca, “a resposta pode ser sim e não. Há obras que são universalmente raras (como a Bíblia de Gutenberg) e outras que são raras apenas em determinados países”.

Já Rízio Bruno Sant'ana responde que “não necessariamente. Um exemplo: em geral só são considerados raros (em normas internacionais de catalogação) os livros publicados desde o início da imprensa ocidental, com Gutenberg, até o início do século 19, ou seja, mais ou menos de 1450 a 1801. Como o Brasil só passou a ter imprensa em 1808, nenhum livro brasileiro se encaixaria neste critério. Segundo Roderick Cave, em “Rare book librarianship” (London: Clive Bingley, 1985) podem existir critérios absolutos e relativos de raridade. Os critérios de local ou data de publicação seriam absolutos, os

critérios de importância histórica, etc. seriam relativos. A BMA adota distintos critérios para obras diferentes”.

À essa pergunta, se obteve três respostas semelhantes. Todos os entrevistados citam que podem existir obras com um caráter local de raridade. Briquet de Lemos, inclusive, ressalta a importância que obras com um caráter local de raridade podem assumir, citando como exemplo as obras publicadas sobre o Brasil, altamente valorizadas entre os colecionadores brasileiros.

Os três entrevistados concordam que, embora existam obras que são consideradas raras universalmente, uma obra rara pode ter valores que só existem em um sentido local. As respostas condizem com os conceitos abordados na literatura, seja com a definição de obra preciosa, abordado por Pinheiro, raridade temporal, de Carter, ou critérios relativos de raridade, de Cave.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 2 encontra-se no quadro 2.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'ana
Existência de obras com raridade universal	X	X	X
Existência de obras com raridade local	X	X	X

Quadro 2: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 2

Pergunta 3:

Em sua visão pessoal, as políticas de seleção de obras raras devem ser desenvolvidas pela própria instituição ou deve-se criar padrões que possam ser adotados por bibliotecas que possuem acervos e público-alvo semelhantes?

Briquet de Lemos acredita que haja pontos de interesse comum que “podem servir de plataforma para o desenvolvimento de coleções de obras raras, principalmente em bibliotecas públicas e universitárias. Mas não acredito nessa história de acervos e público-alvo semelhantes. Cada biblioteca tem sua própria história, tem seus próprios compromissos institucionais, tem seus liames invisíveis que foram lançados ao longo de uma vida imprevisível. É muito difícil pensar em padrões nessas situações”.

Já Edson Nery da Fonseca responde que “cada instituição deve estabelecer sua política de obras raras, embora exista um denominador comum natural”.

Rízio Bruno Sant’ana afirma que “as políticas de seleção devem ser desenvolvidas pela própria instituição, baseadas em padrões já existentes e adotados por bibliotecas semelhantes”.

À essa pergunta também se obteve respostas semelhantes. Briquet de Lemos cita que, embora possa haver pontos em comum em outras bibliotecas para o desenvolvimento de uma coleção de obras raras, “é muito difícil pensar em padrões nessas situações”, ressaltando que cada biblioteca tem sua história. Edson Nery da Fonseca e Rízio Sant’ana também admitem que cada biblioteca deve construir seus padrões de forma independente, embora admitam a existência de padrões que podem servir de base à esses critérios.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 3 encontra-se no quadro 3.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant’ana
A biblioteca deve construir seus critérios de seleção de obras raras de forma independente	X	X	X
Existem pontos em comum para a seleção de obras raras quem podem ser utilizados na construção de critérios	X	X	X

Quadro 3: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 3

Pergunta 4:

A visão do bibliotecário sobre a coleção de obras raras, quer seja na seleção, organização ou disseminação, deve diferir da visão do colecionador de obras raras? Por quê?

Segundo Briquet de Lemos, “o bibliotecário tem, antes de tudo, um compromisso social e institucional. O colecionador individual, de livros raros, de

carteiras de cigarros, de caixas de fósforos, de carros antigos, do que seja, somente tem compromisso com seu passatempo, com sua mania, com sua propensão incontrolável a possuir um número infinito de objetos de desejo. É claro que, ao reunir e preservar obras que têm interesse para a sociedade, ele acaba prestando a ela um excelente serviço, principalmente no Brasil onde as bibliotecas nem sempre valorizam a questão da preservação do patrimônio cultural”.

Para Edson Nery da Fonseca, “a visão do bibliotecário responsável pela coleção de obras raras não pode ser a mesma do colecionador privado simplesmente porque o objetivo da biblioteca é a difusão do livro. Em biblioteconomia, difundir é mais importante do que conservar e o leitor é mais importante que o próprio livro”.

Já Rízio Bruno Sant’ana acredita que “bibliotecas públicas tem interesses distintos de colecionadores privados, mas existem intercâmbio entre eles, e muitas coleções particulares acabam sendo doadas ou compradas por bibliotecas públicas ou universitárias. Não é simplesmente dizer que a visão do bibliotecário deve diferir da visão do colecionador mas saber qual a política da instituição, qual o interesse na reunião de uma coleção de livros, etc. Bibliotecas públicas precisam ter uma visão clara sobre o assunto, de qualquer forma”.

À essa pergunta, os três entrevistados concordam que a olhar que o bibliotecário de obras raras tem sobre a coleção deve diferir da visão do colecionador. Para Briquet de Lemos, “o bibliotecário tem, antes de tudo, um compromisso social e institucional” enquanto o colecionador atende a interesses individuais, embora este pode acabar atendendo um interesse coletivo, ao preservar determinada obra. Esse ponto da resposta de Briquet de Lemos chama a atenção, pois existem casos ao longo da história, sobretudo em épocas conturbadas, como nos períodos de guerras e revoluções, em que obras proibidas e perseguidas só tiveram exemplares sobreviventes graças ao esforço de colecionadores, que muitas das vezes arriscavam a própria vida mantendo essas obras proibidas.

A resposta de Edson Nery da Fonseca afirma que o papel do bibliotecário é a difusão do livro e, sendo assim, a sua visão sobre a coleção não pode ser a mesma do colecionador. Essa resposta condiz com uma

posição defendida ao longo desta pesquisa, que é a de que, embora o bibliotecário de obras raras possua o dever óbvio de preservar a coleção, salvaguardando-a para as futuras gerações, essa preservação deve estar aliada à promoção do acesso à coleção por parte do usuário, que deve sempre estar no centro dos interesses de uma biblioteca.

Para Rízio Sant'ana, os interesses dos colecionadores são distintos dos bibliotecários de obras raras, mas o entrevistado admite haver um intercâmbio entre as duas categorias. O entrevistado cita as doações que colecionadores podem fazer às bibliotecas. Em muitos casos, essas doações podem atender exigências do colecionador, de acordo com a importância do doador. Um caso recente foi a doação da Brasileira de José Mindlin à Universidade de São Paulo. Para essa coleção de caráter inestimável, foi estabelecido todo um aparato de exigências, que incluiu a construção de um prédio exclusivo para abrigar a coleção e a manutenção de uma excelente biblioteca digital. Porém, quando uma coleção desse porte é doada à uma biblioteca, parte da memória do colecionador e mesmo a forma como ele encarava ou organizava sua coleção pode ainda permanecer, de certo modo, o papel primordial dessa coleção passa a ser a sua disponibilização ao usuário, embora deva existir algumas restrições com o intuito de preservar a coleção.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 4 encontra-se no quadro 4.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'ana
Diferenças entre a visão do colecionador e bibliotecário de obras raras	X	X	X
Contribuição dos colecionadores para preservação das obras raras	X		
Bibliotecário de obras raras deve primordialmente difundir/promover o acesso ao livro		X	

Quadro 4: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 4

Pergunta 5:

Em sua visão pessoal, o profissional responsável pelas coleções é bem preparado pelas escolas de biblioteconomia brasileiras? Por que?

Para Briquet de Lemos, até onde ele sabe, não. O entrevistado cita como exemplo “o famigerado subsolo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Ou a frequência com que “desaparecem” obras raras de nossas bibliotecas”.

Para Edson Nery da Fonseca, a resposta é não, porque a demanda de bibliotecários especializados em obras raras ainda é muito pequena em nosso país. De qualquer modo, segundo o entrevistado, poderiam algumas escolas oferecer mestrado em obras raras.

Para Rízio Bruno de Sant’ana, a resposta é não, pois no Brasil não existe nenhum curso com formação em obras raras.

À essa pergunta, os três entrevistados concordam que o profissional de obras raras não tem o preparo adequado nas escolas de biblioteconomia. Edson Nery afirma que a demanda por esses bibliotecários ainda é muito pequena e sugere a criação de um curso de pós-graduação na área.

Torna-se urgente a criação de um curso para especializar os bibliotecários de obras raras que trabalham com as coleções em bibliotecas brasileiras. Constantemente, o bibliotecário de obras raras, ao ser designado como curador de uma coleção de obras raras, não possui o conhecimento adequado para gerir a coleção e esse conhecimento é adquirido apenas com a experiência de anos no trato com a coleção, quando na verdade a preparação devia começar antes de se ter início suas atividades em uma coleção de obras raras. A preparação deveria começar na graduação, com a obrigatoriedade de uma ou duas disciplinas que iniciassem o bibliotecário na conceituação e manutenção de uma coleção de obras raras e deveria continuar, como sugerido por Edson Nery da Fonseca, na pós-graduação, com cursos voltados exclusivamente para a curadoria de coleções de obras raras.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 5 encontra-se no quadro 5.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'ana
Má preparação do bibliotecário de obras raras no Brasil	X	X	X
Criação de cursos de pós-graduação		X	
Não existência de cursos no Brasil			X

Quadro 5: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 5

Pergunta 6:

Até que ponto um eventual despreparo na formação do bibliotecário responsável pela guarda das coleções de obras raras pode ser prejudicial?

Para Briquet de Lemos, é muito difícil dizer. O entrevistado volta ao exemplo da UnB ou o exemplo da própria Biblioteca Nacional onde há 200 anos se multiplicam os exemplos de danos e prejuízos causados pelo despreparo dos profissionais.

Para Edson Nery da Fonseca, o despreparo a que se refere a pergunta é um desastre. Há vários anos o professor Antonio Agenor Briquet de Lemos encontrou no chão de um corredor da Biblioteca Central um monte de folhetos que iam ser jogados fora porque certas bibliotecárias detestam folhetos, ignorando que uma obra que dividiu a história da filosofia em duas partes como o *Discurso do Método* de Descartes é um folheto.

Segundo Rízio Bruno Sant'ana, alguma formação cultural (línguas estrangeiras, história da literatura, etc.) o bibliotecário acaba possuindo, o que o auxilia na seleção e identificação de obras importantes (livros clássicos, etc.). Mas o principal problema é o desconhecimento da história do livro e a falta de informação para a correta identificação de obras antigas (muitas vezes sem página de rosto ou sem data impressa), aliada ao desconhecimento de noções básicas de preservação. Muitas obras importantes são mutiladas por reencadernações que desprezam as capas originais ou cortam as margens dos livros, às vezes apagando marcas antigas de associação e retirando o caráter de originalidade da obra.

Os três entrevistados concordaram que a má preparação do profissional tem reflexos negativos na manutenção de uma coleção de obras raras. Briquet

de Lemos cita exemplos de supostos descasos com obras raras verificados no Brasil. Com relação ao depósito da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, no passado várias obras foram objetos de desbaste, o que fez com que fossem transferidas para o subsolo da biblioteca, um local insalubre e que, à época, possuía inclusive uma mina d'água, o que provocava diversos alagamentos. O problema da água foi solucionado, mas as obras permaneceram lá. Entretanto, em 2008 a direção da unidade deu início a um projeto de resgate dessas obras, sendo que até o momento foram higienizadas e catalogadas cerca de 4.000 obras, entre elas algumas obras raras.

O entrevistado Rízio Sant'ana afirma que o bibliotecário adquire um certo conhecimento sobre as obras raras após um tempo, mas alega como principais problemas a dificuldade do bibliotecário interpretar corretamente o que é uma obra rara, bem como as técnicas de preservação a serem adotadas em cada caso. Daí também pode-se ressaltar, a partir da resposta do entrevistado, a necessidade do bibliotecário de obras raras ter ao menos noções básicas de conservação e restauração de documentos, de modo que esse possa opinar e acompanhar diretamente as intervenções adotadas nos livros da coleção, evitando danos permanentes aos materiais que por ventura possam ser causados por intervenções incorretas nos documentos da coleção.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 6 encontra-se no quadro 6.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'ana
Má preparação afeta negativamente a coleção	X	X	X
Citação de exemplos em bibliotecas brasileiras	X	X	
Desconhecimento de técnicas de preservação afeta a coleção			X

Quadro 6: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 6

Pergunta 7:

Em sua opinião, as coleções de obras raras nas bibliotecas brasileiras possuem acervos relevantes que servem para o pesquisador?

Briquet de Lemos responde que não pode responder por todas. Mas, pelo pouco que conhece, principalmente por meio dos catálogos que já foram publicados, algumas possuem acervos relevantes para pesquisa nas respectivas áreas. O entrevistado acredita que o processo de digitalização de obras raras, que ocorre em vários países, venha a aumentar e facilitar a sua utilização em pesquisas.

Segundo Edson Nery da Fonseca, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, fundada por D. João VI, é a biblioteca brasileira mais rica em manuscritos e obras raras. Basta lembrar que ela possui duas Bíblias de Gutenberg e a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos – a maior do mundo! – apenas uma. A mais rica biblioteca particular do Brasil pertenceu a Rubens Borba de Moraes e, depois, a José Mindlin. Grande parte dela foi doada à Universidade de São Paulo. José Mindlin foi um grande bibliófilo e escreveu mais de um livro sobre suas aventuras na busca de livros raros. Lembro também que a Presidência da República (Juscelino Kubitschek) adquiriu a biblioteca particular do bibliófilo carioca Ricardo Xavier da Silveira. Com isso passou a possuir um belo exemplar da obra *Rerum per octenium in Brasile* de Barleus, uma das preciosidades da *Brasiliana* brasileira.

Para Rízio Bruno de Sant’ana, a resposta à pergunta é sim.

Todos os entrevistados concordam com a importância que possuem os acervos de obras raras brasileiros. Edson Nery da Fonseca, ao citar a obra que pertenceu a Ricardo Xavier da Silveira, *Rerum per octenium in Brasile*, afirma que ela foi adquirida pela presidência, no entanto hoje ela está no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, talvez por ter sido alguma doação para a Universidade, visto que outras obras do bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira também hoje pertençam à UnB. Durante a realização desta pesquisa, a riqueza dos acervos raros do Distrito Federal pôde ser constatada. De manuscritos medievais à obras modernas, mas igualmente raras, os acervos raros do DF demonstraram um excelente potencial, que poderia ser explorado de forma mais ativa, uma vez que muitas das obras raras nas bibliotecas do DF encontram-se hoje esquecidas, com um baixíssimo

número de usuários que tem acesso a elas, muitas das vezes pelo desconhecimento de sua própria existência.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 7 encontra-se no quadro 7.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'ana
Bibliotecas brasileiras possuem acervos relevantes	X	X	X

Quadro 7: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 7

Pergunta 8:

Em sua visão pessoal , o livro raro é visto pelo colecionador mais como um objeto passível de colecionismo, enquanto o bibliotecário vê o livro raro do ponto de vista informacional?

Para Briquet de Lemos, a resposta é sim, e acrescenta que de certa forma foi o que ele disse no item 5. Quanto ao ponto de vista do bibliotecário, o entrevistado tem dúvidas de que ele se preocupe com o a pergunta chama de ponto de vista informacional. O entrevistado também tem dúvidas se a todos os livros raros se aplica esse mesmo viés dito “informacional”. Qual o valor “informacional” da primeira edição de *Dom Casmurro*?

Edson Nery da Fonseca concorda com a afirmação da pergunta. Segundo ele, o bibliófilo tem uma visão do livro completamente diferente da visão do bibliotecário. Para o bibliófilo o livro raro deve ser escondido dos outros bibliófilos. Para o bibliotecário, como escreveu o grande bibliotecário indiano Ranganathan, o livro existe para ser lido.

Para Rízio Bruno de Sant'ana, a resposta é positiva. O entrevistado lembra que o colecionador tem seus próprios interesses pessoais e seu orçamento para realizar as aquisições possíveis, enquanto a biblioteca pública tem que pensar no interesse do usuário e em geral um orçamento muito mais enxuto.

A colocação de Briquet de Lemos, ao questionar o ponto de vista informacional de uma primeira edição é pertinente, no entanto mesmo

primeiras edições, encadernações de época, podem conter, de certa forma, um viés informacional. Uma primeira edição conservada em uma seção de obras raras, por exemplo, pode se tornar informacional a partir do momento em que, por exemplo, um colecionador pesquisa a primeira edição disponível e compara com outra que esteja em sua posse, a fim de obter informações, seja no uso de tipos, na espécie do papel ou em detalhes no texto que autenticuem a sua edição como original. Nesse caso, ironicamente, a mesma obra, é vista pelo mesmo colecionador, tanto do ponto de vista informacional (quando ele procura a edição na biblioteca), como do ponto de vista de objeto colecionável (que é a relação que ele tem com seu exemplar).

Edson Nery da Fonseca cita a lei de Ranganathan, que se aplica também ao caso dos livros raros, embora obviamente, no caso das obras raras, o acesso deve estar sempre aliado à preservação do acervo.

Rízio Sant'ana ressaltou que o colecionador adquire as obras de acordo com interesses individuais, enquanto em uma biblioteca as aquisições, inclusive de obras raras, devem ter como foco os interesses dos seus usuários.

As respostas para essa questão foram positivas para todos os entrevistados, ou seja, todos eles concordaram com as diferenças existentes na maneira como o colecionador encara sua coleção e na maneira como o bibliotecário o faz. Esse ponto de vista foi defendido ao longo desta pesquisa, embora essas diferenças não estejam claras na literatura da área.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 8 encontra-se no quadro 8.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'ana
Visão do livro enquanto objeto colecionável (coleccionador) e objeto informacional (bibliotecário)	X	X	X
Colecionador atende interesses individuais enquanto bibliotecário		X	X

atende interesses coletivos	a			
-----------------------------------	---	--	--	--

Quadro 8: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 8

Pergunta 9:

O acesso às coleções de obras raras em bibliotecas brasileiras é burocrático? Em sua opinião, esse acesso tem de ser mais burocrático, de modo a zelar pela segurança do acervo, ou mais livre, de modo que a informação possa estar disponível a um maior número de pesquisadores?

Segundo Briquet de Lemos, não se deve confundir burocracia com uma política de preservação e conservação dos materiais. Tampouco a segurança não exclui que se dê aos usuários um tratamento civilizado, respeitoso e pedagógico. O bibliotecário ainda tem muito a aprender sobre como melhor receber o leitor, como acolhê-lo na biblioteca, como ensiná-lo a zelar por todos os itens, por todas as peças da biblioteca, e não apenas os livros raros.

Para Edson Nery da Fonseca, há que encontrar o meio termo. O acesso às coleções de obras raras não deve ser tão fácil quanto o acesso às demais coleções. Nos países civilizados a consulta de obras raras só é permitida a leitores credenciados. Para consultar obras raras de uma biblioteca de Paris tive de levar uma apresentação da embaixada brasileira. Para entrar na coleção de obras raras da Biblioteca Vaticana tive de levar credencial do nosso embaixador junto à Santa Sé.

Já para Rízio Bruno de Sant'ana, é necessário um equilíbrio entre segurança e acesso. As questões de preservação/conservação da obra rara, além da segurança devida a um objeto mais valioso do que os comuns das bibliotecas (que em geral existem em vários exemplares, podem ser emprestados para fora e se necessários comprados em novas edições) faz com que o acesso seja mais controlado e vigiado. Não é questão de burocracia, mas sim de controle. Obras comuns podem ter etiquetas coladas com códigos de barra, para serem rapidamente localizadas e emprestadas; obras raras não devem ter etiquetas coladas, mas podem usar um sistema de marcadores de livros para facilitar a localização. Livros comuns podem ficar à disposição do público em prateleiras abertas; obras raras devem ficar fechadas

em armários ou salas, com controle maior de entrada e acesso. Livros novos e comuns em geral precisam ser retirados pessoalmente nas bibliotecas e levados para casa, para serem lidos; obras raras podem ser digitalizadas e lidas *online* diretamente pelo público, longe da biblioteca.

Todos os entrevistados citaram, de certa forma, que deve existir um equilíbrio entre preservação e acesso. Logicamente, as condições de acesso obrigatoriamente devem ser restritas, ou seja, não devem ser as mesmas adotadas para livros do acervo geral da instituição, mas essa restrição não pode ignorar o fato de que as obras estão ali para serem usadas. Esse equilíbrio entre restrição e acesso visa, por um lado, salvaguardar as coleções detentoras de um alto valor, seja ele histórico ou mesmo financeiro e, por outro lado, promover o acesso a esses acervos aos pesquisadores. A literatura sobre obras raras é muito clara quando trata de preservação do acervo, no entanto é falha ao omitir que, em paralelo à essa preservação, deve existir uma promoção do acesso às coleções que justifica a permanência dos itens em uma coleção de obras raras.

O comparativo dos conceitos abordados pelos entrevistados na pergunta 9 encontra-se no quadro 9.

	Briquet de Lemos	Edson Nery	Rízio Sant'ana
Deve haver um equilíbrio entre preservação e acesso	X	X	X
Necessidade de preservação das obras raras	X	X	X

Quadro 9: Comparativo das respostas de especialistas à pergunta 9

2.5 CONCLUSÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO

O século XX foi marcado por mudanças que afetaram diretamente as práticas informacionais e, mais particularmente, a biblioteconomia. Enquanto nos séculos anteriores a preocupação essencial da biblioteconomia era a preservação e tratamento dos suportes, no século XX passou-se a pensar no usuário de uma biblioteca, em suas necessidades informacionais e em sua satisfação. Principalmente depois da explosão informacional verificada após a

Segunda Guerra Mundial, fez-se necessária a adoção de novas práticas que visassem a organização da informação registrada, em um número cada vez maior, em uma infinidade de suportes. É nesse contexto que surge a Ciência da Informação.

Embora diferentes autores possuam diferentes conceitos e teorias a respeito da história, objeto e origem da ciência da informação, Le Coadic (2004, p. 2), afirma que ela nasceu da biblioteconomia, tomando, portanto, como objeto de estudo a informação fornecida pelas bibliotecas, fossem elas públicas, universitárias, especializadas ou centros de informação. Em outras palavras, o caráter inquestionavelmente interdisciplinar da ciência da informação provém da evolução das práticas bibliotecárias. Se não existissem obras como a *Biblioteca Universalis*, de Conrad Geisner ou os trabalhos de Gabriel Naude, essenciais para a organização da informação às suas épocas, talvez nunca se chegasse à explosão informacional na qual a ciência da informação teve sua origem formal.

Sendo a biblioteconomia um dos núcleos centrais da ciência da informação, a seleção, organização e recuperação da informação registrada em suportes considerados raros torna-se objeto de estudo da ciência da informação. Cabe ressaltar que é freqüente a visão do livro raro como pura e simplesmente um objeto de apreciação, focando estudos que visem essencialmente a preservação e a segurança de coleções. Mas como foi constatado no estudo da literatura sobre obras raras, ao ser inserido em uma coleção de materiais raros, um determinado item passa a ser uma fonte de informação, deixando de assumir o aspecto inicial de objeto colecionável para se assumir como informação passível de uso pelo pesquisador de determinada unidade de informação.

Antes de tudo, um livro raro contém essencialmente informação e o valor informacional contido no material raro é imensurável, fruto de séculos de produção bibliográfica ao longo do mundo. Essa informação servirá tanto para fins de estudos comparativos de uma determinada área do conhecimento quanto para que se resgate a memória de uma determinada época.

Para a disseminação da informação contida nos itens raros é necessário, acima de tudo, que essa coleção seja formada de modo a atender as demandas informacionais do pesquisador de obras raras que a freqüentar.

Foi discutido no capítulo 3 que os critérios e as práticas de seleção de obras raras são assuntos complexos e raramente existem generalizações a respeito do que pode ser considerado raro. Por isso, a construção dos critérios e consequente aplicação destes exige estudo e planejamento por parte do profissional da informação responsável por uma coleção de obras raras, levando em conta os itens a partir de seus valores históricos, culturais ou institucionais. A formalização de critérios deve ser contextual e a decisão pela incorporação de um item deve ser neles baseada. A ausência destes, assim como a equivocada seleção de obras raras afeta diretamente o valor da coleção enquanto informação, transformando-a em um depósito de livros, afugentando visitantes e eventuais pesquisadores.

A formação da coleção de obras raras deve responder a uma questão fundamental e recorrente: o que é o livro raro? Segundo Cave (1976, p. 9), muitos bibliotecários, em diferentes tipos de bibliotecas, tiveram a experiência do leitor que chega à biblioteca carregando um grande e cuidadosamente embrulhado volume, cuja antiguidade e provável valor financeiro é uma espécie de lenda familiar. Após a análise, o bibliotecário descobre que trata-se de uma bíblia do século XIX, com folhas mofadas e uma decadente encadernação de couro. Não é, obviamente, um livro raro capaz de fazer a fortuna familiar em leilões especializados, e o bibliotecário tem a tarefa de explicar ao descrente usuário que o valor sentimental daquele volume para a família é muito maior do que seu valor de mercado.

O exemplo de Cave sugere que a noção do raro é extremamente complexa e variável. Um livro que não é considerado como raro em um determinado universo (para uma determinada coleção de obras raras, no exemplo de Cave), claramente tem o seu valor quando inserido em outro (ainda no exemplo de Cave, o universo familiar que valorizava tanto a antiga bíblia).

Em outras palavras, não existe uma resposta absoluta e invariável para a questão fundamental do que vem a ser o livro raro. Isso resulta no grande desafio que é proposto ao bibliotecário de obras raras: formar uma coleção de relevante valor histórico para o pesquisador que a frequenta. Constatou-se, por meio da literatura estudada, que a noção de obra rara é objeto de eterna discussão entre os pesquisadores da área e a prática de seleção de obras

raras exige do profissional um vasto conhecimento que, muitas das vezes, só é adquirido com o tempo.

BIBLIOFILIA X BIBLIOTECONOMIA DE OBRAS RARAS

Embora a biblioteconomia de obras raras, sobretudo no momento de avaliação de um item como raro, se sirva de conceitos e técnicas oriundas da bibliofilia, existem diferenças substanciais entre as duas áreas.

A partir daquilo que foi observado na literatura da área, foi construído o quadro 10, que ilustra essas diferenças.

	Bibliofilia	Biblioteconomia de obras raras
Acesso	Restrito ao colecionador e seus convivas	Consultas restritas, porém possíveis ao usuário da biblioteca. Em alguns casos, é necessária uma autorização para o usuário consultar as obras raras de uma instituição
Organização da coleção	As obras são organizadas segundo o padrão definido pelo próprio colecionador	As obras são organizadas de acordo com sistema de classificação documentária pré-definidos
Conteúdo da coleção	Conteúdo definido de acordo com o “foco” e interesses do próprio colecionador	Conteúdo definido de acordo com os interesses da instituição, com critérios pré-definidos
Responsável pela coleção	O próprio colecionador ou alguém que ele tenha contratado	Profissional da informação cuida do gerenciamento das obras
Aquisição	Aquisição via compra, por meio de leilões, compras em antiquários, entre outras. A doação de uma obra rara a um colecionador, embora possível, é bastante incomum	A aquisição pode também ser via compra, mas a doação de coleções inteiras de obras raras às bibliotecas é frequente.
Objetivo da coleção	Objetivo principal da coleção é satisfazer os interesses e anseios do colecionador	Objetivo principal da coleção é aliar a preservação dos suportes à disseminação da informação disponível nestes
Diferenças conceituais	Valor material do livro, objeto de coleção	Valor informacional do livro, fonte de informação

Estado de conservação	Item essencial, pois um material em estado de conservação ruim deprecia o valor monetário deste e conseqüentemente o desvaloriza enquanto objeto colecionável	Importante, porém não essencial, visto que interessa mais o valor deste enquanto fonte de informação do que o seu valor monetário
-----------------------	---	---

Quadro 10: Comparativo entre bibliofilia e biblioteconomia de obras raras

3. METODOLOGIA

Este capítulo tem por finalidade apresentar os métodos e técnicas utilizados, que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Segundo Gil (1991) na forma da abordagem do problema, a pesquisa foi definida como qualitativa, uma vez que lida com critérios que não podem ser julgados estatisticamente, sendo que sua subjetividade geralmente não permite a sua tradução em números.

Quanto aos objetivos, ela foi exploratória e descritiva. Descritiva porque envolve a descrição de características da população estudada (no caso, o universo estudado, ver f. 84) e exploratória porque ainda inexistia um consenso quanto à seleção de obras raras, com pouco conhecimento produzido sobre o assunto estudado e, dessa forma, espera-se que o investigador proponha modelos para o desenvolvimento da área.

Em relação aos meios, foi caracterizada como uma pesquisa de campo, visto que a investigação se deu nos próprios setores de obras raras das unidades de informação estudadas, por meio de entrevistas.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi caracterizada como bibliográfica, por examinar a literatura publicada sobre assunto, e levantamento, porque envolve a interrogação direta da população a ser estudada.

3.2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta dissertação, incluído no capítulo 2, foi construído a partir de conceitos sobre obras raras retirados de fontes de informação sobre o assunto. O referencial teórico está dividido em três partes:

- Parte 1 – Colecionismo e bibliofilia – apresenta conceitos e histórico da prática do colecionismo e, particularmente, da bibliofilia. O estudo dessas áreas são essenciais para o entendimento do contexto no qual se dá a classificação de uma obra como rara;
- Parte 2 – Coleções de obras raras – pretendeu-se traçar um panorama geral das coleções de obras raras, em todos os aspectos que envolvem

a gestão destas, com ênfase na aquisição e organização da coleção na instituição;

- Parte 3 – Seleção de obras raras – o capítulo visou ilustrar a controversa definição de obra rara, e apresentou características que devem ser levadas em conta quando da construção de critérios para seleção de obras raras.

A partir do estudado nos capítulos anteriores, foi elaborada uma conclusão do referencial teórico, com a construção de um quadro comparativo entre a bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras.

Foram várias as dificuldades encontradas na construção do referencial teórico. A primeira delas foi encontrar itens com datas de publicação recentes. Não obstante o fato de na área alguns conceitos serem atemporais, a bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras podem apresentar modismos que irão variar de acordo com a época e contexto nos quais as obras são publicadas. A maioria das obras encontradas foram publicadas na segunda metade do século XX, o que coincide com a explosão de novos colecionadores e consequente valorização das obras raras no período, o que Rubens Borba de Moraes viria chamar *Bibliofilia de Novo rico*. Outra dificuldade foi a carência de literatura sobre obras raras escrita por autores da Ciência da Informação. Aparentemente, os pesquisadores da área ainda não resolveram explorar o potencial informacional dos itens raros, sendo que os poucos estudos existentes são voltados para a questão da preservação do patrimonial ou administração das coleções como um todo. Estudos com foco nas obras raras enquanto fontes de informação, avaliando a qualidade da informação dessas fontes, ainda são inexistentes, o que também justifica o caráter exploratório desta pesquisa.

3.3 DESENHO DA PESQUISA

Para que os objetivos delineados nesta pesquisa fossem alcançados, eles precisam de métodos e técnicas adequados a cada um. O quadro 11 ilustra os métodos de investigação e as fontes de coleta de dados utilizados para cada um dos objetivos específicos desta pesquisa:

OBJETIVOS	MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO	FONTES DE COLETA DE DADOS
Identificar nas literaturas especializadas os conceitos e históricos das práticas de colecionismo e bibliofilia;	Pesquisa bibliográfica	Livros, teses, dissertações, Bases de dados nacionais e estrangeiras, artigos científicos, trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais.
Identificar nas literaturas de ciência da informação, bibliofilia, artes, comércio livreiro e áreas correlatas conceitos e características dos critérios de seleção de obra raras;	Pesquisa bibliográfica	Livros, teses, dissertações, Bases de dados nacionais e estrangeiras, artigos científicos, trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais.
Coletar opiniões de especialistas, com o intuito de fornecer uma visão interdisciplinar das obras raras;	Entrevista	Bibliotecários especialistas em obras raras, professores de ciência da informação, editores, livreiros antiquários, colecionadores e usuários de obras raras.
Identificar junto aos responsáveis pelo acervos de obras raras do DF os critérios adotados para a seleção dessas coleções.	Entrevista	Bibliotecários responsáveis pelas coleções das bibliotecas estudadas.

Quadro 11 Desenho da pesquisa

3.4 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo de pesquisa é composto pelas bibliotecas do Distrito Federal que possuam acervos de obras raras, seja ele um acervo consolidado ou um acervo em formação.

O levantamento das bibliotecas que possuem coleções se deu por meio de consulta a sítios eletrônicos das instituições, bem como via telefone e através de consultas ao *Guia de Bibliotecas de Brasília*, editado pelo Conselho Regional de Biblioteconomia. Foram consideradas aptas à pesquisa as bibliotecas do Distrito Federal que possuíssem coleções específicas de obras raras. Foi realizada uma visita às coleções, mediante agendamento prévio por telefone. Inicialmente foram levantadas 12 instituições, porém, do universo inicial, foram excluídas 4 instituições, pelos seguintes motivos:

Tribunal de Contas da União. Biblioteca Ministro Ruben Rosa – Inicialmente, por meio de contato telefônico, havia sido informado que a Biblioteca possuía uma coleção de obras raras, porém em um segundo momento, quando da marcação da visita, a direção da biblioteca informou não existir setor de obras raras no local. O mesmo problema aconteceu com o Superior Tribunal Militar e o Ministério das Relações Exteriores;

Centro Universitário do Distrito Federal (UniDF). Biblioteca - Não se trata de uma coleção de obras raras e sim uma coleção especial. As obras raras da instituição, caracterizadas como tal, totalizam 8 volumes e não existe uma seção específica para elas.

Biblioteca do Museu Postal - Não foi possível contactar nenhum responsável pela coleção.

Com as exclusões, foram pesquisadas 8 instituições, conforme ilustra o quadro 12:

CATEGORIA	INSTITUIÇÃO
Biblioteca Universitária	Universidade de Brasília. Biblioteca Central.
Biblioteca especializada	Senado Federal. Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho.
Biblioteca especializada	Câmara dos Deputados. Biblioteca Pedro Aleixo.
Biblioteca especializada	Superior Tribunal de Justiça. Biblioteca Ministro Oscar Saraiva.
Biblioteca especializada	Superior Tribunal Federal. Biblioteca Ministro Victor Nunes Leal.
Biblioteca especializada	Ministério da Justiça. Biblioteca.

Biblioteca especializada	Ministério das Relações Exteriores. Biblioteca Embaixador Antonio Francisco Azeredo da Silveira.
Biblioteca pública.	Biblioteca Nacional de Brasília.

Quadro 12: Bibliotecas selecionadas para a pesquisa

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com bibliotecários de obras raras ou responsáveis por coleções raras (apêndice 3);

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, mediante agendamento prévio por telefone. A entrevista foi semi-estruturada, sendo as respostas gravadas e os dados complementares anotados em formulário específico. A entrevista visou, essencialmente, obter um panorama da coleção de obras raras e descobrir os critérios utilizados para seleção de obras raras na instituição, observando se o que foi abordado na literatura da área é aplicado à coleção. Também foram analisados os fatores internos e externos que influenciam o processo de seleção de obras raras. Para a validação e adequação da entrevista, foi realizado pré-teste na Biblioteca do Superior Tribunal de Justiça. Dada a limitação do universo, essa instituição também fez parte da pesquisa após a consolidação da entrevista.

A entrevista foi dividida em 6 blocos, sendo:

Bloco A – Questões relativas à coleção de obras raras da biblioteca pesquisada

Neste bloco, foram formuladas questões sobre a gestão das coleções como um todo, abordando temas como identificação do entrevistado, tamanho da coleção, histórico, organização da coleção e procedimentos para a conservação das obras.

Bloco B – Questões relativas aos recursos humanos

Neste bloco, foram formuladas questões sobre os funcionários responsáveis pela coleção, suas respectivas áreas de formação e se possuem formação especializada em obras raras.

Bloco C – Questões relativas à política de desenvolvimento de coleções

Neste bloco, foram formuladas questões sobre aquisição, destaques da coleção e procedimentos para seleção de materiais.

Bloco D – Fatores que influenciam o processo de seleção de obras raras

Neste bloco, foram questionadas características do material e fatores internos e externos que influenciam o processo de seleção de obras raras.

Bloco E – Pesquisa bibliográfica e Análise bibliológica

Neste bloco, serão formuladas questões sobre a existência de pesquisa bibliográfica e análise bibliológica, necessárias para a seleção de obras e manutenção da coleção.

3.6 VARIÁVEIS

As variáveis utilizadas foram nesta pesquisa foram divididas em três blocos: literatura, especialistas e bibliotecários de obras raras. As variáveis são:

Literatura

V1 Estudo histórico e conceitual do colecionismo e bibliofilia

V2 Estudo das coleções de obras raras como um todo

V3 Estudo dos critérios de seleção de obras raras em bibliotecas

Especialistas

As variáveis utilizadas foram:

V4 - Visão pessoal do especialistas sobre o que é de fato uma obra rara;

V5 - Diferenças ou semelhanças entre a visão do colecionador e do responsável por uma coleção de obras raras inserida em uma biblioteca;

V6 - Opinião do pesquisador acerca da preparação do responsável por uma coleção de obras raras;

V7 - Uso, acesso e relevância de uma coleção de obras raras.

Bibliotecários de obras raras

V8 – Identificação da instituição e aspectos gerais relativos à coleção de obras raras

V9 – Recursos humanos da coleção de obras raras

V10 – Aspectos que são verificados na prática de seleção de obras raras na instituição estudada;

V11 – Uso de pesquisa bibliográfica, de mercado e práticas de análise bibliológica

V12 – Visão pessoal do responsável sobre as obras raras.

No quadro 13 constam os relacionamentos dos objetivos com as respectivas variáveis:

Objetivos	V1	V2	V3	V4	V5	V6	V7	V8	V9	V10	V11	V12
Identificar nas literaturas especializadas os conceitos e históricos das práticas de colecionismo e bibliofilia	X											
Identificar nas literaturas de ciência da informação, bibliofilia, artes, comércio livreiro e áreas correlatas, conceitos e características dos critérios de seleção de obra raras		X	X									
Coletar opiniões de especialistas, com o intuito de fornecer subsídios para complementar a pesquisa realizada nas bibliotecas				X	X	X	X					
Identificar aspectos gerais da coleção e rotina de trabalho das instituições que possuem coleções de obras raras no DF;								X	X			
Identificar, junto aos responsáveis pelo acervos de obras raras do DF, os critérios adotados para a seleção dessas coleções.										X	X	X

Quadro 13 Objetivos x variáveis

3.7 PRÉ-TESTE

O pré-teste da entrevista direcionada aos bibliotecários de obras raras teve um total de 68 questões e foi realizado na Biblioteca do Superior Tribunal de Justiça, no dia 27 de setembro de 2010. A entrevista foi gravada, bem como foram feitas fotografias do acervo, que estão presentes na descrição dos dados. Após a entrevista, optou-se pela supressão de uma questão relativa a formação do entrevistado, pelo fato dela já estar presente no Bloco B da entrevista. Dada a limitação do universo estudado, os dados do pré-teste servirão também para a pesquisa e as questões acrescentadas serão encaminhadas por email à bibliotecária responsável.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados examinou os resultados obtidos por meio da entrevista dirigida aos responsáveis pelas coleções de obras raras das bibliotecas do Distrito Federal. A entrevista foi dividida em seis blocos e o tratamento dos resultados obtidos se deu da seguinte maneira:

Nos blocos A, B, C e E foram descritas as respostas de cada biblioteca. A isso se seguiu um quadro comparativo das respostas e depois os comentários das respostas obtidas.

Nos blocos D e F foram construídos quadros com as respostas obtidas, atribuindo à elas cores e valores, de modo a classificar as respostas globais das instituições estudadas. A seguir, cada classificação obtida foi comentada.

4.1 BLOCO A – QUESTÕES RELATIVAS À COLEÇÃO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA PESQUISADA

4.1.2 Universidade de Brasília. Biblioteca Central

Foi entrevistado o bibliotecário Raphael Diego Greenhalgh, no dia 29 de setembro de 2010. Formada a partir da compra e doação de diversas bibliotecas particulares, como as de Agripino Grieco, Carlos Lacerda, Homero Pires, Eudoro de Sousa, entre outros, a coleção está localizada no primeiro andar da biblioteca e possui uma sala destinada a abrigar o acervo, uma sala para funcionários, uma sala para o arquivo Carlos Lacerda, uma área de exposições e consulta às obras e uma sala cofre, que abriga as obras mais raras da biblioteca. A coleção é destinada prioritariamente à comunidade acadêmica, porém consultas ao público externo são permitidas, desde que justificadas. A coleção possui controle de umidade e temperatura, com um sistema de ar condicionado central. Também conta com três termohigrômetros digitais, instalados em pontos estratégicos do acervo, dois desumidificadores e um termômetro de mercúrio. A seção ainda possui um psicômetro, um hidrotermógrafo e um phâmetro, no entanto esses equipamentos não estão sendo utilizados e necessitam de manutenção.

Com relação a um programa de restauração para as obras da instituição, o respondente afirmou que está em processo de implantação um projeto para

criação de um laboratório de restauração completo dentro da própria biblioteca, visto que existe apenas um laboratório para restauração de obras do acervo geral, não estando apto a restaurar livros raros. Atualmente, as obras da coleção que necessitam de intervenção são enviadas ao CEDOC da Universidade de Brasília, que possui um laboratório adequado.

Existem visitas orientadas ao setor, sendo previamente marcadas e geralmente acontecendo no início do semestre acadêmico com as turmas de calouros da Universidade de Brasília, especialmente turmas de história, desenho industrial, museologia e biblioteconomia.

A biblioteca possui um dos maiores acervos de obras raras encontrados em bibliotecas do Distrito Federal, com aproximadamente 13 mil itens, entre livros, periódicos e algumas medalhas, diplomas e material de numismática. O acervo encontra-se catalogado, no entanto não totalmente. Segundo Raphael Greenhalgh, restam aproximadamente 1200 itens para catalogar. Para automação é utilizado o sistema Pergamum e é utilizada a Classificação Decimal Universal (CDU) para classificação do material. O acervo abrange todas as áreas do conhecimento. A área com maior concentração de itens é a de literatura, seguida de história. A mais utilizada pelos pesquisadores é a área de história. Os periódicos também são muito utilizados. Em média a coleção recebe sete pesquisadores por mês. Mas, segundo o entrevistado, deve-se levar em conta que existem pesquisadores que utilizam a coleção mais de uma vez, existindo casos de usuários que utilizam o acervo durante um mês inteiro seguidamente.

Com relação à consulta, são realizadas em média 60 consultas por ano, sendo ela facultada à comunidade acadêmica, mas também permitida à comunidade externa, desde que justificada. O pesquisador deve apresentar um documento com foto. Então os funcionários preenchem o cadastro. O usuário pode consultar o máximo de três livros por vez. Caso deseje mais obras, deve devolver as anteriores para ter acesso a mais obras. São entregues ao pesquisador máscaras e luvas para que ele efetue a consulta. Também são apresentadas recomendações para o manuseio das obras. A consulta é local, não sendo permitido o empréstimo sob nenhuma circunstância. Segundo o bibliotecário, está ainda sendo criada uma política de acesso ao local de

armazenamento da coleção, inclusive com a restrição de acesso a funcionários não autorizados.

Com relação a um catálogo de obras raras, a biblioteca ainda não possui nenhum publicado. Já houve uma tentativa, no entanto não foi possível acertar com uma editora. No entanto, existem planos para a publicação de um, segundo o bibliotecário.

A biblioteca já realizou um inventário do acervo em 2006 e no momento está tendo início um novo inventário, que inclusive poderá fornecer dados para aprimoramento da identificação das obras para um possível catálogo.

Com relação a importância das obras raras dentro da instituição, segundo Raphael Greenhalgh, embora exista o interesse de mostrar a coleção ao público, ela sofre com a falta na aplicação de medidas que contribuam para o seu fortalecimento. Atualmente, segundo o respondente, não há mais a compra de material que já houve no passado e existem dificuldades em implantar um processo de digitalização exclusivamente para as obras raras. A resposta está em consonância com a visão de Traister (1993, p. 115), já citado na revisão de literatura, que afirmava que a direção das unidades e os outros setores da biblioteca vêem a coleção de obras raras como uma “luxúria cara”. Embora sempre exista a consciência do valor institucional da coleção de obras raras e o interesse em divulgar as coleções, os investimentos das unidades geralmente se concentram em outras coleções.

4.1.2 Superior Tribunal de Justiça. Biblioteca Ministro Oscar Saraiva.

Foi entrevistada a bibliotecária Najla Bastos de Melo, no dia 27 de setembro de 2010. A coleção teve origem na década de 1990, quando foram transferidas do acervo geral para um local exclusivo as obras que seriam consideradas raras. Toda a coleção está armazenada em uma única sala, que mede 6,3 por 9m. O público alvo da coleção são os ministros do STJ, mas qualquer usuário pode consultar a coleção. A sala é climatizada, possuindo controle de umidade e um termohigrômetro para medição de temperatura e umidade. A restauração das obras é feita por um laboratório do próprio STJ. Todas as obras raras para higienização ou possíveis intervenções são encaminhadas a esse laboratório, que está preparado para qualquer tipo de intervenção.

Com relação a visitas orientadas, elas existem, mas nem sempre são marcadas. Se houver um grupo interessado a visita pode ser realizada mesmo sem marcação prévia. Esses grupos em sua maioria são compostos por estudantes de direito e às vezes bibliotecários de outros estados, segundo a entrevistada.

O acervo é composto por aproximadamente 2050 obras. Para automação é utilizado o sistema Aleph e para a classificação a CDU. Todas as obras encontram-se catalogadas e registradas no sistema.

O acervo é composto principalmente por obras de direito, mas também existem dicionários, algumas obras de literatura e história. Dessas áreas, a mais utilizada é o direito. Segundo a bibliotecária, existe uma ou duas consultas à coleção mensalmente

São realizadas 1 ou 2 consultas à coleção, mensalmente. Ela é realizada no próprio local, mediante solicitação a um funcionário, que acompanha o pesquisador ao acervo. É permitido o empréstimo a ministros, pelo fato de, segundo a bibliotecária, estes não possuírem tempo para vir até a biblioteca.

Segundo Najla Melo, existe um catálogo publicado, no ano de 2000. Na ocasião, foram arroladas todas as obras raras da biblioteca.

A biblioteca realiza inventário das obras anualmente. Com relação à importância da coleção, a bibliotecária afirma que é uma coleção importante porque traz muito da memória institucional e, dado o seu valor, é algo que se mostra diferente do acervo tradicional do STJ. O fato dela contar muito da história do direito também é muito importante para a instituição, segundo a bibliotecária.

4.1.3 Supremo Tribunal Federal. Biblioteca Ministro Victor Nunes Leal

Foi entrevistada a bibliotecária Lilian Januzzi Vilas Boas, no dia 13 de outubro de 2010. Sobre a origem e formação de coleção, não existem muitas informações registradas, mas segundo a bibliotecária a coleção provavelmente já surgiu desde o início da biblioteca, em 1912, ainda no Rio de Janeiro, embora não possa se afirmar com clareza. A coleção ocupa uma sala dentro da biblioteca, com 24,5 m².

O público-alvo da coleção são os ministros do STF, porém pesquisadores ligam com frequência pedindo informações sobre livros raros disponíveis na coleção. Nesses casos, os livros são digitalizados e colocados à disposição na biblioteca digital.

Existe controle de umidade e temperatura, com um sistema de ar condicionado central. Possui também termohigrômetros espalhados por toda a biblioteca, além de um data-logger. No período das secas, quando é notada uma queda brusca na umidade, é colocada uma planta aquática na coleção, visto que a biblioteca não possui um umidificador. Possui um termohigrógrafo. É realizada uma medição diária dos índices de umidade e temperatura, por meio dos termohigrômetros, e esses índices são acompanhados e encaminhados ao laboratório de conservação do STF. Possui também um termômetro digital.

Existe um laboratório de restauração para as obras da instituição, que atende a restauração de todas as obras da instituição. É dada prioridade à restauração de obras raras. São encaminhadas em média 10 obras raras por mês. A higienização do acervo é feita constantemente por dois estagiários.

Existem visitas orientadas ao setor. A visita é dirigida à biblioteca como um todo e durante a visita é mostrada a coleção de obras raras. As visitas são previamente marcadas. Na ambientação dos novos servidores da instituição, é obrigatória a inclusão dessa visita.

O acervo é composto por aproximadamente 3.000 obras, entre livros e periódicos. Para a automação do acervo é utilizada o sistema Aleph e para classificação é utilizada a CDD. Todos os itens encontram-se catalogados.

O acervo abrange principalmente obras de direito, no entanto existe muito material sobre história do Brasil e alguns itens sobre religião, dicionários e algumas bibliografias. Dessas áreas, as mais utilizadas pelos pesquisadores são direito e história do Brasil.

As consultas ao acervo, feitas principalmente por ministros do STF, são em média cinco por ano. A consulta às obras é realizada no próprio local, sempre sob a supervisão de um funcionário. São entregues ao usuário luvas e máscaras para que ele efetue a consulta. O empréstimo é permitido a ministros do STF.

A biblioteca não possui um catálogo de obras raras publicado.

Já foi realizado um inventário das obras, mas segundo a bibliotecária o mesmo não é feito já há algum tempo.

Com relação à importância da coleção de obras raras, a bibliotecária acha que a coleção de obras raras apresenta um pouco da história da instituição e o que é importante para a instituição em determinados períodos. E se percebe que não importa apenas o que é antigo, pois existem também obras novas que são importantes para a biblioteca. A coleção de obras raras para nossa instituição possui um valor inestimável.

4.1.4 Ministério da Justiça

Foi entrevistada a bibliotecária Conceição Targino, no dia 14 de outubro de 2010. Os dados para pesquisa no Ministério da Justiça foram prejudicados pelo fato da bibliotecária responsável ter assumido a chefia há pouco tempo e afirmar não ter conhecimento sobre o acervo de obras raras da biblioteca. Boa parte dos dados foram obtidos por meio de simples observação e por consulta ao catálogo de obras raras do Ministério da Justiça.

Embora não existam dados concretos sobre a formação da coleção, mas a coleção provavelmente teve início com a compra da coleção Goethiana (que anteriormente pertenceu ao professor e germanófilo Fernando Rodrigues e foi adquirida em 1971 pelo então ministro da Justiça Alfredo Buzaid) e da coleção de Affonso Penna Junior. Essas duas coleções respondem pela quase totalidade do acervo de obras raras da instituição, sendo que a Goethiana totaliza cerca de 6000 volumes, enquanto a coleção Affonso Penna Junior possui cerca de 18000 itens.

Não existe na biblioteca controle de umidade e temperatura, mas segundo a entrevistada existe um projeto a ser implantado a partir de 2011 que prevê a climatização do local, bem como a higienização e restauração dos itens. Não existem visitas orientadas.

A coleção Goethiana, segundo a bibliotecária, está em processo de doação e será transferida para um Centro Cultural em Joinville. O motivo é que, segundo a entrevistada, não existem funcionários capacitados para lidar com a coleção, além de não existir público para esse acervo, por se tratar principalmente de itens em alemão gótico.

Segundo a entrevistada, toda a continuidade do setor de obras raras depende de um projeto que prevê a revitalização do setor de obras raras.

A consulta, no momento da entrevista, não estava sendo permitida, pois, segundo a entrevistada, a coleção não apresenta condições para que as consultas sejam realizadas. O setor encontrava-se fechado. Antes disso, a consulta era realizada no local, mediante supervisão de um funcionário.

A classificação utilizada é a CDD.

Existe um catálogo publicado no ano de 1981.

Nunca foi realizado um inventário das obras. No entanto o projeto a ser implantado em 2011 prevê também o inventário das obras raras da biblioteca.

4.1.5 Câmara dos Deputados. Biblioteca Pedro Aleixo

Foi entrevistada a bibliotecária Matiê Nogi no dia 18 de outubro de 2010. Essa entrevista não foi gravada, porque não houve permissão da entrevistada.

Não existem informações exatas sobre a origem e formação da coleção, mas segundo a entrevistada antes de formar a coleção as obras provavelmente estavam dispersas no acervo geral da instituição, sendo reunidas para a formação da coleção.

A seção de obras raras ocupa uma área no subsolo da biblioteca, funcionando no local tanto a coleção de obras raras quanto as coleções especiais.

Com relação ao público-alvo, segundo a entrevistada, a coleção é frequentada principalmente por pesquisadores de obras raras, estudantes e pelo público interno da câmara dos deputados.

Existe controle de umidade e temperatura na coleção. Além de um sistema de ar condicionado central, a biblioteca possui termohigrômetros para verificação dos índices climáticos, umidificadores/desumidificadores e um termohigrógrafo que gera relatórios periódicos das variações climáticas.

A Câmara dos deputados possui um laboratório de restauração, que realiza, além de higienização das obras, intervenções nas obras raras quando necessário.

Existem visitas orientadas ao setor. As mesmas são previamente marcadas e são principalmente voltadas ao público interno da câmara dos deputados, mas também existem visitas orientadas ao público externo.

O acervo é composto por aproximadamente 4700 itens, entre livros e periódicos. É utilizada a CDU e o sistema de automação é o Aleph. Todo o acervo encontra-se catalogado. A maioria do acervo é composta por livros de ciências sociais, história, religião, obras de referência e legislação. Dessas áreas, a de história é a mais utilizada pelos pesquisadores.

Não há uma estatística exata do número de consultas, mas elas são realizadas no próprio local, sob a supervisão de um funcionário. Qualquer usuário pode solicitar o acesso às obras, mas a consulta necessita estar vinculada a uma pesquisa específica para que o acesso seja autorizado. Não é permitido o empréstimo sob nenhuma circunstância. Quando necessário, o usuário pode copiar o conteúdo do material pesquisado ou fotografar o material sem flash.

A biblioteca possui um catálogo de obras raras, publicado no ano de 2000. O catálogo traz as obras mais importantes do acervo, no primeiro volume, e a coleção de Marcio Moreira Alves, no segundo volume.

O primeiro inventário do acervo encontra-se em curso. O trabalho, segundo a entrevistada, é lento, pois deve ser feito de forma manual, uma vez que os livros raros não possuem a etiqueta de código de barras necessária para um inventário automatizado.

Com relação à importância das obras raras para a instituição, a bibliotecária acredita que o acervo de obras raras, quando foi formado, passou por um processo de seleção rigoroso, feito por um grande conhecedor de livros raros. Isso fez da coleção uma parte muito importante da biblioteca, uma coleção interdisciplinar, com muitos relatos de viagem e material histórico.

4.1.6 Biblioteca Nacional de Brasília

Foi entrevistada a historiadora Lilian Branco Campos, no dia 20 de outubro de 2010. A biblioteca ainda está formando seu acervo de obras raras, que ainda conta com poucos itens, no entanto decidiu-se pela inclusão desta biblioteca na pesquisa pelo interesse institucional da biblioteca em aprimorar seu acervo raro e projeção da biblioteca no Distrito Federal.

Com relação à formação da coleção, a entrevistada afirma que o mesmo ainda está sendo formado. Existe um grande número de doações à biblioteca e algumas obras ainda não passaram por um processo de seleção. Algumas das obras raras já foram doadas como obras raras e outras foram identificadas em uma doação maior.

O espaço físico destinado ao armazenamento da coleção ainda não está disponível, mas o setor de obras raras funcionará no quarto andar da biblioteca, junto com as coleções especiais e os periódicos.

O público-alvo da coleção serão pesquisadores em geral, sobretudo aqueles interessados em obras sobre o Brasil, já que um dos focos da biblioteca é a coleção Brasileira. Segundo a entrevistada, a princípio existiriam uma coleção Brasileira e uma coleção de obras raras, que é o que está previsto na política da biblioteca, mas está sendo estudada a possibilidade de que a Brasileira funcione junto com obras raras e coleções especiais.

A Biblioteca ainda não possui sistema de controle de umidade e temperatura, mas segundo a entrevistada alguns instrumentos já foram solicitados. No entanto existe um entrave na liberação da verba, pois a biblioteca ainda depende diretamente da Secretaria de Cultura do DF.

Com relação à restauração das obras, segundo a entrevistada existem restauradores na biblioteca, no entanto não existe o laboratório para restauração das obras. No momento são realizadas na biblioteca apenas a higienização das obras e o acondicionamento temporário até que as obras possam ser restauradas.

Ainda não existem visitas orientadas ao setor porque ainda não há o espaço físico destinado ao acervo de obras raras. Só quando o quarto andar for concluído e o setor de obras raras for inaugurado é que existirão visitas orientadas ao setor.

Quanto ao tamanho do acervo, a entrevistada cita que no momento são cerca de 50 obras apenas, no entanto esse número deve crescer, porque a biblioteca recebe um grande número de doações, e em certos acervos sempre aparecem livros considerados raros.

A classificação utilizada é a CDU e para automação é utilizado o software Sophia. Os livros já selecionados possuem registro no sistema, mas

não se trata de uma catalogação definitiva e sim de uma pré-catalogação que posteriormente será encaminhada ao setor de processamento técnico.

O acervo abrangerá obras ligadas ao Brasil, principalmente literatura, história e cultura em geral.

Com relação às áreas mais utilizadas e média de consultas ao acervo, as questões não se aplicam, porque o setor ainda não foi inaugurado.

A consulta às obras, embora ainda não disponíveis, serão, segundo a entrevistada, locais, com identificação do usuário e supervisão de um funcionário. A obra não sairá da sala de obras raras e será verificada antes e após a consulta, pelo funcionário da biblioteca, na presença do usuário.

O inventário, após inaugurada a seção, deverá ser feito periodicamente, como está previsto na política de acervo da biblioteca.

Com relação à importância da coleção de obras raras para a instituição, a entrevistada acredita que a coleção é importante para a preservação da memória, principalmente a memória brasileira, visto que o foco da biblioteca é a coleção Brasileira.

4.1.7 Superior Tribunal Eleitoral. Biblioteca Professor Allysson Darosowish Mitraud

Assim como a Biblioteca Nacional de Brasília, a biblioteca do TSE está ainda formando um acervo de obras raras. Foram entrevistados os bibliotecários Osmar Arouck e Telia Maria Silva e a historiadora Ane Cajado, no dia 21 de outubro de 2010.

Embora a coleção esteja sendo formada só agora, segundo os entrevistados, a ideia de se criar um acervo de obras raras surgiu juntamente com a criação do Centro de Memória do TSE, em 1996, que foi quando começou a se ter um olhar histórico sobre os documentos do Tribunal.

Quanto à área física destinada à coleção de obras raras, está prevista uma sala cofre que abrigará as obras. A sala será climatizada de acordo com os padrões recomendados para a conservação de livros.

O público-alvo da coleção serão todos pesquisadores interessados em pesquisa política e processo eleitoral, que será o foco da coleção de obras raras.

Para a restauração das obras, é contratada uma empresa sempre que necessário. O serviço é terceirizado e o tribunal não possui laboratório próprio. Quanto às visitas orientadas, o Centro de Memória do Tribunal sempre realizou tais visitas. No prédio novo, onde funcionará a coleção, as visitas orientadas serão dirigidas também à coleção de obras raras.

Com relação ao tamanho do acervo, como se trata de uma coleção ainda em formação, é composta por aproximadamente 200 obras.

O sistema de automação adotado é o Aleph e para classificação dos itens são utilizadas a CDD e a CDDIR. Todo o acervo encontra-se catalogado.

O acervo irá cobrir principalmente as áreas de direito eleitoral, ciência política e história política do Brasil.

Com relação às áreas mais utilizadas e média de consultas ao acervo, as questões não se aplicam, porque o setor ainda não foi inaugurado.

A consulta às obras será restrita e, como ficarão armazenadas em uma sala cofre, será primeiro oferecida ao usuário a opção da consulta as obras em meio digital.

A biblioteca não possui catálogo publicado, mas segundo os entrevistados, a biblioteca pretende editar um assim que a coleção de obras raras oferecer condições para a publicação.

O inventário é realizado anualmente na biblioteca e essa periodicidade também será aplicada à coleção de obras raras.

4.1.8 Senado Federal. Biblioteca Acadêmico Luis Viana Filho

Foi entrevistada a bibliotecária Cláudia Coimbra Diniz, no dia 24 de outubro de 2010.

Com relação à formação da coleção, não existem informações precisas, mas provavelmente, segundo a entrevistada, a coleção foi formada pelo professor Rubens Borba de Moraes, durante a direção de Adelia Leite Coelho, durante a década de 1970.

Existe controle de umidade e temperatura na seção, com um aparelho de ar condicionado que também realiza funções de controle de umidade.

A biblioteca não possui um laboratório próprio para restauração das obras, mas é criada no orçamento a rubrica necessária e é aberta licitação para contratação de uma empresa especializada para efetuar o trabalho.

Não existem visitas orientadas ao setor, devido à dificuldade de acesso à coleção, segundo a entrevistada.

O acervo é composto por aproximadamente 2800 livros e 54 títulos de periódicos.

É utilizado o sistema de automação Aleph e a classificação utilizada é a CDD. Todo o acervo encontra-se catalogado.

As áreas do conhecimento abrangidas pelo acervo são as de Direito, história, sociologia e ciências humanas em geral. Dessas, a mais utilizada pelos pesquisadores é a de direito.

As consultas às obras são realizadas no local e supervisionadas por um funcionário, que acompanha o usuário durante a pesquisa. Não é permitido o empréstimo sob nenhuma circunstância.

Quanto à publicação de um catálogo, está sendo publicado no ano de 2010 o catálogo da coleção Luis Viana Filho. Foram selecionadas para o catálogo as obras pertencentes à coleção que fossem mais antigas, as obras descritas em bibliografias de obras raras, obras indicadas por bibliófilos ou especialistas e obras selecionadas por bibliotecários da instituição.

Quanto ao inventário, o mesmo não é realizado há 10 anos, devido à alta demanda de trabalho e conseqüente impossibilidade de se fechar a biblioteca para que o trabalho possa ser realizado. Segundo a entrevistada, está sendo implantado um sistema de radiofreqüência que facilitará o processo de inventário.

4.1.9 Comentários

O quadro 14 demonstra as respostas obtidas no bloco A:

	UnB	STJ	STF	MJ	CD	BNB	TSE	SF
Controle de umidade e temperatura	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Programa de restauração de obras raras	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim
Visitas orientadas	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
Tamanho do acervo	13.000	2050	3.000	24.000	4.700	50	200	2800
Classificação adotada	CDU	CDU	CDD	CDD	CDU	CDU	CDD	CDD
Acervo catalogado	92%	100%	100%	Não	100%	Não	100%	100%
Áreas com maior concentração de itens	Literatura e história	Direito	Direito e história do Brasil	Literatura	Ciências sociais, história	Literatura, história e cultura brasileira	Direito eleitoral, história do Brasil e ciência política	Direito, História, sociologia
Área do conhecimento mais utilizada	História e periódicos	Direito	Direito e história do Brasil	S/D	História	N/A	Direito eleitoral	Direito
Média de consultas	60 por ano	12 a 20 por ano	5 por ano	S/D	S/D	N/A	N/A	S/D
Empréstimo domiciliar	Não	Ministros do STJ	Ministros do STF	Não	Não	N/A	N/A	Não
Existência de catálogo publicado	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim
Realização de inventário de obras raras	Sim	Sim	Sim	Não	Sim (em curso)	Não	Sim	Não

* N/A – Não se aplica

** S/D – Sem dados

Quadro 14 –comparativo de respostas do Bloco A

A boa conservação de material impresso exige um controle de umidade e temperatura. Embora haja discordância por parte dos profissionais com relação a temperatura ideal para conservação do papel, Ogden (2001), afirma que uma recomendação frequente é uma temperatura estável de 21°C ou

menos e uma umidade do ar estável, entre um mínimo de 30% e um máximo de 50%. Como ressaltado, o mais importante é que não haja uma variação brusca de temperatura ou umidade do ar. Para isso, é necessário uma supervisão por parte dos profissionais, a fim de registrar qualquer variação da climatização. Cinco das oito bibliotecas pesquisadas apresentam esse controle, inclusive com a utilização de termohigrômetros nos quais pode-se constatar qualquer mudança nos índices de temperatura ou umidade. A biblioteca do TSE, segundo os entrevistados, terá esse controle a partir da inauguração do novo prédio. No entanto, a única instituição que afirmou manter um registro periódico da temperatura por meio de relatórios periódicos foi o Supremo Tribunal Federal.

Das instituições estudadas, seis afirmaram ter um programa para restauração das obras raras da instituição. Contudo, nenhuma biblioteca possui um laboratório para restauração dentro da própria biblioteca, o que seria desejável, pelo contato próximo com as obras e possibilidade de se trabalhar unicamente com a coleção. Apenas a Universidade de Brasília afirmou que um laboratório na própria biblioteca está em fase de implantação. A Biblioteca Nacional de Brasília afirmou ter restauradores em seu quadro de profissionais, no entanto faltava-lhes o equipamento para implantação do laboratório.

As visitas orientadas às coleções de obras raras são realizadas em quatro das oito instituições estudadas. O TSE e a BNB, entretanto, afirmaram que as visitas serão realizadas assim que a coleção estiver em condições de as receberem.

O tamanho do acervo variou de acordo com as instituições pesquisadas. O maior deles foi o do Ministério da Justiça. A sua coleção Goethiana é riquíssima, certamente figurando entre as maiores do Brasil. Infelizmente essa coleção Goethiana será doada, porque, segundo a entrevistada, é uma coleção pouco consultada que não interessa ao público-alvo da biblioteca. É uma pena que tal acervo, de valor bibliográfico inestimável, seja transferido do Distrito Federal. O motivo alegado (a falta de consultas) poderia ser resolvido com projetos visando a revitalização do setor, que prevejam, por exemplo, a disponibilização dos textos em meio digital. Por se tratar de uma coleção especializada em Goethe, o número de consultas certamente seria elevado, devido ao prestígio internacional do escritor alemão.

Todos acervos possuem sistema de automação, no entanto alguns deles não encontram-se totalmente catalogados. É o caso, por exemplo, do acervo da Universidade de Brasília. Entretanto, o acervo da UnB é também o que mais cresce. São cerca de 500 itens incorporados anualmente.

Notou-se, entre os acervos pesquisados, predominância de livros de direito, literatura e história do Brasil. No caso dos livros de direito, isso se deve ao fato de que cinco das oito bibliotecas pesquisadas são jurídicas ou legislativas. No caso da literatura e história do Brasil, pode ser devido ao fato da predominância de obras raras nessas áreas no Brasil. Tanto primeiras edições e obras autografadas quanto obras relativas ao Brasil.

O número de consultas aos acervos, como já era esperando, foi considerado baixo. Alguns acervos pesquisados não possuíam estatísticas de consulta, mas os próprios entrevistados, nesses casos, assumiram que o número de consultas não é elevado. Isso se deve, em alguns casos, devido ao fato de seis das oito bibliotecas estudadas serem especializadas e atenderem preferencialmente ao público interno.

Chamou atenção o fato de duas bibliotecas (STJ e STF) permitirem o empréstimo domiciliar de obras raras. Segundo as entrevistadas, o empréstimo é dirigido exclusivamente a ministros dos tribunais, devido à escassez de tempo dos ministros em consultar as obras na própria biblioteca.

Quatro das oito bibliotecas possuem catálogos de obras raras publicados. Os catálogos de obras raras são excelentes divulgadores do acervo e também são uma maneira eficaz para que os usuários e próprios profissionais conheçam melhor uma coleção, no entanto o custo de produção de um catálogo é elevado e, muitas vezes, quando se trata de instituições públicas, não existe verba para a publicação desses materiais. Uma solução que poderia ser adotada é o levantamento e descrição das obras e publicação em meio eletrônico, o que minimizaria custos e expandiria o acesso aos dados da coleção.

Das oito bibliotecas pesquisadas, cinco afirmaram já ter realizado um inventário de obras raras. O controle patrimonial é imprescindível a qualquer acervo de uma biblioteca, mas no caso de coleções raras essa necessidade é ainda mais urgente, tendo em vista o imenso valor monetário, histórico ou institucional que possuem essas coleções.

4.2 BLOCO B – QUESTÕES RELATIVAS AOS RECURSOS HUMANOS

4.2.1 Universidade de Brasília. Biblioteca Central

O responsável pelo setor é o próprio entrevistado e a seção de obras raras conta com dois funcionários, ambos bibliotecários, sendo um mestrando em ciência da informação e uma pós-graduanda em patrimônio cultural.

Segundo o entrevistado, o número de funcionários é insuficiente, pois os trabalhos são muito especializados e demandam um conhecimento abrangente, além do fato de ser um acervo que merece cuidados especiais. Outro problema apontado pelo entrevistado foi a rotatividade de pessoal. Como alguns funcionários contratados não são servidores efetivos, a rotatividade é grande, o que prejudica os trabalhos desenvolvidos no setor.

Os dois funcionários do setor tiveram formação em obras raras, participando de cursos de gestão de coleções raras, ministrado por Ana Virginia Pinheiro e segurança de acervos culturais. Os dois também já realizaram treinamento em conservação e restauração de documentos.

4.2.2 Superior Tribunal de Justiça. Biblioteca Ministro Oscar Saraiva

A responsável pelo setor é a própria entrevistada, que possui formação em biblioteconomia. O setor não possui funcionários trabalhando exclusivamente com obras raras, sendo subordinado aos processos técnicos da biblioteca. Segundo a entrevistada, mesmo sem um bibliotecário exclusivamente trabalhando com obras raras, os recursos humanos são suficientes, visto que a demanda de trabalho no setor não é alta. Nenhum funcionário fez curso de formação em obras raras, segundo a entrevistada.

4.2.3 Supremo Tribunal Federal. Biblioteca Ministro Victor Nunes Leal

A responsável pelo setor é a própria entrevistada, que possui formação em biblioteconomia. O setor não possui funcionários trabalhando exclusivamente com obras raras, sendo que as obras ficam disponíveis e uma sala trancada, que é aberta apenas quando existe necessidade. Segundo a entrevistada, mesmo sem um bibliotecário exclusivamente trabalhando com obras raras, os recursos humanos são suficientes. A entrevistada já fez um treinamento de obras raras na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

4.2.4 Ministério da Justiça

A responsável pelo setor é a própria entrevistada, que possui formação em biblioteconomia. O setor também não possui funcionários trabalhando exclusivamente com obras raras, e apenas quando existe demanda os funcionários são deslocados para atendê-la. Segundo a entrevista, o número é suficiente dada as demandas do setor. Um funcionário havia feito um curso de formação de obras raras, mas ele saiu da instituição e, segundo a entrevista, o conhecimento por ele adquirido não foi repassado.

4.2.5 Câmara dos Deputados. Biblioteca Pedro Aleixo

A responsável pelo setor é a própria entrevistada. Seis funcionários trabalham no setor, sendo cinco bibliotecários e um auxiliar. No setor, além das obras raras, funcionam as coleções especiais da biblioteca. Segundo a entrevistada, o número de funcionários é suficiente, pois existe uma divisão das tarefas, sendo as demandas atendidas dessa forma.

Ainda segundo a entrevistada, ninguém do setor fez um curso de formação em obras raras, mas a bibliotecária Ana Virginia Pinheiro, especialista em obras raras, já realizou treinamentos na instituição.

4.2.6 Biblioteca Nacional de Brasília

A responsável pelo setor é a própria entrevistada, que possui formação em história e também está terminando um curso de graduação em conservação e restauro.

Como o setor ainda está em formação, ainda não existem pessoas que trabalham exclusivamente com as obras raras. Segundo a entrevistada, ela é ajudada por alunos da disciplina Estágio Supervisionado, do curso de biblioteconomia.

Quanto aos funcionários, embora ainda não haja um setor específico de obras raras, a entrevistada afirma que na biblioteca como um todo o número de funcionários é insuficiente.

A entrevistada já participou de diversos cursos na área, sobretudo em conservação e restauração.

4.2.7 Superior Tribunal Eleitoral. Biblioteca Professor Allysson Darosowish Mitraud

O responsável pela coleção é o entrevistado Osmar Arouck, mestrando em ciência da informação. Como a coleção ainda não foi inaugurada, ainda não existem funcionários destinados a trabalhar com a coleção de obras raras. No entanto, alguns funcionários participaram de um encontro sobre obras raras em Campinas, no ano de 2010.

4.2.8 Senado Federal. Biblioteca Acadêmico Luis Viana Filho.

A responsável pela coleção é a bibliotecária Helena Celeste Vieira. O setor não possui funcionários trabalhando diretamente com a coleção de obras raras, no entanto, segundo a entrevistada, funcionários de outros setores são deslocados quando há demanda de trabalho. Em média oito funcionários são deslocados quando há necessidade.

4.2.9 Comentários

O quadro 15 demonstra as respostas obtidas no bloco B:

	UnB	STJ	STF	MJ	CD	BNB	TSE	SF
Número de funcionários do setor	2	Nenhum	Nenhum	Nenhum	6	1	N/A	Nenhum
Área de formação dos funcionários	2 bibliotecários	-	-	-	5 bibliotecários e um assistente	Historiador especializado em restauração	N/A	-
O número de funcionários é	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	N/A	Não

suficiente?								
Formação dos funcionários em obras raras	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	N/A	Não

* N/A – Não se aplica

Quadro 15 – Quadro comparativo de respostas do Bloco B

As coleções de obras raras do Distrito Federal sofrem com a carência de recursos humanos. Apenas duas bibliotecas possuem funcionários dedicados exclusivamente às obras raras (Universidade de Brasília e Câmara dos Deputados). Na maioria dos casos, funcionários de outros setores são deslocados para trabalharem com as obras raras. Algumas dessas bibliotecas responderam que, devido ao baixo índice de consultas, o número de funcionários (mesmo sem ninguém dedicado exclusivamente às obras raras) era suficiente. Mas talvez a baixa demanda seja reflexo da ausência de profissionais exclusivos, que poderiam expandir os serviços e consequentemente aumentar o número de interessados na coleção.

Quatro bibliotecas responderam que seus funcionários já participaram de cursos de formação em obras raras. Entretanto, com exceção da Biblioteca Nacional de Brasília, em que a entrevistada possui graduação em restauração de documentos, essa formação foi feita por meio de eventos de curta duração. A mão-de-obra não especializada nos setores de obras raras deve-se também à falha na formação dos profissionais nas escolas de biblioteconomia. Segundo Cave (p. 154) pouquíssimas escolas de biblioteconomia oferecem disciplinas sobre livros raros ou biblioteconomia de livros raros como parte de seu currículo. No Brasil, a situação ainda é mais delicada. Inexistem escolas especializadas em obras raras, seja cursos de graduação ou pós graduação. E mesmo no panorama mundial o número ainda é reduzido, sendo a mais famosa a Rare Books School, na Califórnia, que ministra periodicamente cursos específicos em seleção, catalogação, estudos de encadernação, entre outros cursos relacionados a obras raras.

4.3 BLOCO C – QUESTÕES RELATIVAS À POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

4.3.1 Universidade de Brasília. Biblioteca Central

As obras mais antigas da coleção são três códices pergamináceos do Século XIV: *Flos Sanctorum*, Diálogos de São Gregório e Livro das Aves, sendo o último único exemplar conhecido. Destes, o mais raro, segundo o entrevistado, é o Livro das Aves. Outros destaques da coleção incluem a obra *Rerum per octenum...* de Gaspar Barleus, *Epistolarum*, de Plínio Segundo (1533), a coleção completa da Sociedade dos Cem Bibliófilos, publicadas na primeira metade do século XX e manuscritos modernos, como os originais dos romances *Água mãe*, de José Lins do Rego, *Minhas contradições*, de Silvio Romero e *Razões do coração*, de Afrânio Peixoto.

Segundo o entrevistado, existe a transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras. Essa transferência é realizada através de pesquisa eventual no catálogo da biblioteca e identificação e sugestão de obras raras por parte do usuário. Segundo o entrevistado, também existe outra modalidade, na qual funcionários selecionam um autor e realizam uma busca no catálogo da biblioteca, com o intuito de identificar itens raros no acervo geral. Recentemente foram identificadas primeiras edições de Rui Barbosa, por exemplo.

Quanto à compra de obras raras, segundo o entrevistado, a biblioteca realizou no passado a compra de diversas coleções particulares, dentre as quais encontravam-se grande quantidade de itens raros. No entanto, essa prática não é mais adotada. Segundo o entrevistado, já foi sugerida a alocação de verba para compra de obras raras, no entanto, por se tratar de uma instituição pública, a aquisição de itens nas modalidades tradicionais de compra de obras raras, como leilões, por exemplo, esbarra em problemas burocráticos.

Quanto à doação de obras raras, a biblioteca as recebe com frequência e na maior parte dos casos a obra faz parte de alguma coleção que a biblioteca recebe.

A biblioteca não realiza permuta e, segundo o entrevistado, a dificuldade é tanto a falta de contato com outras instituições quanto a dificuldade de se

estipular um padrão para a troca, isto é, um item necessita ser valor de mercado avaliado e o item a ser recebido deve ter um valor similar.

Anualmente, segundo o entrevistado, são incorporados à coleção aproximadamente 500 itens.

Quanto aos critérios de seleção, a biblioteca possui um documento formal com esses critérios. Esse documento encontra-se no anexo I.

4.3.2 Superior Tribunal de Justiça. Biblioteca Ministro Oscar Saraiva

A obra mais antiga da instituição é *Annales et historiae de rebvs Belgicis*, escrita pelo teólogo e jurista holandês Hugo Grotius, em 1657. Segundo a entrevistada, essa também é a obra mais rara da biblioteca.

Segundo a entrevistada, já houve transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras da biblioteca, mas hoje o item é identificado como raro no momento de sua chegada à biblioteca, utilizando como parâmetro a data de 1910.

A biblioteca adquire obras raras, embora não exista uma verba específica para compra. Segundo a entrevistada, a coleção de Frederico Marques, por exemplo, adquirida pela biblioteca, possuía diversas obras raras.

Quanto à doação de obras raras, a biblioteca recebe principalmente doações de coleções em que existem algumas obras raras.

A permuta não é realizada.

Em média, são incorporados à coleção 30 livros por ano.

A entrevistada afirmou que os critérios estavam expressos em um artigo. Esses critérios se encontram no anexo 2.

4.3.3 Supremo Tribunal Federal. Biblioteca Ministro Victor Nunes Leal

A obra mais rara da instituição é *Oratione*, de Cicero, publicada em 1556. Segundo a entrevistada, embora não possa afirmar-se que a obra mais rara seja também essa, ela é a mais procurada por sua raridade.

Outro destaque da coleção, segundo a entrevistada, é uma obra autografada por Campos Salles, encadernada em couro de porco.

Segundo a entrevistada, existe a transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras. Essa transferência é realizada através de pesquisa eventual no catálogo da biblioteca e sugestão por parte do usuário.

Quanto à compra de obras raras, a biblioteca não a realiza. Segundo a entrevistada, não existe interesse por parte da biblioteca na aquisição de obras raras. Eventualmente, no entanto, obras raras podem ser encontradas por ocasião da compra de coleções particulares, como aconteceu com a de Pontes de Miranda.

Quanto à permuta de obras raras, a biblioteca não a realiza, mas segundo a entrevistada, a biblioteca pretende realizar e está se planejando para isso, estando previsto na normatização dos serviços que está sendo proposta.

Quanto à incorporação de livros, segundo a entrevistada, por conta da necessidade da formalização dos critérios, há muito tempo não são incluídas novas obras raras ao acervo. Portanto, não existe ainda um documento formal estabelecendo os critérios, mas a biblioteca está trabalhando para que esses critérios sejam formalizados.

4.3.4 Ministério da Justiça

A obra mais antiga da instituição é *Librorum Francisci Petrarcae Basilae*, incunábulo de 1496. A entrevistada não soube precisar se essa era também a obra mais rara da instituição. Quanto aos destaques da coleção, a entrevistada não soube responder.

A entrevistada não tinha informações acerca da transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras.

Não existe verba para compra de obras raras, porém algumas coleções foram compradas no passado, como a Goethiana e a coleção de Affonso Pena Júnior.

Quanto às doações, a entrevistada não soube responder se a biblioteca as recebia.

A permuta de obras raras não é adotada na biblioteca.

Quanto à incorporação de novos materiais, a entrevistada afirmou que atualmente não são incorporados novos livros à coleção de obras raras.

Quanto aos critérios de seleção, não existe documento formal que os estabeleça. Segundo a entrevistada, várias das ações só serão possíveis após a implantação de um projeto, com início previsto para 2011. Está prevista a contratação de um especialista para avaliação do acervo e estabelecimento de critérios para seleção de obras raras.

4.3.5 Câmara dos Deputados. Biblioteca Pedro Aleixo

A obra mais antiga da instituição é *De orbis sitv: libri tres*, de Pompônio Mela, publicada em 1522. Quanto à obra mais rara da instituição, a bibliotecária não soube responder, assim como não soube informar acerca de outros destaques da coleção.

Quanto à transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras, a entrevista afirmou que a prática é adotada na biblioteca, por meio da identificação de obras raras em uma pesquisa eventual ao catálogo da biblioteca e por meio da sugestão de usuários.

Quanto à compra de obras raras, a entrevistada afirmou que só em uma ocasião houve a compra de uma coleção. No entanto, existe a intenção de comprar obras raras, já que a biblioteca pretende expandir sua coleção legislativa do século XIX e completar falhas em coleções que já existem na biblioteca.

A biblioteca recebe doações de obras raras. Segundo a entrevistada, esses itens vêm junto com coleções e são principalmente obras com dedicatórias, que são identificadas no momento da seleção.

Não é realizada permuta de obras raras, uma vez que, segundo a entrevistada, esse procedimento é de difícil realização.

A entrevistada não soube precisar quantos livros são incorporados ao acervo anualmente, mas segundo ela, a maioria das incorporações são de transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras.

Não existe um documento formal contendo critérios de seleção. Segundo a entrevistada, já existiu esse documento, mas ele era uma cópia dos critérios adotados pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No entanto, a biblioteca está providenciando uma política que englobará os critérios de seleção de obras raras.

4.3.6 Biblioteca Nacional de Brasília

A obra mais antiga selecionada para o acervo até o momento é uma primeira edição de Obras de Claudio Manoel da Costa, que é também a mais rara, segundo a entrevistada. Outros destaques incluem obras autografadas e primeiras edições de Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Mario Quintana e Oscar Niemeyer.

A transferência de itens do acervo geral para a coleção de obras raras ainda não é usual, uma vez que a coleção ainda está em formação. No entanto, segundo a entrevistada, já houve um caso de uma obra que estava no acervo geral e foi identificada por meio de busca no catálogo.

A biblioteca não efetua compra de obras raras. Segundo a entrevistada, a coleção funcionará por meio de doações, uma vez que por enquanto a biblioteca não possui autonomia financeira, o que inviabiliza a compra.

A biblioteca já recebeu várias doações de obras raras. Segundo a entrevistada, o principal doador é Aricy Curvello.

Quanto à permuta, ainda não é realizada, no entanto existem planos de ser feita, segundo a entrevistada. Já foi feita a doação de uma obra para Juiz de Fora, uma obra não rara no contexto geral, porém importante para a história de Juiz de Fora.

Ainda não se sabe quantos livros serão incorporados à coleção anualmente, uma vez que a coleção ainda não foi inaugurada.

A biblioteca possui documento formal de critérios. Segundo a entrevistada, os critérios são uma cópia daqueles existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com adaptações, como por exemplo a inclusão de obras sobre Brasília. Eles serão devidamente adaptados à medida que os livros forem incorporados.

4.3.7 Superior Tribunal Eleitoral. Biblioteca Professor Allysson Darosowish Mitraud

A obra mais antiga da instituição é *Discours sur l`histoire universelle*, de Jacques-Bénigne, sem identificação de data, mas seguramente publicada no século XIX. Segundo os entrevistados, essa também é a obra mais rara identificada até o momento.

Por se tratar de uma coleção em formação, ainda não existem outros destaques, bem como ainda não se aplica a transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras.

A compra de obras raras, segundo os entrevistados, estará prevista na política de desenvolvimento de coleções a ser implantada.

A biblioteca recebe doações de obras raras, embora ainda em número limitado.

A permuta não é realizada.

Ainda não se sabe quantos livros serão incorporados à coleção anualmente, uma vez que a coleção ainda não foi inaugurada.

A biblioteca ainda não possui documento contendo critérios para seleção de obras raras, mas, segundo os entrevistados, esses critérios estão em fase de implantação.

4.3.8 Senado Federal. Biblioteca Acadêmico Luis Viana Filho

A obra mais antiga da instituição é *Novvs Orbis*, publicada por Joannes de Laet, datada de 1633. Segundo a entrevista, essa também é a obra mais rara da biblioteca. Outros destaques incluem Relação panegyrica das honras funeraes, que às memorias do muito alto, e muito poderoso Senhor Rey Fidelissimo D. João V. consagrou a cidade da Bahia, Corte da America Portugueza, de 1753 e diversas publicações legislativas do século XIX.

Existe a transferência de itens do acervo geral, por meio de varredura periódica no acervo e sugestão de usuários. Segundo a entrevistada, quando um item publicado antes de 1900 é encontrado no acervo, ele é automaticamente transferido para a seção de obras raras, uma vez que esse é o limite histórico adotado na instituição.

Quanto à compra de obras raras, segundo a entrevistada, existe previsão orçamentária para a compra de itens raros, no entanto ainda não foi realizada essa compra.

Quanto à doação de obras raras, a entrevistada afirmou não existir, uma vez que ninguém doa obras raras.

A permuta também não é realizada pois, segundo a entrevistada, se o item está no acervo é considerado patrimônio e não pode ser retirado.

Quanto à incorporação de títulos, a entrevistada afirma que somente são incorporados novos títulos à medida em que obras raras são detectadas no acervo geral. Por isso, não há um número exato de itens incorporados anualmente.

A biblioteca possui documento formal de critérios de seleção.

4.3.9 Comentários

O quadro 16 demonstra as respostas obtidas no Bloco C:

	UnB	STJ	STF	MJ	CD	BNB	TSE	SF
Obra mais antiga da coleção (Data)	Séc. XIV	1657	1556	1496	1522	1768	Séc. XIX	1633
Obra mais antiga é a mais rara?	Sim	Sim	S/D	Sim	S/D	Sim	Sim	Sim
Transferência do AGE para OR	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Verba para compra de OR	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
Doação de OR	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não
Permuta de OR	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Livros incorporados à coleção	500 por ano	30 por ano	0	0	S/D	S/D	S/D	S/D
Critérios de seleção	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim

S/D – Sem dados

Quadro 16 – Quadro comparativo de respostas do Bloco C

Das oito instituições estudadas, conforme o quadro 16, seis delas afirmaram que a sua obra mais rara era também a obra mais antiga existente na biblioteca. Como já relatado na revisão de literatura, o critério limite histórico tende a ser supervalorizado em relação aos demais. Isso não se deve a um preconceito existente, mas também pelo fato de que obras publicadas até o século XVIII serem naturalmente mais valorizadas, devido seu valor de

mercado, em grande parte das vezes, ser maior (embora isso não seja uma regra).

Todas as bibliotecas estudadas, com exceção do Ministério da Justiça, realizam transferência de obras do acervo geral para a seção de obras raras. Isso se deve não só pela possibilidade de existir falhas na seleção de obras raras no passado, mas também pela mutabilidade dos critérios de obras raras. O que torna uma obra rara é uma determinada circunstância que a faz especial e muitas vezes essa circunstância pode ser adquirida ao longo dos anos, ou seja, o que não é raro hoje pode ser daqui a dez anos (ou vice-versa). Segundo o *Guidelines on the Selection and Transfer of Materials from General Collections to Special Collections* (2008), “praticamente todas as bibliotecas adquirem materiais que, com o tempo e a evolução das circunstâncias, se tornaram raros de alto valor histórico e cultural especial. Os bibliotecários têm a responsabilidade de identificar os materiais raros e valiosos disponíveis em seu acervo geral e providenciar a sua transferência física para uma local, dentro da biblioteca, que oferece um nível adequado de acesso, preservação e segurança”.

Com relação à incorporação de novos itens, verificou-se que as compras, embora em praticamente todos os casos já tenham acontecido no passado, atualmente as instituições não dispõem de verba específica para a compra de obras raras. Somente a biblioteca do Senado Federal dispõe de rubrica, porém compras ainda não foram feitas com essa verba. A compra de obras raras, no caso de instituições públicas, esbarra em problemas burocráticos, principalmente pelo fato das obras raras, na maioria dos casos, não poderem ser compradas pelos meios tradicionais.

Segundo Vergueiro (1996, p. 59), livros antigos e raros em geral são de aquisição problemática por intermédio dos fornecedores usuais. Por não constarem mais dos catálogos das editoras têm que ser localizados em catálogos dos próprios antiquários ou buscados em fornecedores especializados em obras fora do comércio.

Quanto à doação de novos itens, seis das oito bibliotecas estudadas afirmaram receber doação de obras raras, sendo que na maior parte dos casos, elas fazem parte de coleções doadas à biblioteca.

A permuta não foi uma prática adotada em nenhuma das bibliotecas pesquisadas. A permuta de obras raras, conforme relatado pela maioria dos entrevistados, é de difícil realização, principalmente pelo fato da troca precisar ser feita com um item de igual valor. Outro fator interessante relatado por uma entrevistada foi que, uma vez que o livro está tombado pela biblioteca, ele passa a ser patrimônio desta, e sua transferência deve obedecer aos critérios estabelecidos por lei. No caso de obras raras, por se tratar de itens de alto valor, essa transferência seria dificultada.

A não realização de compras ou permuta e o crescimento do acervo somente por meio de doações ou transferências de itens do acervo geral para as seções de obras raras, ocasionam um baixo índice de crescimento das coleções de obras raras do Distrito Federal. Apenas a biblioteca da Universidade de Brasília possui um crescimento razoável (cerca de 500 itens por ano), o que se deve sobretudo ao fato dessa biblioteca ser a maior do Distrito Federal e estar em um ambiente acadêmico, o que faz com que ela receba um grande número de doações, dentre as quais pode-se encontrar itens raros. Duas bibliotecas (Ministério da Justiça e Supremo Tribunal Federal), não incorporam novos itens às suas coleções no momento, porque seus critérios estão sendo revistos. A Biblioteca do Senado Federal e Câmara dos Deputados também não incorporam novos itens, entretanto transferem itens do acervo geral para a seção de obras raras, quando um item tem sua raridade constatada. As bibliotecas do Tribunal Superior Eleitoral e Biblioteca Nacional de Brasília ainda não tem dados exatos da incorporação anual às coleções, pois esses acervos ainda estão em fase de formação.

Quanto aos critérios de seleção, apenas quatro das oito bibliotecas afirmaram possuir critérios formalizados por meio de um documento. É de suma importância que critérios sejam formalizados, visto que são eles que norteiam a seleção de obras raras. Segundo Vergueiro (2010, p. 72), o documento de política de seleção é um instrumento de trabalho para apoiar as decisões de seleção e imagina-se que fará parte de um conjunto de documentos que guiarão as atividades ligadas ao desenvolvimento da coleção. Portanto, causa estranheza que várias bibliotecas de obras não possuam tal documento, uma vez que a seleção dos documentos que farão parte de sua

coleção deviam se apoiar em critérios pré-definidos, a fim de que o desenvolvimento de sua coleção seja bem sucedido.

4.4 BLOCO D – FATORES QUE INFLUENCIAM O PROCESSO DE SELEÇÃO DE OBRAS RARAS

Nesse bloco, constaram perguntas dirigidas ao bibliotecários de obras raras das instituições estudadas. Foi indagado ao bibliotecário a importância de critérios no ato de seleção de uma obra raras, em sua instituição. Alguns desses critérios são consagrados e retirados da literatura de obras raras e alguns foram inseridos de forma provocativa, a fim de testar se a instituição adotava uma prática não recomendada.

Para a análise desse bloco, foi construído o quadro 8, onde foi atribuída à resposta um determinado valor, sendo:

0 – Nenhuma importância (representado pela cor cinza)





1 – Pouca importância (representado pela cor vermelha)

2 – Importante (representado pela cor amarela)

3 – Muito importante (representado pela cor verde)

A análise levou em conta a soma dos percentuais obtidos nas bibliotecas, soma essa representada no quadro na última coluna.

Legenda:

Muita importância  Importante  Pouca importância 
 Nenhuma importância 

	UnB	STJ	STF	CD	BNB	TSE	SF	TOTAL
Limite histórico	3	3	3	3	2	3	3	20
Primeiras edições	3	3	3	3	3	3	3	21
Encadernações de época	2	1	3	1	3	0	3	12
Manuscritos de escritores renomados	3	1	3	2	3	0	3	15
Obras escritas por ou que pertenceram a pessoas importantes da instituição	1	3	3	3	3	3	3	19
Obras	3	1	1	1	3	3	3	15

proibidas, censuradas ou repudiadas pelo autor								
Obras muito utilizadas que a biblioteca possua um só exemplar	0	0	0	0	0	0	0	0
Obras com qualquer erro de impressão	0	0	0	0	2	0	3	5
Obras esgotadas muito procuradas no acervo geral da instituição	0	0	2	0	0	2	0	4
Obras em estado de conservação ruim, que necessitem ser preservadas	0	0	1	0	2	0	0	3
Indicação de professores e especialistas da área	2	0	3	3	3	3	2	16
Indicação de bibliófilos	3	0	3	3	3	3	3	18
Indicação de superiores	3	0	2	2	3	2	0	12
Existência de exemplar idêntico em outra coleção de obras raras	2	0	1	2	2	1	3	11
Valor de mercado do item	3	0	2	2	2	2	3	14
Presença de ex-libris	2	0	2	2	3	2	2	13
Presença de assinatura de pessoas famosas	2	1	2	2	3	2	3	15

*O Ministério da Justiça não respondeu esse bloco
 Quadro17 – Quadro comparativo de respostas do Bloco D

4.4.1 Comentários

A importância do critério limite histórico foi evidenciada por meio da pesquisa. De 21 pontos máximos (no caso de todas as instituições

classificarem o critério com muito importante), o critério atingiu 20. Conforme já foi amplamente discutido ao longo deste trabalho, a idade de uma obra tende a ser o primeiro critério a ser observado para que uma obra seja caracterizada como rara, em parte por conta do preconceito existente de que toda obra rara deve ser antiga, em parte também porque de fato as obras publicadas nos séculos passados tendem (embora não seja uma regra) obter um importância histórica maior do que as demais.

Com relação às primeiras edições, foi a maior nota atingida entre todos os critérios estudados, em um total de 21 pontos, ou seja, uma unanimidade entre as instituições estudadas, sendo que todas elas classificaram esse critério como muito importante. Cabe saber, entretanto, que espécie de primeiras edições são consideradas raras em cada caso. No caso das bibliotecas jurídicas, por exemplo, as primeiras edições de obras de um ministro do tribunal podem assumir um valor maior do que em uma biblioteca universitária. Tem-se nesse caso o que Pinheiro chamou de precioso ou John Carter chamou de raridade local. O que foi constatado pela pesquisa, é a alta conta com que os bibliotecários tratam as primeiras edições de uma obra. O fascínio pelas primeiras edições, muitas das vezes impressas em papel barato e sem ornamentos maiores, foi relatado por Moraes (2005, p. 101):

“A grande maioria das vezes é simplesmente uma questão sentimental, como diz um bibliógrafo inglês. O bibliófilo quer possuir o texto do autor de que ele gosta tal qual veio à luz pela primeira vez, tal qual o autor o maneja ainda com a tinta fresca.”

O critério de encadernações de época causou certa controvérsia entre as instituições, atingindo 12 pontos. A desconfiança da importância desse critério em algumas instituições prova a dificuldade de se caracterizar uma obra como rara por conta apenas de sua encadernação. Embora algumas obras realmente sejam muito raras tendo por base esse critério (por exemplo, as lendárias encadernações em pele humana), observa-se uma dificuldade por parte do profissional de obras raras em reconhecer estilos de época, talvez pelo fato da ausência de formação específica em história da encadernação. As obras sobre o assunto, embora apresentem características a serem

observadas para que se reconheça cada estilo, dificilmente preparam o profissional para identificar uma determinada encadernação, talvez pelo fato dos estilos de época serem infinitamente copiados por outros encadernadores em séculos posteriores.

Com relação aos manuscritos de escritores renomados, o critério atingiu 15 pontos e, em algumas instituições estudadas, os entrevistados afirmaram que os manuscritos considerados raros muitas das vezes tem um valor contextual. No caso da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, por exemplo, os poemas e cartas do poeta e ex-professor Cassiano Nunes são mantidos na seção de obras raras.

As obras escritas por ou que pertenceram a alguma pessoa importante para a instituição também foi um dos critérios mais bem classificados, com 19 pontos. Todas as bibliotecas (com exceção da Universidade de Brasília, embora mantenha em seu acervo os já citados manuscritos de Cassiano Nunes), classificaram esse critério como muito importante. Novamente, vê-se o conceito de raridade local. As bibliotecas caracterizam como raras as obras que possuem valor para a própria instituição, enxergando na coleção uma forma de preservar sua própria memória.

Obras proibidas atingiram 15 pontos. Talvez as instituições que classificaram esse critério como pouco importante o fizeram pela pouca constância de aparição de obras proibidas ou mesmo pelo desconhecimento do fato de uma obra ter sido proibida. Muitas vezes uma obra proibida só é reconhecida após ampla pesquisa bibliográfica. Ou pode acontecer de fatores mais sutis constituírem uma obra proibida.

Foi feita uma pergunta sobre obras muito procuradas no acervo geral da instituição. Essa questão foi feita principalmente como provocação, visto que o fato de uma obra ser muito utilizada não significa que ela seja rara. No entanto, todas as instituições pesquisadas afirmaram que esse critério não possuía nenhuma importância para a seleção de suas obras raras, sendo que esse critério obteve a pontuação zero.

Com relação a obras com qualquer erro de impressão, esse critério ficou abaixo da média, com cinco pontos. De fato, uma obra conter qualquer erro de impressão não pode ser configurado como um critério de raridade, conforme relatado no tópico 2.3.1.3. À eles, é preciso estar atrelada alguma circunstância

especial que valorize o item, como é o caso, por exemplo, do célebre erro da primeira edição de *Poesias completas*, de Machado de Assis.

Outras duas questões foram inseridas de forma provocativa: obras esgotadas muito procuradas no acervo geral da instituição e obras em estado de conservação ruim. Naturalmente, nenhum desses critérios pode ser considerado de fato um critério para caracterização de uma obra como rara. À primeira, a pontuação final foi de quatro pontos, enquanto a pontuação da segunda foi de três pontos. Atribuir alguma importância a um desses critérios pode significar uma valorização de ações de preservação em relação ao acesso, uma vez que sozinhos esses critérios não possam ser configurados como critérios de seleção de obras raras.

As duas questões que diziam respeito às indicações de obras por especialistas da área e por bibliófilos foram bem classificadas, tanto a primeira, com 16 pontos, quanto a segunda, com 18 pontos. A pontuação maior obtida por meio da indicação de bibliófilos prova a forte ligação que existe entre a bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras, embora as duas áreas possuam objetivos diversos e diferenças na maneira na qual a coleção é vista e tratada, conforme já foi discutido ao longo deste trabalho e confirmado pela opinião dos especialistas.

A indicação de superiores teve resultado surpreendente, com a classificação final de 12 pontos. Esse não devia ser um critério para seleção de uma obra rara, visto que o superior hierárquico, na maior parte dos casos, não tem o preparo adequado para seleção de obras raras. No entanto, apenas duas instituições atribuíram à esse critério a classificação zero (nenhuma importância). Um dos entrevistados afirmou ter um conhecimento de que a indicação de um superior, por si só, não poderia ser considerado um critério, mas já houve casos em que o superior máximo da instituição indicou uma obra que não atendia aos critérios do setor. Entretanto a obra foi incorporada ao acervo, por ser uma ordem superior.

A existência de um exemplar idêntico em outra coleção de obras raras atingiu 11 pontos, sendo considerada muito importante por apenas uma instituição. De fato, pelo caráter de que constantemente alguns itens são julgados como raros em um universo institucional, a pesquisa de outros acervos raros é de grande valia como subsídio adicional, mas alguns itens

considerados raros em determinada instituição podem não ser considerados em outra.

O valor de mercado do item obteve 14 pontos. Esse critério pode ser um grande aliado na seleção de obras raras, visto que um alto valor de mercado pode determinar a raridade de determinado item. Esse valor de mercado é oriundo da bibliofilia, sendo o mercado de colecionadores o responsável pela valorização de um determinado item. Embora algumas obras consideradas raras em determinada instituição podem não ter alto valor de mercado no meio bibliófilo, os itens valorizados no mercado de colecionadores geralmente são fatores importantes como critério na seleção de obras raras.

A presença de *ex-libris* teve a classificação final de 13 pontos, sendo que a maioria das instituições classificaram esse critério como importante. A maioria dos entrevistados, entretanto, afirmou que a incorporação de um item a uma seção de obras por causa de um *ex-libris* consiste principalmente em saber a quem pertence esse *ex-libris*. Na literatura não existem informações a respeito da seleção de itens por conta unicamente de seus *ex-libris*. Entretanto, a presença destes sugerem a existência de outros critérios a ele atrelados. Por exemplo, um item com *ex-libris* pertencente a um escritor famoso no século XIX, pode significar que esse item possua anotações desse autor, o que remete a outro critério de seleção, em que essa obra possa ser mais valorizada.

A assinatura de pessoas famosas obteve 15 pontos, tendo sua importância reconhecida pela maioria das instituições. O maior desafio para os profissionais, nesse caso, é reconhecer o renome e importância da assinatura em questão. Alguns casos são óbvios, como, por exemplo, assinaturas de Machado de Assis ou Goethe. No entanto, alguns casos exigem intensa pesquisa e são objetos de discussão entre os profissionais.

4.5 BLOCO E - PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E ANÁLISE BIBLIOLÓGICA

4.5.1 Universidade de Brasília. Biblioteca Central

A pesquisa bibliográfica é realizada, sendo pesquisados sites especializados e também biografia dos autores.

Para pesquisa de valor de mercado dos itens, são consultados os sites *Via Libri*⁸, *Estante Virtual*⁹ e outros sites de leilões online.

Não é realizada análise bibliológica dos itens porque, segundo o entrevistado, não há recursos humanos suficientes para a realização dessa atividade.

4.5.2 Superior Tribunal de Justiça. Biblioteca Ministro Oscar Saraiva

Não é realizada pesquisa bibliográfica e, segundo a entrevistada, ela não é necessária, uma vez que o principal critério adotado é o limite histórico (1910) e uma vez que a obra esteja dentro desse critério ela entra automaticamente na coleção de obras raras. A pesquisa de mercado também não é realizada.

A análise bibliológica também não é realizada e, segundo a entrevistada, apenas a folha de rosto é verificada.

4.5.3 Supremo Tribunal Federal. Biblioteca Ministro Victor Nunes Leal

É realizada pesquisa bibliográfica e são pesquisadas as bibliografias de Inocêncio, Sacramento Blake, sites especializados e catálogos da Biblioteca Nacional e Library of Congress

Quanto à pesquisa de mercado, segundo a entrevistada, foi feita em certa época mas não atualmente, visto que não é interesse da biblioteca.

Não é realizada análise bibliológica, porém, segundo a entrevistada, a catalogação de obras raras é diferente da adotada para livros do acervo geral e detalhes como ex libris, assinaturas, dedicatórias e detalhes da encadernação são observados e registrados.

4.5.4 Ministério da Justiça

A entrevistada não respondeu as questões.

4.5.5 Câmara dos Deputados. Biblioteca Pedro Aleixo

⁸ <http://www.vialibri.com>

⁹ <http://www.estantevirtual.com.br>

É realizada pesquisa bibliográfica e são consultadas bibliografias portuguesas, brasileiras e gerais, além de sites especializados.

Não é realizada pesquisa de mercado mas, segundo a entrevistada, existe interesse por parte da biblioteca e será feito em breve.

Quanto à análise bibliológica, ela não é realizada, segundo a entrevistada, devido a limitações da rede RVBI. Mas existe interesse por parte da biblioteca em realizar a análise.

4.5.6 Biblioteca Nacional de Brasília

Embora o acervo ainda esteja em fase de formação é realizada pesquisa bibliográfica. São consultadas bibliografias brasileiras, gerais e sites especializados, além de catálogos de bibliotecas.

A pesquisa de mercado também é realizada mas, segundo a entrevistada, é uma pesquisa informal como mera curiosidade, uma vez que o mais interessa é o valor contextual da obra.

Quanto à análise bibliológica, não é realizada, mas segundo a entrevistada, será implantada no futuro.

4.5.7 Superior Tribunal Eleitoral. Biblioteca Professor Allysson Darosowish Mitraud

Não é realizada ainda pesquisa bibliográfica e de mercado tampouco análise bibliológica dos itens mas, segundo os entrevistados, existe interesse da biblioteca e será implantado no futuro, a partir da mudança da sede e consolidação do setor de obras raras da biblioteca.

4.5.8 Senado Federal. Biblioteca Acadêmico Luis Viana Filho

É realizada pesquisa bibliográfica e são consultadas bibliografias portuguesas, brasileiras e gerais, sites especializados, catálogos de bibliotecas, além de catálogos de obras raras famosos ou de livreiros renomados.

A pesquisa de mercado não é realizada porque, segundo a entrevistada, o preço de muitas edições não é encontrado na web, como as primeiras edições de Machado de Assis e José de Alencar. Tal avaliação tem que ser feita por um livreiro.

A biblioteca realiza análise bibliológica após a seleção do item. São observados detalhes da encadernação, assinaturas, marcas de leitura, ex libris e detalhes descritos em catálogos renomados.

4.5.9 Comentários

O Quadro 18 demonstra as respostas do Bloco E:

	UnB	STJ	STF	CD	BNB	TSE	SF
Pesquisa bibliográfica	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Pesquisa de mercado	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
Análise bibliológica	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim

Quadro 18 – Quadro comparativo de respostas do Bloco E

Conforme mostra o quadro 18, a pesquisa bibliográfica é realizada por cinco das sete instituições que responderam este bloco de perguntas. A realização de pesquisa bibliográfica para seleção de itens raros certamente é um dos pilares no qual uma eficiente seleção de obras raras deve se apoiar. Mas infelizmente, tanto pelo desconhecimento das fontes por alguns profissionais ou mesmo pela dificuldade em ter acesso a elas, essa é uma etapa ignorada na etapa de seleção de obras raras.

Para a pesquisa com critério, é fundamental o arrolamento das fontes disponíveis, conforme sua utilidade, abrangência e padrão de citação, gerando um instrumento de trabalho fundamental. (PINHEIRO, 2009, p. 10)

A pesquisa de mercado é realizada por três instituições. Embora não se deva atribuir ao preço de mercado a autoridade exclusiva para que se estabeleça a raridade de uma obra, essa pesquisa é interessante de ser realizada, principalmente porque o valor de mercado é uma variável importante para que se estabeleça a raridade de uma obra, embora um baixo valor de mercado não signifique que a obra possa ser considerada rara em determinado contexto.

A análise bibliológica ou colacionamento é realizada apenas pelo Senado Federal. Embora a análise bibliológica seja de difícil realização, é essencial para que se descreva os detalhes de um item raro, sendo

importantes não só para fins de descrição e recuperação, mas também para controle patrimonial. Segundo Pinheiro (2009, p. 7), o colacionamento viabiliza a personalização do exemplar, evidenciando características adquiridas que o identificam, distinguindo-o de outros exemplares.

4.6 BLOCO F – QUESTÕES GERAIS SOBRE OBRAS RARAS

Nesse bloco, constam perguntas dirigidas ao bibliotecários de obras raras das instituições estudadas. Foi questionado ao bibliotecário o seu grau de concordância com algumas afirmações relativas às obras raras. Algumas afirmações foram retiradas da literatura e outras foram inseridas de forma provocativa, a fim de testar se a instituição adotava uma prática não recomendada.


Para a análise desse bloco, foi construído o quadro 10, onde foi atribuída à resposta um determinado valor, sendo:

- 0 – Não tenho opinião (representado pela cor cinza)
- 1 – Discordo (representado pela cor vermelha)
- 2 – Concordo parcialmente (representado pela cor amarela)
- 3 – Concordo (representado pela cor verde)

A análise levou em conta a soma dos percentuais obtidos nas bibliotecas, soma essa representada no quadro na última coluna.

Legenda:

Concordo  Concordo parcialmente  Discordo 

Não tenho opinião 

	UnB	STJ	STF	CD	BNB	TSE	SF	TOTAL
O objetivo principal de uma coleção de obras raras é a preservação da memória	3	2	2	2	3	2	3	17
O potencial informacional das obras raras é pouco explorado	3	3	3	3	3	3	2	20
As obras raras devem ter o mínimo possível de consultas, para que os suportes sejam preservados	3	1	1	3	3	3	1	15
As coleções de obras devem ser instrumentos de marketing institucional	2	3	2	3	2	2	3	17
O valor monetário das obras justifica a restrição do acesso às coleções de obras raras	2	1	3	2	3	1	3	15
A fragilidade dos suportes justifica a restrição do acesso às obras raras	2	3	3	2	3	2	3	18
A bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras possuem os mesmos objetivos	2	1	1	1	1	2	1	9
A construção de	3	3	3	3	3	3	3	21

critérios de seleção para uma coleção de obras raras é essencial								
O que é raro no Brasil será necessariamente raro no Japão	1	1	1	1	1	1	2	8
A idade da obra é o principal fator a ser considerado para que se julgue sua raridade	2	2	1	1	1	1	2	10

Quadro 19 – Quadro comparativo de respostas do Bloco F

A afirmativa “o objetivo principal de uma coleção de obras raras é a preservação da memória”, obteve 17 pontos. A alta classificação dessa afirmativa prova a valorização da preservação da memória em uma biblioteca de obras raras, o que serve para consolidar as coleções de obras raras como lugares de memória, embora esse fato não exclua o papel social da biblioteca, de disseminar o conhecimento nela armazenado.

A afirmativa “o potencial informacional das obras raras é pouco explorado” obteve 20 de 21 pontos possíveis. Foi quase um consenso entre as instituições estudadas, provando que há o reconhecimento por parte dos profissionais que, para além da preservação dos suportes, existe nos itens raros um conteúdo informacional a ser explorado. Embora de certa forma os livros raros sejam vistos como objetos de coleção, isso não reduz a sua importância informacional. Esse critério condiz com as respostas dos especialistas, relatadas no referencial teórico.

A afirmativa “as obras raras devem ter o mínimo possível de consultas, para que os suportes sejam preservados” obteve 15 pontos, sendo que quatro instituições concordaram com a afirmativa. Isso prova, mais uma vez, a supervalorização da preservação em detrimento do acesso. Como já foi dito ao longo do trabalho, o profissional de obras raras deve trabalhar entre a preservação e o acesso e uma coleção de obras raras, não obstante o fato dela ter como objetivo também a preservação, deve promover o acesso. Ter o

mínimo possível de consultas contraria essas regras básicas e a biblioteca de obras raras, sob esse ponto de vista, está fadada a se transformar em um depósito de itens curiosos.

A afirmativa “as coleções de obras devem ser instrumentos de *marketing* institucional” obteve 17 pontos de 21 possíveis. Isso demonstra o reconhecimento por parte dos profissionais do potencial que possuem as coleções para efetuar o *marketing* institucional. A realização de visitas orientadas e exposições, por exemplo, são métodos utilizados pela maioria das instituições pesquisadas.

Foi questionada a opinião dos entrevistados sobre duas afirmativas que tratavam da restrição do acesso às coleções de obras raras: a primeira, “o valor monetário das obras justifica a restrição do acesso às coleções de obras raras” obteve 15 pontos, enquanto “a fragilidade dos suportes justifica a restrição do acesso às obras raras” obteve 18 pontos. As boas classificações nos dois critérios provam que existe, por parte das instituições pesquisadas, uma preocupação com relação à restrição do acesso às coleções raras. O alto valor monetário, no caso, justificaria uma maior segurança e mais regras para consultas às coleções, por exemplo, enquanto suportes frágeis necessitam também ter regras mais rigorosas de acesso, de modo a melhor preservá-los.

A afirmativa “a bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras possuem os mesmos objetivos” obteve a segunda menor classificação entre todas as afirmativas, com nove pontos. A resposta das instituições está em consonância com o que foi exposto na conclusão do referencial teórico, provando que as instituições reconhecem a distinção entre as duas áreas e que as coleções de obras raras em bibliotecas possuem valores diversos aos da bibliofilia.

A afirmativa “a construção de critérios de seleção para uma coleção de obras raras é essencial” obteve a máxima pontuação, com 21 pontos. É um consenso entre as instituições pesquisadas que exista um documento formal que forneça subsídios para a construção de critérios de seleção, embora algumas das instituições pesquisadas ainda não possuam tais critérios.

A afirmativa “o que é raro no Brasil será necessariamente raro no Japão” obteve a menor classificação entre todas possíveis, com oito pontos. Embora sejam encontrados na literatura diversos conceitos acerca da caracterização de

uma obra rara, é praticamente um consenso que haja uma raridade local ou contextual e uma raridade universal.

A afirmativa “a idade da obra é o principal fator a ser considerado para que se julgue sua raridade” atingiu apenas 10 pontos. Isso prova que as instituições, embora ainda tenham o critério limite histórico como muito importante, admitam que a idade de uma obra não necessariamente é o fator principal para determinação da raridade de uma obra.

5 CONCLUSÕES

O principal objetivo desta pesquisa foi traçar um panorama das coleções de obras raras existentes nas bibliotecas do Distrito Federal, e, mais especificamente, os critérios de seleção adotados por cada uma delas.

A literatura sobre o tema ainda carece de obras atuais e nota-se um baixo índice de literatura científica sobre biblioteconomia de obras raras, sobretudo em língua portuguesa. A literatura pesquisada, no entanto, oferece uma ampla variedade de conceitos sobre o que pode ser considerada uma obra rara. A resposta universal para a questão é de difícil resolução e, levando-se em conta o valor institucional que uma obra adquire em determinada biblioteca (aquilo que Carter chamou de raridade local e Pinheiro de precioso), o valor de uma obra constantemente é determinado por fatores relativos a uma determinada circunstância dentro da própria biblioteca.

Da literatura também foram retirados conceitos que serviram de base para a construção do instrumento de coleta de dados, dirigido aos responsáveis pelas coleções de obras raras das bibliotecas. Um pressuposto encontrado na literatura e que foi confirmado pela pesquisa foi o de que tende-se a supervalorizar o critério limite histórico, ou seja, a idade de uma obra seria um critério supervalorizado em relação aos demais. Esse critério foi, junto com primeiras edições (de certa forma também relacionado à idade de uma obra), o mais valorizado entre as instituições pesquisadas. Isso se deve a um preconceito estabelecido de que quanto mais antiga é uma peça, maior valor ela tem.

Chamou a atenção também o fato de apenas quatro das oito instituições pesquisadas possuírem documento contendo critérios de seleção, embora na pesquisa todas as instituições tenham respondido que concordavam com a afirmação de que esses critérios eram essenciais. Manter uma coleção sem os critérios formalizados, de modo a guiar as atividades de seleção de obras desempenhadas na biblioteca, é um erro que pode culminar em diversos equívocos que tem como resultado o abandono de obras raras no acervo geral da instituição ou a seleção de itens dispensáveis no acervo de obras raras, o que dispende recursos (pois a manutenção de uma obra rara é mais onerosa

do que as demais), que poderiam ser usados na manutenção das obras realmente importantes para a instituição.

Após a análise da literatura sobre o tema, traçou-se um comparativo entre a bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras, procurando identificar diferenças significativas entre as duas áreas. Na pesquisa, foi constatado que também os bibliotecários concordam com essas diferenças, embora tenha sido também confirmado que a indicação de bibliófilos era importante para a decisão de seleção.

Outro fato que chamou a atenção foi a ausência de compra de obras raras nas instituições estudadas. Mesmo as que possuem verba para tal (caso do Senado Federal), esbarram em problemas burocráticos, pois os procedimentos para compra de obras raras em instituições, por se tratar de material usado, é de realização bem mais complicada do que os meios de aquisição tradicionais. As coleções de obras raras tem seu acervo alimentado somente com doações, o que ocasiona um índice de crescimento anual muito baixo (com exceção da Universidade de Brasília, que ainda é a instituição do Distrito Federal que mais recebe doações bibliográficas).

Como um todo, a pesquisa provou, acima de tudo, que as instituições que mantêm obras raras no Distrito Federal, embora possuam obras de inestimável valor histórico e patrimonial, carecem não só de recursos para a manutenção dessas preciosas coleções, mas também de mão-de-obra especializada. Nota-se que o profissional que é designado para o trabalho com obras raras, embora constantemente seja um profissional engajado no trabalho, que busca aperfeiçoar seu trabalho, preocupa-se sobretudo em obter uma formação em conservação e restauração de documentos. Embora essa formação obviamente seja de extrema importância, é perigoso que um profissional com essa formação não procure obter conhecimento sobre o que de fato venha a ser considerado uma obra rara, visto que nesses casos corre-se o risco de se supervalorizar aquilo que de fato não merece ser supervalorizado, gastando tempo e dinheiro na conservação de materiais que podem não ter um valor histórico, material ou institucional que justifique tais ações. Por isso, é necessário que a formação em seleção de obras raras preceda todas as demais. Todas as decisões a serem tomadas em uma seção de obras raras, da aquisição de materiais à decisão de quais itens terão

prioridade para restauração, necessitam de um profissional com conhecimento nas práticas de seleção de obras raras. Portanto, a formação desse profissional é indispensável para qualquer seção de obras raras.

6 SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Abaixo, encontram-se sugestões para futuras pesquisas na área:

1. Realização de um estudo comparativo entre a bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras:

Notou-se que entre as duas áreas, embora compartilhem interesses comuns, existem pontos de divergência que podem ser explorados em uma futura pesquisa.

2. Análise de uso das coleções de obras raras do Distrito Federal:

O baixo número de consultas aos setores de obras raras, constatado nessa pesquisa, é um ponto interessante que pode ser explorado em um futuro trabalho.

3. Estudo sobre o valor informacional das obras raras:

Seria interessante um estudo no qual se explorasse o valor informacional das obras raras nas instituições, valor esse a ser representado tanto por meio do seu valor para a instituição quanto para o próprio usuário de obras raras.

4. Seleção de materiais para formação e desenvolvimento de bibliotecas digitais de obras raras:

Saber quais obras terão prioridade para digitalização e incorporação a uma coleção de obras raras seria uma pesquisa interessante. Devido ao alto custo de digitalização de um livro raro, uma correta seleção do material que irá compor as bibliotecas digitais torna-se imprescindível.

7 RECOMENDAÇÕES

Ao final da pesquisa, foi possível, mediante os problemas verificados durante a sua realização, traçar algumas recomendações visando a melhor prática das atividades realizadas em cada uma das coleções estudadas:

- a) Embora algumas instituições tenham afirmado que o número de bibliotecários era adequado (embora em alguns casos inexistisse um profissional dedicado exclusivamente ao trabalho com as obras raras), sabe-se que com a promoção do setor e maior divulgação do seu conteúdo a procura pelas obras raras aumentaria consideravelmente, o que demandaria um maior número de profissionais dedicados às obras raras. É desejável que as instituições tenham pelo menos dois bibliotecários dedicados exclusivamente ao tratamento da coleção de obras raras, de modo a coordenar as atividades da melhor forma possível;
- b) As instituições estudadas devem também investir na formação profissional desses bibliotecários. Cursos direcionados à gestão de coleções raras são pouco oferecidos no Brasil, o que torna o processo oneroso. No entanto, continua essencial e o retorno obtido por meio dessa formação especializada justificará todo o investimento;
- c) As instituições devem promover as suas coleções, utilizando instrumentos de *marketing* que visem divulgar seus acervos raros. Para tanto, é necessária a confecção de *folders*, disponibilização de informações sobre as coleções na página da biblioteca, construção de *blogs* e similares e digitalização de suas coleções. Nota-se que muitas instituições têm investido na digitalização de suas obras raras. No entanto, em grande parte dos casos a digitalização dessas coleções deve ser criteriosa, procurando não só digitalizar as suas obras mais importantes (aqui de novo a importância da seleção de obras raras), mas também divulgar os trabalhos em meios exclusivos, criando repositórios onde serão depositadas especificamente as obras raras da instituição;

- d) As instituições devem desenvolver critérios que norteiem a seleção de obras raras. As que já os possuem, deverão periodicamente revisá-los, pois a raridade de uma obra, conforme já foi discutido ao longo desta pesquisa, possui um caráter variável, estando suscetível à mudanças temporais ou circunstanciais;
- e) As instituições devem investir mais recursos em suas coleções de obras raras. Não só recursos destinados à infra-estrutura de suas coleções, como climatização, compra de estantes adequadas e construção de espaços destinados a abrigar o acervo, mas também ações destinadas ao seu crescimento. Deve-se procurar os meios adequados para a compra de materiais e, naquelas instituições que careçam de recursos, deve-se investir no incentivo de doações e adoção da prática de permuta. Nenhuma das instituições estudadas adota essa prática, que pode ser essencial para complemento de sua coleção. Por se tratar de instituições públicas, cujas práticas de descarte de material ainda são regidas por uma lei que considera o material bibliográfico como bem permanente, essa prática pode ser dificultada. No entanto, caso justificada a transferência, ela é possível. Além do que, em alguns casos, pode-se permutar materiais ainda não tombados, o que facilitaria o processo;
- f) Seria interessante a criação de catálogos coletivos de obras raras. A criação desses catálogos facilita não só a pesquisa por parte do usuário como também permite o compartilhamento de recursos informacionais entre as instituições participantes;
- g) Por fim, recomenda-se uma cooperação entre as instituições do Distrito Federal que possuam coleções de obras raras. Uma proposta viável seria a organização de um grupo de estudos em obras raras, que visaria não só o compartilhamento de experiências profissionais, mas também a promoção de iniciativas como catalogação cooperativa, elaboração de um portal único que divulgaria as coleções e disponibilizaria obras raras em formato digital, entre outras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Virgínia B. de Aguiar. **Obras raras**: um estudo exploratório: (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, São Paulo e Salvador. 1999. Dissertação (Mestrado em ciência da informação)–Universidade de Brasília, 1999. 114 f.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: [princípios da técnica de editoração]. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. 300 p. : ISBN 9788586368431

BAEZ, Fernando. **História universal da destruição de livros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 438 p.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectivas, 2004.

BELANGER, Terry. Descriptive bibliography. In: Peters, Jean. **Book collecting**: a modern guide. New York: R. R. Bower, 1977. p. 97-115.

BELK, Russell W. **Collecting in a Consumer Society**. London: Routledge, 1995.

BENJAMIN, Walter. **O colecionador**. In: ___. Passagens. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. p. 238 – 246.

BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 308 p.

BRUCHARD, Dorothée. **A encadernação**. Disponível em: <<http://escritoriadolivro.com.br/historias/encadernacao.html>>. Acesso em: 04 ago. 2010.

CARTER, John. **ABC for book-collectors**. 3. ed. London: Ruper Hart-Davis, 1966. 208 p.

CAVE, Roderick. **Rare book librarianship**. London: C. Bingley, 1976. 168 p.

CHARTIER, Roger. **Aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed.

Unesp, 1999. 159 p. ISBN 85-7139-223-4.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 111 p.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet De Lemos, 2008. xvi, 451 p. ; ISBN 9788585637354

D'ALLEMBERT, JEAN DE LA RONDE *et al.* **A paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2004.

D'ALLEMBERT. **L'encyclopédie**. Disponível em: <<http://encyclopedia.uchicago.edu/>>. Acesso em 02 nov. 2010.

DIBDIN, Thomas Frognall. **Bibliomania**, or, Book madness. London: H. G. Bohn, 1809. xxxiv, 618 p.

DIRINGER, David. **The book before printing**: ancient, medieval and oriental. New York, N.Y.: Dover Publications, 1982. 603 p. ISBN 0486242439

EMPTY mirror. Disponível em: <<http://www.emptymirrorbooks.com>>. Acesso em: 29 out. 2010.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça de. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, c2008. 761 p.

FARINA, Milton Carlos; TOLEDO, Geraldo Luciano; CORRÊA, Gisleine B. F. Colecionismo: uma perspectiva abrangente sobre o comportamento do consumidor. In: SEMEAD, 9., 2006, São Paulo,. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 200??. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/320.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2010.

FLAUBERT, Gustave. **Bibliomania**. Disponível em: <<http://escritoriadolivro.com.br/leitura/flaubert.html>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

FONSECA, Edson Nery da. **Entrevista sobre obras raras** [abr. 2010].
Entrevista concedida a Fernando Silva.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo:
Atlas, 2010. xvi, 184 p. ISBN 9788522458233.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São
Paulo: Atlas, 2008. 200 p. ISBN 9788522451425.

GUIA de bibliotecas do Distrito Federal. Brasília: CRB 1, 1999.

GUIDELINES on the Selection and Transfer of Materials from General
Collections to Special Collections. Disponível em:
< <http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/standards/selctransfer.cfm> > . Acesso
em: 02 nov. 2010.

HAUGH, Georgia. Processing rare materials. In: ARCHER, Horace R. (org.).
Rare book collections: some theoretical and practical suggestions for use by
librarians and students. Chicago: ALA, 1965. p. 51-64.

HERKENHOFF, Paulo. **Biblioteca Nacional**: a história de uma coleção. Rio de
Janeiro: Salamandra, 1996. 263 p.

INCUNABULA short title catalogue. Disponível em: <
<http://www.bl.uk/catalogues/istc/>>. Acesso em: 25 nov. 2010.

KATZENSTEIN, Ursula Ephraim. **A origem do livro**: da idade da pedra ao
advento da impressão tipográfica no Ocidente. São paulo: Hucitec, 1986. 455
p.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro: INL, 1967. 2 v.

INSCRIÇÃO encontrada em mosteiros medievais. Disponível em: <
<http://www.litterascripta.com/bibliomania/curses.shtml> >. Acesso em: 10 set.
2010.

KELLY, Stuart. **O livro dos livros perdidos**: uma história das grandes obras que você nunca vai ler. Rio de Janeiro: Record, 2007. ISBN 978-85-01-07502-4.

LACROIX, Paul. **Les Amateurs des vieux livres**. Paris: E. Rouveyre, 1880. 60 p.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. **Entrevista sobre obras raras** [out. 2010]. Entrevista concedida a Fernando Silva.

MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. **As coleções de obras raras na biblioteca digital**. Brasília, 1998. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, FACE, 1998.

MÁRSICO, Cida. **O surgimento da encadernação e sua evolução através dos séculos**. Disponível em:

<http://www.bn.br/planor/documentos/jornadaumlivroumatrajectoria/Osurgimento_daencadernaco.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2010.

MERRYWEATHER, Frederick Sonner; COPINGER, Harold Bernard; COPINGER, Walter Arthur. **Bibliomania in the middle ages**. New York: Benjamin Blom, 1972. 288 p.

MINDLIN, José E. **Uma vida entre livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. 231 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1965. 198 p.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: B. de Lemos, 2006. 259 p. ISBN 8585637293.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**, 2009, p. 87-104. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14712771007.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2010.

OGDEN, Sherelyn. **Meio ambiente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Proj. Conserv. Preventiva Bibliotecas e Arquivos, 2001. 41 p. ISBN 85-7009-047-1.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre, théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934. 1 v.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As coleções como duração: quem colecciona o que?. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 111-119, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_oliveira_siegmann_coelho.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.

PETERS, Jean. **Book collecting**: a modern guide. New York: R. R. Bowker, 1977. 288 p.

PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. **Que é Livro Raro**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Livro raro: formação e gestão de coleções bibliográficas especiais. [S.l. : s.n.], 2009. 33 p.

PLANO Nacional de Recuperação de Obras Raras. Disponível em: <<http://www.bn.br/planor>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet De Lemos, 2009. 336 p. : ISBN 9788585637385

RIBEIRO, Leila Beatriz; COSTA, Thainá Castro. O colecionador: uma análise informacional de objetos em histórias em quadrinhos. In: ENECULT, 5., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19451.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2010.

ROUYEYRE, Edouard. **Connaissances necessaires a un bibilophile**. 2. ed. Paris: E. Rouveyre, 1878. 119 p.

SANT'ANNA, Rízio Bruno. Como definir obras raras: critérios da Biblioteca Mário de

Andrade. **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v. 54, p.231-251, jan./dez. 1996.

SANT'ANA, Rízio Bruno. **Entrevista sobre obras raras** [set. 2010]. Entrevista concedida a Fernando Silva.

SPILLER, David. **Book selection: An introduction to principles and practice**. 4. ed. London: C. Bingley. 235 p.

STORM, Colton; PECKHAM, Howard Henry. **Invitation to book collecting its pleasures and practices: with kindred discussions of manuscripts, maps, and prints**. New York: Bowker, 1947. 281 p.

THORNTON, John Leonard; TULLY, R I J. **Scientific books libraries and collectors: A study of bibliography and the book trade in relation to science**. London: Library Association, 1954. 288 p.

TRAISTER, Daniel. Rare book collections: the need for interpretation. **Wilson Library Bulletin**, October 1993, p. 115-119. Disponível em: <www.hwwilson.com/databases/PDFsample/WLB/rarebooks2.pdf>. Acesso em: 01 maio 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 120 p. ISBN 978-85-85637-41-5.

WINTERICH; John T.; RANDALL, David A. **A primer of book collecting**. 3. ed. London: G. Allen & Unwin, 1966. 228 p.

ANEXO I – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



Universidade de Brasília
Biblioteca Central
Setor de Obras Raras

Critérios para seleção do acervo de Obras Raras

Inserido no acervo bibliográfico geral da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), há um outro acervo, precioso e raro, que necessita ser preservado e possui normas de acesso e armazenamento diferenciadas. tal acervo é composto de livros, periódicos, folhetos, separatas, jornais, recortes de jornais, ex-libris, mapas, manuscritos, etc.

Seleção e aquisição

Para orientação na seleção e aquisição por compra ou doação das obras que pertencerão ao acervo raro foram determinados alguns critérios, tendo em vista as características da Instituição.

Serão consideradas obras raras e/ou valiosas:

1.1 Limite histórico

- Manuscritos antigos (antes do advento da imprensa);
- Obras dos séculos XV ao XVIII;
- Obras que tratam do Brasil até o século XIX;
- Obras de autores brasileiros editados até 1860;
- Obras editadas no Brasil até 1840;
- Primeiras obras editadas em cidades ou capitais dos Estados brasileiros;
- Periódicos de assuntos literários e/ou históricos sobre o Brasil e Portugal cuja publicação foi cessada.

1.2 Valor cultural

- Obras científicas ou literárias (manuscritas ou impressas) de personalidades de projeção política, literária ou religiosa;
- Primeiras edições de autores brasileiros consagrados antigos e modernos;
- Primeiras edições de autores consagrados universalmente;
- Edições apreendidas, suspensas, recolhidas, censuradas;
- Obras repudiadas pelo autor;
- Edições clandestinas;
- Teses de autores renomados antigos;
- Obras das quais possuímos manuscritos;
- Edições limitadas, esgotadas, especiais e fac similares;
- Obras ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores;
- Folhetos de autores renomados;
- Separatas de obras importantes;
- Encadernações de luxo, curiosas ou exóticas;
- Traduções de autores renomados brasileiros ou quando o tradutor é mais conhecido do que o autor.

1.3 Exemplares raros e/ou valiosos

- Manuscritos de autores antigos e modernos;
- Com dedicatória e/ou autógrafo de autores consagrados;
- Com anotações importantes feitas por pessoas de renome;
- Em encadernações de luxo;
- Com tiragem em papel especial, impressão personalizada ou que contenha erros de impressão.

1.4 Peças raras e/ou valiosas

- Mapas antigos;
- Medalhas comemorativas;
- Material iconográfico, fotografias, quadros e gravuras;
- Moedas e cédulas antigas do Brasil e de outros países;

- Ex-libris antigos de particulares;
- Jornais e recortes de jornais antigos.

1.5 Formato

- Livros de tamanho reduzido;
- Livros em formato diferenciado.

OBS: Materiais relacionados com a história de Brasília e da UnB não pertencem ao acervo de obras raras. Esses materiais pertencem ao acervo de OAE (Coleções Especiais e Organismos Internacionais). Eventualmente, se enquadrados nos critérios acima, poderão ser incorporados ao acervo de Obras Raras.

ANEXO II - CRITÉRIOS ADOTADOS NA BIBLIOTECA DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA

- Assunto: a obra dever ser da área jurídica ou correlata (muito próxima);
- Idade : todas as obras de direito publicadas no Brasil ou no exterior até o ano de 1910.;
- Primeiras edições de livros jurídicos muito utilizados atualmente e de juristas famosos;
- Obras jurídicas famosas com dedicatórias do autor (muito comum em nosso acervo);
- Primeiro fascículo de periódicos jurídicos (nacionais ou estrangeiros) muito utilizados que já vêm sendo publicados há muitos anos;
- Livros de época da área jurídica com capas assinadas;
- Exemplares da área jurídica assinados / rubricados pelo autor, desde que de um jurista de renome;
- Obras da área jurídica que apareçam em fontes de informação como sendo raras;

APÊNDICE I – ROTEIRO DA ENTREVISTA – ESPECIALISTAS

1. Em sua visão pessoal, o que é o livro raro? O que o difere das demais coleções das bibliotecas?
2. O livro raro tem de ser universalmente raro? Ou seja, o que é raro no Brasil tem de ser raro em qualquer parte do mundo?
3. Em sua visão pessoal, as políticas de seleção de obras raras devem ser desenvolvidas pela própria instituição ou deve-se criar padrões que possam ser adotados por bibliotecas que possuem acervos e público-alvo semelhantes?
4. A visão do bibliotecário sobre a coleção de obras raras, quer seja na seleção, organização ou disseminação, deve diferir da visão do colecionador de obras raras? Por que?
5. Em sua visão pessoal, o profissional responsável pelas coleções é bem preparado pelas escolas de biblioteconomia brasileiras? Por que?
6. Até que ponto um eventual despreparo na formação do bibliotecário responsável pela guarda das coleções de obras raras pode ser prejudicial?
7. Em sua opinião, as coleções de obras raras nas bibliotecas brasileiras possuem acervos relevantes que servem para o pesquisador?
8. Em sua visão pessoal, fatores políticos podem interferir na seleção de obras raras? Exemplo: seleção de livros de um ministro de Tribunal para a coleção de obras raras.
9. Em sua visão pessoal, o livro raro é visto pelo colecionador mais como um objeto passível de colecionismo, enquanto o bibliotecário vê o livro raro do ponto de vista informacional?
10. O acesso às coleções de obras raras em bibliotecas brasileiras é burocrático? Em sua opinião, esse acesso tem de ser mais burocrático, de modo a zelar pela segurança do acervo, ou mais livre, de modo que a informação possa estar disponível a um maior número de pesquisadores?

**APÊNDICE II – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS –
BIBLIOTECÁRIOS DE COLEÇÕES DE OBRAS RARAS DO DF**

BLOCO A
1. Nome da instituição:
2. Nome e formação do entrevistado:
3. Quando e como foi formada a coleção?
4. Qual a área física destinada à coleção?
5. Qual o público-alvo da coleção?
6. Existe controle de umidade e temperatura?
7. Existe programa de restauração para as obras da instituição?
8. Qual a importância da coleção de obras raras dentro da instituição?
9. Existem visitas orientadas ao setor?
10. Qual o tamanho do acervo?
11. Qual a classificação documentária utilizada na coleção?
12. O acervo encontra-se catalogado?
13. Se a resposta anterior for positiva, qual o sistema de automação adotado?
14. Quais são as áreas do conhecimento abrangidas pelo acervo? Quais as áreas com maior concentração de itens?
15. Dessas áreas, qual delas é mais utilizada pelos pesquisadores?
16. Qual a média de consultas ao acervo, mensalmente?
17. Como é realizada a consulta às obras? É permitido o empréstimo?
18. A Biblioteca possui um catálogo de obras raras publicado?
19. Se a resposta anterior for positiva, como se deu a seleção de obras a

serem arroladas no catálogo?
20. A biblioteca realiza inventário das obras raras?

BLOCO B
21. Quem é o responsável pela coleção e a sua área de formação?
22. Quantas pessoas trabalham no setor?
23. Qual a área de formação dos funcionários do setor?
24. O número de funcionários é suficiente?
25. Algum funcionário já fez um curso de formação em obras raras?

BLOCO C
26. Qual a obra mais antiga da instituição?
27. Qual a obra mais rara da instituição?
28. Cite alguns destaques da coleção:
29. Existe transferência de itens do acervo geral para a seção de obras raras?
30. Se a resposta da questão anterior for positiva, como é realizada essa transferência?
31. A instituição efetua compra de obras raras:
32. A biblioteca realiza permuta de obras raras?
33. Quantos livros são incorporados à coleção, anualmente, em média?
34. Possui documento formal contendo os critérios de seleção?

BLOCO D
Assinale o grau de importância dos fatores que influenciam a decisão pela

incorporação de um item ao setor de obras raras:
<p>35. Limite histórico</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>36. Primeiras edições</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>37. Encadernações de época</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>38. Manuscritos de escritores renomados</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>39. Obras escritas por ou que pertenceram a pessoas importantes da instituição:</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>40. Obras proibidas, censuradas ou repudiadas pelo autor</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>41. Obras muito utilizadas que a biblioteca possua um só exemplar</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>42. Obras com qualquer erro de impressão</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>43. Obras esgotadas muito procuradas no acervo geral da instituição</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>

<p>44. Obras em estado de conservação ruim, que necessitem ser preservadas</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>45. Indicação de professores e especialistas da área não ocorreu ainda</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>46. Indicação de bibliófilos</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>47. Indicação de superiores</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>48. Existência de exemplar idêntico em outra coleção de obras raras</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>49. Valor de mercado do item</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>50. Presença de ex libris</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>
<p>51. Presença de assinatura de pessoas famosas</p> <p><input type="checkbox"/> Muita importância</p> <p><input type="checkbox"/> Importante</p> <p><input type="checkbox"/> Pouca importância</p> <p><input type="checkbox"/> Nenhuma importância</p>

BLOCO E

52. Para a seleção e descrição das obras, é realizada pesquisa bibliográfica?

53. Se a resposta anterior for positiva, indique as fontes nos quais é realizada a pesquisa:
54. A biblioteca realiza pesquisa para saber o valor de mercado dos itens?
55. É realizada análise bibliológica dos itens?
56. Assinale o(s) itens que são observados na etapa de análise bibliológica:
57. Detalhes do item são registrados na catalogação?

BLOCO F

Indique o grau de concordância em relação às afirmativas abaixo:
58. O objetivo principal de uma coleção de obras raras é a preservação da memória: <input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Concordo parcialmente <input type="checkbox"/> Discordo <input type="checkbox"/> Não tenho opinião
59. O potencial informacional das obras raras é pouco explorado. <input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Concordo parcialmente <input type="checkbox"/> Discordo <input type="checkbox"/> Não tenho opinião
60. As obras raras devem ter o mínimo possível de consultas, para que os suportes sejam preservados. <input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Concordo parcialmente <input type="checkbox"/> Discordo <input type="checkbox"/> Não tenho opinião
61. As coleções de obras devem ser instrumentos de marketing institucional. <input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Concordo parcialmente <input type="checkbox"/> Discordo <input type="checkbox"/> Não tenho opinião
62. O valor monetário das obras justifica a restrição do acesso às coleções de obras raras. <input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Concordo parcialmente <input type="checkbox"/> Discordo <input type="checkbox"/> Não tenho opinião

<p>63. A fragilidade dos suportes justifica a restrição do acesso às obras raras.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo</p> <p><input type="checkbox"/> Não tenho opinião</p>
<p>64. A bibliofilia e a biblioteconomia de obras raras possuem os mesmos objetivos.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo</p> <p><input type="checkbox"/> Não tenho opinião</p>
<p>65. A seleção de obras raras é uma tarefa árdua, que exige pesquisa e dedicação.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo</p> <p><input type="checkbox"/> Não tenho opinião</p>
<p>66. A construção de critérios de seleção para uma coleção de obras raras é essencial.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo</p> <p><input type="checkbox"/> Não tenho opinião</p>
<p>67. O que é raro no Brasil será necessariamente raro no Japão.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo</p> <p><input type="checkbox"/> Não tenho opinião</p>
<p>68. A idade da obra é o principal fator a ser considerado para que se julgue sua raridade.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo</p> <p><input type="checkbox"/> Não tenho opinião</p>